

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Socioeconômico
Departamento de Economia e Relações Internacionais
Curso de Graduação em Ciências Econômicas

EMILY PISTOR

**A DESIGUALDADE DAS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS
ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO DA MARCHA ATLÉTICA
BRASILEIRA.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Ciências Econômicas do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do título de Bacharela em Ciências Econômicas. Orientador: Prof. Dr. Fábio Pádua dos Santos.

Florianópolis, 2020.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Socioeconômico
Departamento de Economia e Relações Internacionais
Curso de Graduação em Ciências Econômicas
Disciplina: monografia – CNM 5420
Projeto de monografia para execução no semestre 20/1

A DESIGUALDADE DAS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS ATLETAS DE ALTO
RENDIMENTO DA MARCHA ATLÉTICA BRASILEIRA.

Florianópolis, 2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pistor, Emily

A DESIGUALDADE DAS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS ATLETAS
DE ALTO RENDIMENTO DA MARCHA ATLÉTICA BRASILEIRA / Emily
Pistor ; orientador, Fábio Pádua dos Santos, 2020/1.
146 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio
Econômico, Graduação em Ciências Econômicas, Florianópolis,
2020/1.

Inclui referências.

1. Ciências Econômicas. 2. Desigualdade; Marcha
Atlética; Desenvolvimento Econômico.. I. Pádua dos Santos,
Fábio . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Ciências Econômicas. III. Título.

Emily Pistor

A DESIGUALDADE DAS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS ATLETAS DE ALTO
RENDIMENTO DA MARCHA ATLÉTICA BRASILEIRA.

O presente trabalho de conclusão de curso foi avaliado e aprovado pela banca examinadora
composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Gueibi Peres, Dr.(a)

UFSC

Prof.(a) Nilso Ouriques, Ms.(a)

UNOESC

Prof.(a) Fábio Pádua dos Santos, Dr.(a)

UFSC

Certifico que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel em Economia por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Prof.(a) Fábio Pádua dos Santos, Dr.(a)

Orientador(a)

Florianópolis, 15 de março de 2021.

RESUMO

A pesquisa de monografia tem por objetivo mostrar a relação entre as condições socioeconômicas dos atletas da Marcha Atlética brasileira com a performance obtida no alto rendimento. Para tanto, responde-se a seguinte pergunta: Quais são as condições socioeconômicas dos atletas de Marcha Atlética do Brasil que contribuem para o desempenho deles em competições de alto rendimento? A hipótese afirma que há desigualdade de condições entre os atletas e isso afeta o desempenho deles na Marcha Atlética, principalmente quando se refere a atletas de níveis olímpicos, refletindo a desigualdade de condições presente na sociedade brasileira. A análise dos dados foi possível através de um questionário enviado para os atletas, comparando com revisões bibliográficas, principalmente com as condições de vida do brasileiro através da Pesquisa de Orçamento das Famílias do IBGE. Verificou-se que a condição socioeconômica dos atletas da Marcha Atlética brasileira identifica falhas no processo de transição para o alto rendimento esportivo que atuam como barreira de entrada aos atletas que desejam pertencer ao grupo competitivo. Como resultado, foi mapeado as principais características do perfil socioeconômico dos atletas da Marcha Atlética; identificando que as principais limitações dos atletas brasileiros são além de desigualdade de gênero e preconceito à prática da marcha atlética, o grau de instrução da família e renda.

Palavras-chave: Desigualdade. Marcha Atlética. Desenvolvimento Econômico.

ABSTRACT

The monograph research aims to show the relationship between the socioeconomic conditions of the athletes of the Brazilian Racewalk and the performance obtained in high performance. To this end, the following question is answered: What are the socioeconomic conditions of athletes of Brazilian Racewalk that contribute to their performance in high performance competitions? The hypothesis states that there is inequality of conditions among athletes and this affects their performance in the Athletic March, especially when referring to athletes of Olympic levels, reflecting the inequality of conditions present in Brazilian society. Data analysis was possible through a questionnaire sent to the athletes, comparing with bibliographic reviews, mainly with the living conditions of Brazilians through the IBGE Household Budget Survey. It was verified that the socioeconomic condition of the athletes from Brazilian Racewalk identifies flaws in the transition process to high sports performance that act as an entry barrier to athletes who wish to belong to the competitive group. As a result, the main characteristics of the socioeconomic profile of the athletes of the Racewalk were mapped; identifying that the main limitations of Brazilian athletes are in addition to gender inequality and prejudice to the practice of athletic gait, the level of education of the family and income.

Keywords: Inequality; Racewalk; Economic Development.

SIGLAS E ABREVIACÕES

AUS – Austrália
CAN – Canadá
CBAT – Confederação Brasileira de Atletismo
CHN – China
CZE – República Tcheca
DEU – Alemanha
ECU – Equador
ESP – Espanha
EUN – Equipe Unificada
FARG – Faculdade do Rio Grande
GBR – Grã Bretanha
GRE – Grécia
GUA – Guatemala
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IRL – Irlanda
ITA – Itália
JPN – Japão
LAT – Letônia
MEX – México
NOR – Noruega
PIB – Produto Interno Bruto
PNB – Produto Nacional Bruto
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
POL – Polônia
RDA – República Democrática Alemã
RUS – Rússia
SVK – Eslováquia
SOGIPA – Sociedade de Ginástica de Porto Alegre
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USA – Estados Unidos da América
USIPA – Associação Esportiva e Recreativa Usiminas
World Athletics – Associação Internacional de Federações de Atletismo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Quadro de países com medalhistas nas provas Olímpicas de Marcha Atlética	12
Figura 2 - Top 5 Países Medalhistas por Jogos Olímpicos: 1992-2016.	14
Figura 3 - Gráfico dos dados socioeconômicos – número de moradores.....	57
Figura 4 - Gráfico de dados socioeconômicos – posse de bens e serviços.....	59
Figura 5 - Gráfico de dados socioeconômicos – renda familiar mensal.....	61

LISTA DE TABELA

Tabela 1- Tabela de pontuações	52
--------------------------------------	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. TEMA E PROBLEMA.....	10
1.2. PERGUNTA DA PESQUISA.....	15
1.3. OBJETIVOS	15
1.3.1. Objetivo Geral	15
1.3.2. Objetivo específico.....	15
1.4. JUSTIFICATIVA	15
1.5. METODOLOGIA.....	18
1.6. ESTRUTURA DO TRABALHO	20
2. REFERÊNCIAL TEÓRICO	22
2.1. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO	22
2.2. FORMAÇÃO ESCOLAR E ESPORTIVA.....	29
2.3. ANÁLISE DOS FATORES SOCIOECONÔMICOS.....	36
3. HISTÓRICO DA MARCHA ATLÉTICA.....	40
3.1. HISTÓRIA DA MARCHA ATLÉTICA NO BRASIL.....	44
3.2. EVOLUÇÃO DA MARCHA ATLÉTICA NO BRASIL	45
4. DIMENSÃO ECONÔMICA DA MARCHA ATLÉTICA	49
5. PERFIL SOCIOECONÔMICOS DOS ATLETAS BRASILEIROS DA MARCHA ATLÉTICA E RENDIMENTO ESPORTIVO	55
5.1. CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS	56
5.1.1 Tipo de moradia e condições da ocupação	56
5.1.2 Número de moradores.....	56
5.1.3 Arranjo Familiar	57
5.1.4 Situação do domicílio.....	58

5.1.5	Nível de Instrução	60
5.1.6	Renda familiar	61
5.1.7	Educação formal e acesso à cultura	64
5.1.8	Formação esportiva	66
5.1.9	Alto rendimento esportivo	68
5.1.10	Condições socioeconômica dos atletas de nível mundial e olímpico	74
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS: CARACTERÍSTICAS E PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO DA MARCHA ATLÉTICA	77
	REFERÊNCIAS	81
	ANEXO: Questionário	88

1. INTRODUÇÃO

1.1. TEMA E PROBLEMA

O talento esportivo é um adjetivo comumente utilizado pela maioria das pessoas para negar o trabalho oculto desempenhado pelos atletas para obter um maior rendimento esportivo.

De acordo com Bertolino (2020) o corpo humano não foi arquitetado para suportar os extremos alcançados no esporte de alto rendimento, tudo isso é uma questão de adaptação, e a forma que o atleta encontra para se adaptar é desenvolver suas capacidades com o incremento de cada vez mais trabalho, não somente o seu trabalho, mas de toda uma indústria que envolve o meio esportivo desde a saúde, alimentação, vestuário e transporte. Para que um atleta possa competir em alto rendimento na prova de Marcha Atlética sua quilometragem diária executada deve equivaler a sua prova e incluir os trabalhos de fortalecimento, alongamento e flexibilidade, alimentação ajustada as necessidades, relaxamento e descanso, para que o atleta não se lesione e melhore seu desempenho esportivo continuamente. Vale ressaltar também que os atletas têm a necessidade de uma disponibilidade de tempo para competir e treinar em locais variados que permitam ampliar suas capacidades.

Para Proni (1998) o esporte moderno tem suas origens primitivas no trabalho, ou seja, para que o ser humano primitivo pudesse sobreviver era necessário que ele desenvolvesse habilidades que o permitissem a sua busca pelo alimento de cada dia. Correr, caminhar, lançar e arremessar faziam parte de um leque de movimentos humanos desenvolvidos ao longo dos anos para obter o seu sustento e dos demais.

Desde o início da revolução industrial o modo de vida dos indivíduos mudou e o esporte foi se tornando uma indústria de alcance global e atualmente concentra sua atenção nos megaeventos esportivos, através desses eventos cuja reprodução midiática tem alcançado o mundo todo, é percebido que o esporte tem se tornou mais do que algo lúdico e recreativo. A sistematização do treinamento esportivo requer uma disponibilidade de tempo e trabalho muito grande para alcançar o objetivo final que é a espetacularização da performance atlética. De acordo com Pires (2011) a interação da mídia com o esporte começa quando se percebe a vantagem de utilizar o esporte de forma mercantil, não só para satisfazer o telespectador como também para atrair audiência para o mercado publicitário.

É nesse contexto que está inserida a Marcha Atlética, que de acordo com Bertolino (2002) é uma das provas mais antigas do atletismo e está presente nos Jogos Olímpicos desde a edição realizada na Grécia no ano de 1906. Ao longo dos anos o Brasil veio desenvolvendo um potencial na Marcha Atlética e obtendo um número expressivo de participações em diversas edições dos Jogos Olímpicos de Verão, na edição de Seul 1988 foi convocado um atleta, na edição de Barcelona 1992 foram convocados quatro atletas, em Atlanta 1996 foram convocados dois atletas e a porcentagem de representatividade dos atletas foram respectivamente 16,6%, 44,4% e 22,2%. Com exceção de Seul 1988 que ainda não havia a marcha atlética feminina, nas outras edições o número de vagas para a equipe brasileira eram nove, sendo três para os 20km masculino, três para os 50km masculino e três para os 20km feminino. Com base nas convocações feitas pelo órgão máximo do atletismo brasileiro - Confederação Brasileira de Atletismo- nos anos posteriores ocorreu a inclusão feminina na equipe brasileira. Na edição de Atenas 2004 foram convocados três representantes no masculino e uma no feminino, na edição de Pequim 2008 foram três atletas convocados, uma na categoria feminina e dois na categoria masculina, em Londres 2012 o Brasil contou com a participação de um atleta na categoria masculina e no Rio 2016 foram convocados sete atletas. A evolução da representatividade foi respectivamente 44,4%, 33,3%, 11,1% e 77,7%, nessa última Olimpíada ocorreu a maior convocação de todas as edições, e a maior representação de atletas dentro do atletismo em provas individuais, foram duas na categoria feminina e cinco nas categorias masculinas. Ainda obteve o melhor resultado da Marcha Atlética de todas as edições, um quarto lugar, sendo o segundo melhor resultado das Olimpíadas, perdendo apenas para o Ouro Olímpico no Salto com Vara.

Os atletas da Marcha Atlética brasileira vêm competindo no alto rendimento mundial desde Seul 1988 e conquistaram uma medalha em um megaevento esportivo, um bronze no Campeonato Mundial de Atletismo realizado em Londres no ano de 2017. Até o momento nenhuma em Olimpíadas. Antes de competir não tem como saber o resultado exato ou quem será campeão, mas se observar o quadro de medalhas da Marcha Atlética dos últimos Jogos Olímpicos pode-se perceber que os países Europeus, Norte Americanos, Asiáticos e Oceania estão melhores que os países da América Latina, que são exceções quando o assunto é medalha olímpica, conforme consta na tabela abaixo:

Figura 1- Quadro de países com medalhistas nas provas Olímpicas de Marcha Atlética

Jogos Olímpicos	50 KM – MAS			20 KM – MAS			20 KM - FEM		
	Ouro	Prata	Bronze	Ouro	Prata	Bronze	Ouro	Prata	Bronze
Seul (1988)	URSS	RDA	RDA	CZE	RDA	ITA	-	-	-
Barcelona (1992)	EUN	MEX	DEU	ESP	CAN	ITA	CHN	EUN	CHN
Atlanta (1996)	POL	RUS	ESP	ECU	RUS	MEX	RUS	ITA	CHN
Sydney (2000)	POL	LAT	MEX	POL	MEX	RUS	CHN	NOR	ESP
Atenas (2004)	POL	RUS	RUS	ITA	ESP	AUS	GRE	RUS	AUS
Pequim (2008)	ITA	AUS	RUS	RUS	ECU	AUS	RUS	NOR	ITA
Londres (2012)	AUS	CHN	IRL	CHN	GUA	CHN	CHN	CHN	CHN
Rio de Janeiro (2016)	SVK	AUS	JPN	CHN	CHN	AUS	CHN	MEX	CHN

Fonte: World Athletics e Olympic Games Org, desenvolvido pela autora. Acessado em 18/03/2020.

De acordo com Neto e Bertussi (2015) existem algumas variáveis que estão relacionadas ao sucesso Olímpico, como alta urbanização, altas taxas de alfabetismo, homogeneidade linguística e racial, não homogeneidade religiosa. Economicamente, a relação das vantagens competitivas está correlacionada com alto PNB, alto PIB per capita, bom status financeiro internacional e uma economia bem desenvolvida e autossustentável. Outros fatores podem estar relacionados com a obtenção de resultados dos brasileiros, o que a pesquisa busca elucidar é algo pouco enfatizado nas literaturas brasileiras e que de certa forma é decisiva na obtenção de resultados. A desigualdade das condições socioeconômicas em que os atletas vivem.

Apesar de estarmos falando dos atletas de Marcha Atlética, eles estão inseridos em um ambiente comum a todos os brasileiros, não podemos tratar os atletas como se vivessem isolados, e analisando as estatísticas do Brasil pode-se perceber a vulnerabilidade em que a população se encontra. Falta de estrutura básica e educação, altas taxas de desemprego e renda per capita baixa são os fatores agravantes que afetam os brasileiros. De acordo com o relatório do PNUD 2019, o Brasil detém 7,4% da sua população na extrema pobreza e a renda per capita dos brasileiros é de R\$ 1.268, menos de um salário-mínimo e meio. A taxa de desemprego de acordo com o IBGE foi de 12,2% no primeiro trimestre de 2020, taxa de 6,8% de analfabetos maiores de 15 anos e a média de anos de estudo a partir dessa idade é de 8,2 anos, o que representa baixo nível de escolaridade, não contemplando por exemplo graduação e mestrado.

De acordo com Diniz (2016) no atletismo brasileiro 11% dos atletas profissionais possuem ensino superior completo número esse muito baixo comparado ao total da população brasileira e eles não possuem vínculos empregatícios com os clubes para que forneçam garantias básicas, em caso de lesões ou gravidez por exemplo. Dessa forma, os estudos e a base científica dos treinadores brasileiros se torna necessário para o desenvolvimento da Marcha Atlética no cenário mundial assim como a necessidade de outros idiomas para acompanhar essa evolução, e por sua vez o próprio campo da pesquisa científica passa a abranger os atletas possibilitando uma igualdade de condições com os atletas internacionais.

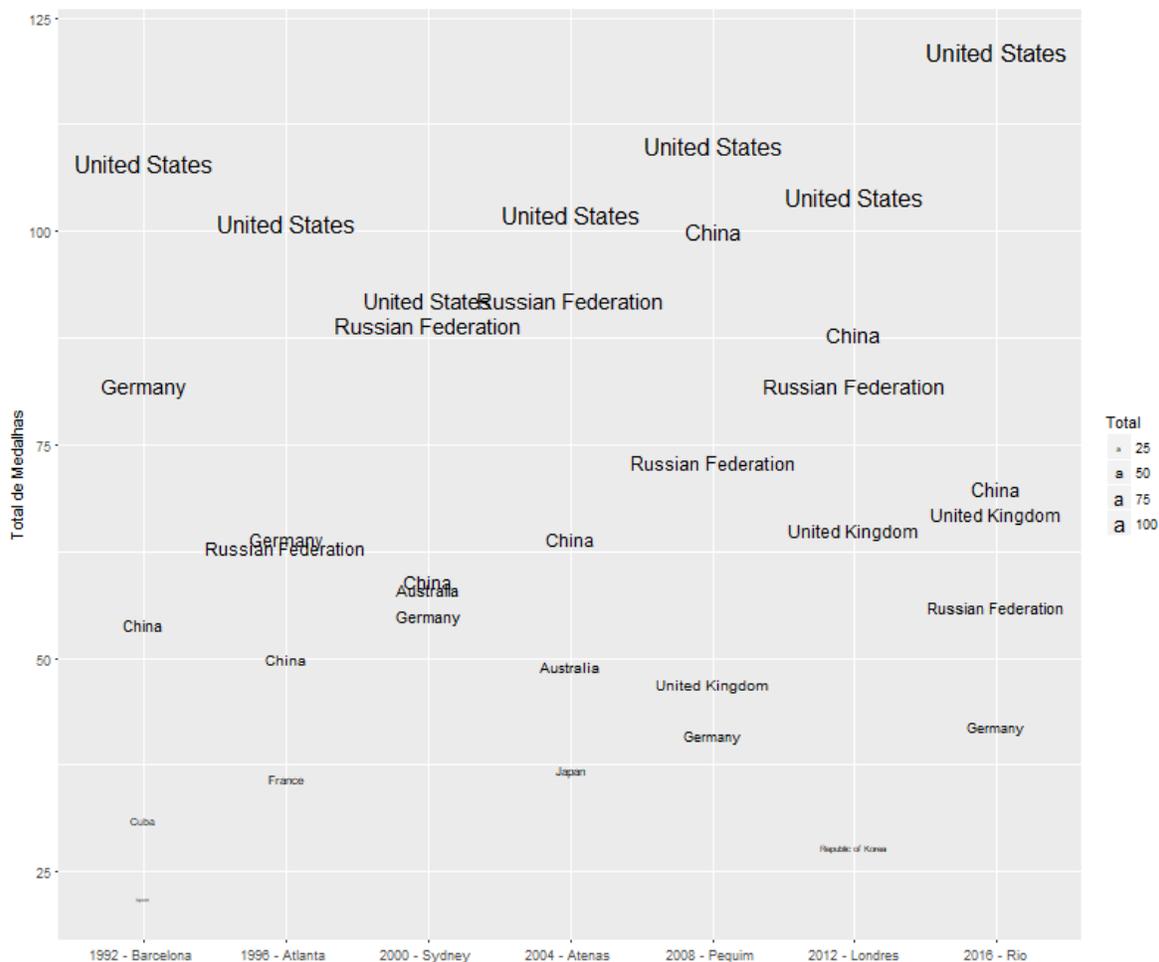
De acordo com Bertolino (2002) falta de competições, estruturas de treinamento, premiações em dinheiro e intercâmbio internacional podem trazer limitações aos marchadores brasileiros que buscam uma vivência esportiva no alto rendimento, a falta de centros de treinamentos no Brasil e a inclusão da Marcha Atlética em todas as competições de atletismo nas categorias de base também limita um possível avanço da modalidade.

No cenário mundial, como ressalta Proni (1998) a constituição da sociedade moderna segue uma característica baseada no aprimoramento do “pensamento científico inglês”, o esporte assim se configurou. A globalização e a tecnologia evoluem rápido e os atletas precisam absorver essa mudança para competir internacionalmente, visto que as normas e regras esportivas são ditadas por órgãos internacionais. Equipamentos necessários para a prática são importados de países com uma tecnologia avançada, o que faz com que os preços se tornem alto para os padrões de vida de um cidadão médio brasileiro. No caso da Marcha Atlética, com as últimas atualizações da WA – Associação Internacional de Atletismo -na mudança dos critérios de convocação para os Jogos Olímpicos de Tóquio previsto para acontecer em 2021 devido a pandemia do Coronavírus, para que o atleta brasileiro consiga obter a qualificação para disputar os jogos é necessário obter pontuações em competições que na maior parte são realizadas em países europeus em eventos mundiais e *challenges*.

De acordo com os dados coletados no site Olympic Games Data é possível perceber que a apropriação do percentual da riqueza mundial e o percentual de medalhas conquistadas em Jogos olímpicos possuem uma relação positiva entre eles. Os atletas de países subdesenvolvidos cujo país apresenta baixo desempenho econômico global, como no caso brasileiro possuem pouca representatividade. Identificamos ainda que os países vitoriosos

dos Jogos Olímpicos são praticamente os mesmos nas últimas sete edições, e suas condições socioeconômicas encontram-se melhores que as observadas no Brasil.

Figura 2 - Top 5 Países Medalhistas por Jogos Olímpicos: 1992-2016.



Fonte: Olympic Games Data. Elaborado pela autora.

Segundo o relatório de 2019 do PNUD, que avaliou o IDH dos países nos âmbitos de educação, saúde e renda, os Estados Unidos da América campeão no saldo de medalhas das últimas cinco Olimpíadas demonstrou um índice de 0,920 o que representa uma alta taxa de desenvolvimento humano assim como os respectivos países exceto Brasil, a média de escolaridade dos estadunidenses após os 15 anos foi de 16,3, o PIB per capita de 56.140,00 dólares e o desemprego seguiu a taxa de 3,9%.

1.2. PERGUNTA DA PESQUISA

Dessa forma, a pesquisa está buscando responder a seguinte pergunta: Quais são as condições socioeconômicas dos atletas de Marcha Atlética do Brasil que contribuem para o desempenho deles em competições de alto rendimento?

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. Objetivo Geral

Mostrar a desigualdade de condições socioeconômicas dos atletas brasileiros de marcha atlética através dos resultados obtidos na modalidade.

1.3.2. Objetivo específico

- Apresentar um breve histórico sobre a Marcha Atlética no mundo e no Brasil
- Evidenciar a dimensão econômica da Marcha Atlética no mundo.
- Comparar os dados socioeconômicos dos atletas da Marcha Atlética brasileira com a POF.
- Caracterizar a desigualdade socioeconômica dos atletas de acordo com os resultados obtidos por eles na Marcha Atlética.

1.4. JUSTIFICATIVA

Quando iniciei na escolinha de atletismo ainda na infância como um mero passatempo lúdico não sabia o quanto o esporte poderia influenciar a minha vida e se tornar uma possibilidade de carreira profissional. Em uma prova do atletismo pouco conhecida naqueles anos, tive a oportunidade de ser treinada por um dos seletos atletas que representaram a seleção brasileira de atletismo em uma Olimpíada, o que influenciou a minha especialização esportiva na prova da Marcha Atlética.

Porém, na continuidade do meu processo de formação esportiva é possível perceber o esporte interrelacionado com vários fatores socioeconômicos do cotidiano como estrutura familiar, educação diversificada e inclusiva, políticas municipais e nacionais de incentivo ao

esporte e principalmente disponibilidade de recursos financeiros para se manter competindo no alto rendimento, mesmo sem nenhuma segurança de algum retorno financeiro futuro. Como ressalta Miranda (2007)“o investimento feito pelos atletas é alto e a recompensa final nem sempre é certa, considerando que a carreira atlética é um investimento que é resultado de anos”.

Dessa forma, o processo de especialização se trata de uma escolha comum a todas as crianças da mesma faixa etária, mas ao longo do tempo vai se mostrando um processo desigual, de privilégios e com várias limitações como condições socioeconômicas. De acordo com Arena e Bohme (2000) a fase da especialização esportiva envolve não somente características biológicas e ambientais mas também socioculturais, onde é necessário um envolvimento de pessoas próximas ao atleta como família e treinador e também de pessoas distantes do convívio, com decisões que impactam diretamente a vida do atleta. Não possuir as condições socioeconômicas básicas pode levar a exclusão do atleta do processo de formação logo nas fases iniciais.

O fato de obter ganho financeiro na fase de especialização, pode fazer com que alguns atletas continuem treinando e se dedicando ao esporte e aos estudos, porém quando o ganho financeiro no esporte passa a ser prioridade nessas fases, demonstra a falta de planejamento de carreira para os atletas, que podem acabar desistindo dos estudos para aumentar seu rendimento monetário, deixando de lado o fator do crescimento humano. Nesse contexto Azevedo et al (2017) reforça que no processo de conciliação da formação escolar e esportiva as relações econômicas estabelecidas entre o atleta e o esporte transformam o ganho inicial na motivação principal, que pode levar a comprometer os estudos.

Fica evidente o papel da família como determinante na escolha das importâncias atribuídas às formações esportiva e escolar. Ela é capaz de determinar, por meio do nível de escolarização dos pais, por exemplo, a questão da priorização atribuída às demandas escolares e esportivas. Além disso, pode impactar na medida em que a aposta esportiva de um estudante atleta passe a se tornar a aposta esportiva de toda a família que, nesse caso, não mediria esforços para que essa difícil missão de profissionalização no esporte se concretizasse para que todos possam posteriormente desfrutar de suas benesses financeiras. (AZEVEDO et al., p.195, 2017)

Assim, ao entrar na categoria adulta do alto rendimento brasileiro onde se encontram atletas bem preparados e com experiência, é notado uma fase crítica de transição da categoria juvenil para a categoria principal, a fase em que se percebe que as condições socioeconômicas

são desiguais, tornando-se um fator limitante a melhora das capacidades esportivas para que o atleta consiga se manter no alto rendimento.

Com campeonatos de nível extremamente elevado, e recordes sendo constantemente quebrados, e com crescente utilização de tecnologia, mostra-se cada vez mais importante para os atletas obter o treinamento necessário para atingir o nível profissional, entretanto, tal treinamento requer certas estruturas que exigem ao atleta gastos que raramente podem ser assumidos sem auxílio externo. (DINIZ, p.18, 2016)

Dificuldades estruturais, falta de acessos e desigualdades socioeconômicas são encontradas pelos atletas ao longo do processo de formação. Seguir as regras do esporte de alto rendimento mundial também pode se tornar uma limitação. Ao acompanhar as regras da *World Athletics* que conduz o atletismo mundial é possível perceber que elas podem se tornar uma barreira à entrada dos atletas de países com menor desempenho econômico mundial, limitando a inserção desses atletas no esporte de alto rendimento através de normativas e regras que determinam local e grau de importância através de um sistema de pontuação para as competições válidas como acesso aos Jogos Olímpicos. O mesmo órgão também possui o poder de determinar quais os equipamentos podem e devem ser utilizados, e quais os resultados precisam ser conquistados para se ter acesso aos megaeventos esportivos, sendo um dos principais meios de entrada, a disponibilidade de renda para se inserir nesse ambiente esportivo internacional.

Assim, conhecendo a realidade brasileira pode-se perceber que as estatísticas sociais se mostram desfavorável ao desenvolvimento humano, e favorável as desigualdades sociais, de gênero e renda. As limitações acompanham a população ao longo da vida, desde o baixo nível de alfabetização até a inacessibilidade ao ensino superior, da falta de estrutura familiar a um alto nível de desemprego. Portanto, considerar o contexto socioeconômico é fundamental para analisar quais são as vantagens e desvantagens que possibilitam ou limitam o acesso dessa amostra da população que se destina a seguir uma carreira esportiva em um país subdesenvolvido e carente de políticas públicas adequadas para um desenvolvimento esportivo com igualdade de condições.

1.5. METODOLOGIA

Para Konder (2008) tudo que o ser humano cria ou percebe na natureza faz parte de um todo e cada ação realizada por ele inevitavelmente se relaciona com vários problemas interligados, e para que se possa encontrar uma solução para esses problemas é ter uma visão que agregue o conjunto, porque é a partir desse conjunto que pode ser analisado a dimensão de cada parte de um todo. Um indivíduo por sua vez pertence a um núcleo familiar, que está inserido em um ambiente social sujeito a comportamentos e relacionamentos entre pessoas que se organizam baseado em normas e leis. Para que alguém possa se tornar um atleta é preciso fazer parte de uma estrutura social preexistente, - estrutura essa baseada em hierarquias – ter acesso a uma escola que possibilite o contato com o esporte, que o leve a fazer parte de um outro núcleo social, o núcleo esportivo. Começando por um clube de esporte da cidade, depois federação estadual, confederação nacional e por fim associação internacional. A marcha atlética segue esse mesmo processo hierarquizado, porém para subir os degraus da hierarquia é necessário ter acesso a estruturas, serviços e produtos que podem não ser disponibilizados pelo Estado, e onde as condições econômicas se torna uma variável necessária no progresso do desempenho esportivo.

De acordo com Gil (1989) o que torna a pesquisa científica confiável é a sua verificabilidade, ou seja, tem o poder de identificar a forma e o caminho seguido que possibilitou chegar ao conhecimento. Para desenvolver a pesquisa na área das ciências sociais é empregado o método exploratório, que permite que o pesquisador desenvolva, esclareça e modifique conceitos e ideias através da formulação de hipóteses que podem ser consultadas para posteriores estudos na área. Dessa forma, também visa aproximar o leitor ao estudo de algo ainda não explorado.

Devido à falta de pesquisas sobre o objeto específico proposto no estudo, primeiramente é feita uma revisão de literatura sobre o objeto de forma geral - o atleta – que também se encontra inserido em um comum processo de formação esportiva e educacional, visando facilitar a compreensão do processo de formação do atleta de Marcha Atlética. De acordo com Gil (1989, p. 71) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, constituídos principalmente de livros e artigos científicos”. É feito também uma pesquisa documental, devido a necessidade de incluir documentos que não receberam nenhum tratamento analítico posterior, como os documentos oficiais elaborados pela

Associação Internacional de Atletismo. É utilizado também reportagens e documentos já analisados anteriormente, como os relatórios do IBGE e PNUD.

Através dessa revisão e com uma análise dos dados socioeconômicos dos marchadores busca-se de acordo com Gil (1989) mostrar quais os fatores contribuem ou não com os fenômenos apresentados pela pesquisa explicativa.

A pesquisa social visa fornecer respostas tanto a problemas determinados por interesse intelectual, quanto por interesse prático. Interessa, pois, na formulação do problema determinar qual a sua relevância em termos científicos e práticos. Um problema será relevante em termos científicos à medida que conduzir à obtenção de novos conhecimentos. Para se assegurar disso, o pesquisador necessita fazer um levantamento bibliográfico da área, entrando em contato com as pesquisas já realizadas, verificando quais os problemas que não foram pesquisados, quais os que não o foram adequadamente e quais os que vêm recebendo respostas contraditórias. (Gil, (1989, p. 54)

Relacionar variáveis socioeconômicas com o desempenho esportivo na Marcha Atlética foi resultado de uma construção mental com o intuito de inserir a diversidade cultural nos estudos acadêmicos e formalizar essa hipótese de pesquisa como algo inovador. De acordo com Gil (1989) a construção da hipótese enunciada: Quais são as condições socioeconômicas dos atletas de Marcha Atlética do Brasil que contribuem para o desempenho deles em competições de alto rendimento? Se testada essa hipótese, ela leva a determinação da validade da pesquisa? A inserção das variáveis busca relacionar uma variável independente que nesse caso são as condições socioeconômicas de outra dependente que é o desempenho esportivo no alto rendimento.

Para que seja possível mensurar as variáveis empíricas utilizadas para demonstrar a relação entre elas Gil (1989, p. 81) denominou “processo lógico de operacionalização” como o caminho que permite interpretar uma variável complexa como as condições socioeconômicas. A aplicação de um questionário se fez de suma importância para identificar os elementos presentes em uma variável ampla como a utilizada nessa pesquisa. Dessa forma, a seleção de uma amostra foi necessária para obter uma representação da população feita através de uma amostragem não probabilística por acessibilidade, onde constam todos os atletas identificados na categoria adulta do alto rendimento brasileiro nas três provas olímpicas de marcha atlética no ano de 2019, excluindo outras provas de Marcha Atlética presentes no ranking.

A coleta de dados foi feita através da plataforma online do *google forms* (ver anexo) e enviada aos integrantes da amostra via e-mail. Para Gil (1989) a elaboração de um questionário busca representar os objetivos específicos pré-elaborados, assim os objetivos da pesquisa foram tratados em forma de diagrama para obter uma melhor visualização do processo de experiências preexistentes.

1.6. ESTRUTURA DO TRABALHO

Essa seção contém a apresentação do tema abordado em cada capítulo da pesquisa, para facilitar a observação do assunto presente em todos os tópicos do trabalho. O início da apresentação parte do segundo capítulo, o referencial teórico e termina com as conclusões finais.

No capítulo dois, na primeira seção sobre desenvolvimento econômico apresenta-se as características para a obtenção do desenvolvimento econômico e melhora nas condições de vida da população de acordo com os estudos de Amartya Sen. Especifica-se quais são as limitações identificadas por ele que podem ser transformadas em oportunidades sociais através do instrumento da liberdade individual, pensando na ampliação das capacidades dos indivíduos e na diversificação e integração econômica e social. Dessa forma, busca-se mostrar o esporte dentro dessa perspectiva como um instrumento para chegar ao desenvolvimento econômico. Ainda no mesmo capítulo, na seção dois, apresenta-se aspectos da formação escolar e esportiva de atletas brasileiros de alto rendimento de outros esportes coletivos e individuais, para ter parâmetro de como o esporte está inserido no contexto social e econômico no Brasil. Na seção três é feita a análise de quais são as limitações e as capacidades presentes na carreira desses atletas profissionais que influenciaram a sua permanência ou desistência no esporte de alto rendimento.

No capítulo três, na primeira seção apresenta-se o histórico da Marcha Atlética na perspectiva europeia e estadunidense, como ocorreu o início da prática e como essa atividade se adaptou as mudanças sociais e econômicas ocorridas ao longo do tempo. Na segunda seção mostra-se como foi a chegada da Marcha Atlética no Brasil, como ocorre a adaptação social e econômica da atividade esportiva no país e seus primeiros resultados conquistados. Na terceira seção, apresenta-se a evolução do desempenho esportivo dos atletas de Marcha Atlética no cenário internacional, mostrando a possibilidade de crescimento dessa carreira

esportiva no Brasil com a obtenção de medalha em Campeonato Mundial e classificações entre os finalistas Olímpicos.

No capítulo quatro, apresenta-se a dimensão econômica da Marcha Atlética mostrando como uma estrutura hierárquica profissionalizada baseada na legitimação de um órgão central de regulação internacional afetam as possibilidades de inserção dos atletas brasileiros nos megaeventos esportivos. Mostra-se também nessa mesma seção como se sustenta a dinâmica econômica esportiva no cenário internacional e a desigualdade existente entre atletas brasileiros e europeus na forma de acesso a eventos que possibilitam a ascensão da carreira esportiva.

No capítulo cinco, seção única, apresenta-se os dados socioeconômicos divididos em subseções, de todos os atletas do ranking nacional do ano de 2019 da Marcha Atlética que responderam ao questionário. As respostas são apresentadas em percentuais e de forma generalizada, levando em consideração primeiramente as alternativas que demonstraram ser a escolha da maior parte dos atletas, comparando-as com os dados socioeconômicos da população brasileira representada através da Pesquisa de Orçamento Familiar do IBGE. Nessa mesma seção consta a apresentação dos dados de forma estratificada, mostrando as diferenças percentuais que demonstram a desigualdade presente entre os atletas do ranking divididos em níveis competitivos nacionais, mundiais e olímpicos.

No capítulo seis, mostra-se a desigualdade socioeconômica como uma percepção dos resultados obtidos através da análise dos dados e das reflexões ao longo da produção científica. A desigualdade de gênero e o preconceito são apresentados como limitações ao crescimento e desenvolvimento da carreira esportiva dos atletas de Marcha Atlética.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

As limitações, falta de oportunidades e privações encontradas pelos atletas em algum momento da trajetória e formação esportiva e escolar estão intimamente relacionadas com o desenvolvimento econômico e podem ser decisivas na carreira esportiva, limitando ou capacitando o processo de crescimento individual e ou coletivo através das políticas públicas voltadas a garantir ou exclusão das oportunidades que podem ou não ser dadas a todos igualmente.

Amartya Sen (2010) define o desenvolvimento econômico como forma de expansão das liberdades individuais, uma visão mais ampla do que apenas a análise de dados macroeconômicos como renda ou crescimento do PNB. Para alcançar o desenvolvimento para ele, é necessário utilizar os instrumentos como um meio, não apenas como fim. É preciso extrair as fontes que privam as liberdades individuais, que são pobreza, falta de oportunidades e intolerância ou interferência de Estados repressivos. Mesmo com a imensa riqueza global, as liberdades são negadas a maioria das pessoas, a falta de liberdade está relacionada com a pobreza econômica visto que essa rouba a liberdade das pessoas de comer, ter acesso a medicamentos, e até mesmo a oportunidade de se vestir ou morar em um ambiente que permita o acesso a saneamento básico. A privação da liberdade também está presente na carência dos serviços públicos, na assistência social, na negação das liberdades políticas e civis impondo restrições participativas da vida social, política e econômica da própria comunidade.

Para Sen (2010) a liberdade das pessoas além de ser parte constituinte do desenvolvimento, fortalece outros tipos de condições gerando um desenvolvimento social. Tudo que as pessoas conseguem realizar é fruto das oportunidades econômicas, liberdades políticas, poder social e condições primordiais como saúde, educação, incentivo e aperfeiçoamento das iniciativas individuais. Quanto maior a liberdade de participação das escolhas sociais e decisões públicas, maior será o progresso das oportunidades. Dessa forma, o esporte se relaciona com vários outros agentes, ele está interligado com a saúde, educação, segurança, comércio, indústria, turismo (...) é um agente transformador que é conduzido pelo

Estado através das decisões públicas, assim torna-se fundamental que os atletas façam parte dessas decisões visando o seu aperfeiçoamento e diversificação social de atividades.

Com a discussão precedente, que a visão da liberdade aqui adotada envolve tanto os processos que permitem a liberdade de ações e decisões como as oportunidades reais que as pessoas têm, dadas as suas circunstâncias pessoais e sociais. A privação de liberdade pode surgir em razão de processos inadequados (como a violação do direito ao voto ou de outros direitos políticos ou civis), ou de oportunidades inadequadas que algumas pessoas têm para realizar o mínimo do que gostariam (incluindo a ausência de oportunidades elementares como a capacidade de escapar de morte prematura, morbidez evitável ou fome involuntária) [...] Ambos os processos e oportunidades têm sua própria importância na abordagem do desenvolvimento como liberdade. Sen (2010, p. 25)

Para Sen (2010) as liberdades e oportunidades são elementos fundamentais do desenvolvimento econômico, e não deve ser estabelecida a partir de sua contribuição efêmera para o crescimento do PNB ou industrialização, dessa forma as liberdades e os direitos muito contribuem para o progresso econômico. Outra forma de liberdade, é a participação no mercado de forma global, dado que sua negação priva as pessoas de se inserirem em um intercâmbio econômico importante para a vida social, mas essa participação não exclui o papel do Estado como fomento social, regulamentação pública e condução dos negócios com vista a enriquecer a vida humana. Assim, para poder participar de eventos esportivos internacionais o esporte deve ser fomentado internamente, é preciso dar oportunidade de acesso a toda a população para que possam participar e se desenvolver.

Para Sen (2010) o desenvolvimento econômico é fruto de um processo de integrações econômicas, sociais e políticas com oportunidade de dialogar abertamente que dessa forma permite reconhecer o papel dos valores e costumes sociais para que as pessoas possam desfrutar. A marcha atlética apesar de trazer muitos resultados e benefícios para o país ainda é pouco difundida social e politicamente, diferente de outros esportes.

Normas comuns podem influenciar características sociais como a igualdade entre os sexos, a natureza dos cuidados dispensados aos filhos, o tamanho da família e os padrões de fecundidade, o tratamento do meio ambiente e muitas outras. Os valores prevalecentes e os costumes sociais também respondem pela presença ou ausência de corrupção e pelo papel da confiança nas relações econômicas, sociais ou políticas. O exercício da liberdade é mediado por valores que, porém, por sua vez, são influenciados por discussões públicas e interações sociais, que são, elas próprias, influenciadas pelas liberdades de participação. Sen (2010, p. 18)

Amartya Sen (2010) enumera cinco tipos distintos de direitos e oportunidades que ajudam a promover a capacidade geral individual, são elas as liberdades políticas, as

facilidades econômicas, as oportunidades sociais, as garantias de transparência e pôr fim a segurança protetora. Assim, “as políticas públicas visando ao aumento das capacidades humanas e das liberdades substantivas em geral podem funcionar por meio da promoção dessas liberdades distintas, mas inter-relacionadas”. Portanto, conhecer, permitir e discutir as necessidades do esporte e dos atletas viabiliza a sua assistência e aperfeiçoamento.

Para Sen (2010) as liberdades não devem ser vistas como o fim de um processo de desenvolvimento, mas sim como um meio, um vínculo entre as diferentes liberdades, como por exemplo as liberdades políticas que são incorporadas como liberdade de expressão e eleições livres que por sua vez ajudam a promover a segurança econômica. A oportunidade social é gerada através de serviços de saúde, educação e esporte facilitando a participação econômica de todos, essas facilidades econômicas ocorrem através da participação das pessoas nos mais diversos setores econômicos gerando abundância individual e recursos públicos para o desenvolvimento dos serviços sociais, fortalecendo umas às outras. Assim, possibilitar que as mais diversas camadas sociais tenham acesso ao esporte desde o processo de formação escolar auxilia na diversificação de oportunidades sociais, gerando uma ampliação do conhecimento, colaborando com diversos setores econômicos e principalmente expandindo as perspectivas do desenvolvimento humano.

Para Sen (2010) a renda e a riqueza constantemente são desejados como os meios para se obter a liberdade de levar uma vida da qual valorizamos, ou seja, a sua utilidade é evidenciada meramente por fornecer liberdades subjetivas. Porém, a renda e a riqueza vão muito além do que realmente é o desenvolvimento econômico, é necessário compreender o processo para se chegar até ele. O desenvolvimento deve estar relacionado a qualidade de vida e com a liberdade que usufruímos como ser humano, ter liberdade aqui significa ser um indivíduo mais social e integrado com a opção de escolher em qual atividade se dedicar.

Em teoria é garantido constitucionalmente a liberdade, então para que fique claro para o leitor é preciso diferenciar e compreender o que seria a liberdade substantiva do ponto de vista econômico. Para Sen (2010) a liberdade é negada quando milhões de pessoas passam fome, sendo essa a privação da própria sobrevivência. Outras formas de privação da liberdade também tornam as pessoas vulneráveis, a subnutrição, falta de acesso a serviços de saúde, tratamento de água, saneamento básico, essas formas de privação da liberdade não só retira os direitos fundamentais do ser humano como também faz com que o indivíduo passe a vida

lutando para a própria sobrevivência. Não há como pensar em melhorar o desempenho esportivo sem garantia dos direitos fundamentais. Mesmo em países ricos é comum a privação aos serviços básicos de saúde, educação, emprego e segurança econômica. A desigualdade de gênero também afeta e priva as liberdades individuais principalmente das mulheres. Assim, para que seja garantido o acesso ao esporte a todos e a sua continuidade, é necessário corrigir as desigualdades que limitam essas liberdades.

De acordo com Sen (2010) a liberdade individual substantiva é essencial para o desenvolvimento econômico, o êxito da sociedade deve decorrer da avaliação dela, dado que ter mais liberdade fornece a oportunidade de obtenção de resultados considerados importantes para as pessoas, porque é a partir dessas pessoas que se avalia o desenvolvimento da sociedade. Dessa forma, para um atleta que não encontra uma oportunidade social de desenvolver sua carreira, o Estado pode ser avaliado como ineficiente nas políticas públicas. Além de ser uma base avaliativa, a liberdade substancial também é considerada um fator determinante da iniciativa individual e conseqüentemente social, influenciando o mundo no processo de desenvolvimento através de ações econômicas, sociais e políticas. Dessa forma, um atleta pode influenciar as novas gerações a desempenharem atividades físicas voltadas ao alto rendimento, visto que sem atletas hoje possivelmente não terão atletas amanhã.

Como forma de análise da renda e das capacidades, Sen (2010) leva em conta que a privação das capacidades podem estar intimamente relacionadas com as formas de análises convencionais como o baixo nível de renda. Porém, o baixo nível de renda também está ligado com a privações individuais, como a falta de acesso à educação (analfabetismo), baixas condições de saúde, fome e subnutrição. Ou seja, se houver acesso a saúde, educação e esporte assim como outras formas de capacidades e liberdades, conseqüentemente as rendas auferidas serão mais altas, haverá a liberdade de acesso e oportunidade que poderão levar ao desenvolvimento.

Para Sen (2010) a pobreza e a desigualdade são formas de privação da liberdade, privando os indivíduos das capacidades básicas não somente da renda. A mudança de perspectiva faz com que a compreensão sobre os aspectos econômicos seja cuidadosamente avaliada em cada caso específico. O desemprego por sua vez em países com um bom desenvolvimento não se trata de uma privação de renda, dada que o sistema de seguridade compensa a renda dos afetados. Nesse caso, a privação decai sobre as habilidades e iniciativas

dos indivíduos, excluindo-os socialmente de um grupo e gerando uma perda de autonomia e de autoconfiança física e psicológica. A falta de um reconhecimento social da profissionalização do atleta e de garantias para essa função, afetam suas capacidades e habilidades.

A pobreza e a desigualdade no contexto econômico podem ser utilizadas para descrever os processos fundamentais da trajetória dos atletas de marcha atlética. Identificar as peculiaridades que envolvem o contexto social do objeto de estudo é o ponto de partida para o desenvolvimento de um pensamento crítico a respeito do assunto. Para Sen (2010) a pobreza não é somente a privação da renda como visto anteriormente mas sim a privação das capacidades básicas dos indivíduos. Entende-se por pobreza o sentido de privação de capacidade, privações não apenas as valorativas como a renda baixa, existem outros tipos de influências que determinam a pobreza real além da renda. A renda é tida como um instrumento e a baixa capacidade pode levar a uma diminuição da renda dado que essa disponibilidade varia entre indivíduos, famílias e comunidades. Nesse último as ações públicas devem estar voltadas a minimizar a desigualdade e a pobreza.

Amartya Sen (2010) afirma que a relação entre renda e capacidades deve levar em consideração as variações condicionais para elaboração de políticas públicas eficazes. A idade é um fator que devido a diferença das necessidades específicas é afetada, idosos e jovens, tem seus diferentes papéis sociais e paternos. Para Benelli (2018) o próprio esporte quando executado sem respeitar a idade e o processo de crescimento e desenvolvimento humano pode impedir a longevidade da prática. De acordo com Sen (2010) a localização também é um fator condicionante, através dela pode-se identificar propensões a inundações ou secas, insegurança ou violência, condições epidemiológicas. De certa forma essas desvantagens entre as adversidades nas conversões de renda e as privações de renda podem ser agrupadas como desvantagem de idade e incapacidade física. Esses fatores afetam o potencial de renda do indivíduo e dificulta a transformação de renda em capacidades, o que torna a pobreza real mais intensa do que a observação da renda. A distribuição da renda dentro da família também interfere na pobreza da renda, como no caso de uma alocação baseada nas preferências pelos filhos do gênero masculino, privando as filhas do gênero feminino de usufruir de suas capacidades, impedindo a prática de esportes, negligenciando o esforço e o tempo gasto com atividades que não são reconhecidas, reduzindo assim a

liberdade das mulheres dentro do próprio ambiente familiar. E por fim, a privação relativa das rendas pode levar a privação absoluta de capacidades, visto que para que as pessoas possam participar da vida em comunidade é necessário ter acessos, como a equipamentos mais modernos e atuais evitando a exclusão social. Um exemplo disso é o ambiente esportivo em competições de alto nível, onde todos os atletas estão expostos as mesmas exigências, que pode levar a ser mais limitante as regras com pessoas com um nível de renda menor, quando comparado com as outras.

De acordo com Sen (2010) a pobreza no propósito das liberdades individuais é definida como a inadequação das capacidades, e em geral se as pessoas tiverem maior capacidades, produzirão mais e suas rendas tornar-se-ão maiores. O aumento das capacidades em forma de acesso à educação, saúde e esporte elevam a qualidade de vida, aumentando o potencial das pessoas de obterem uma elevação na renda, abandonando a pobreza de renda. Dessa forma, a inclusão social através do esporte também pode levar a superação da pobreza de renda, devido a ampliação das capacidades promovidas por ele.

Para Sen (2010) superar a pobreza através de políticas públicas voltadas a elevar a renda é uma perspectiva limitada, assim como apenas investir em educação e saúde. A pobreza nesse contexto se trata da privação da vida potencial que as pessoas podem atingir, e as liberdade que elas têm de contribuir com o ambiente em que vivem. Ou seja, aumentar as capacidades consequentemente aumentam a renda e enriquecem a vida das pessoas, diminuindo as privações limitantes. Dessa forma, a renda é um instrumento e não deve substituir a fonte nem as características intrínsecas da pobreza, que são as expansões das capacidades e garantias de liberdades individuais.

Assim de acordo com Sen (2010) como a pobreza não é por si só pobreza de renda, a desigualdade econômica não é apenas a desigualdade de renda. Existem outras variáveis que precisam ser analisadas para levar em consideração o caráter da desigualdade, como por exemplo o bem-estar, as liberdades, a qualidade de vida através da saúde e da longevidade. Visto que as realizações agregativas são diferentes em cada composição, o ranking social medido através da renda média por exemplo pode ser diferente do ranking social com base na saúde. Ou seja, a desigualdade de renda e de capacidades influenciam de formas diferentes a igualdade e eficiência. Dessa forma, pessoas sem oportunidades profissionais que recebem auxílio do Estado aparentemente parecem sofrer menos privações no quesito renda, mas de

toda forma lhe é privado a oportunidade de uma ocupação gratificante. Assim, a falta de reconhecimento da profissionalização do atleta, de um local adequado para treinamento, de um planejamento de carreira esportiva são privações ao desenvolvimento do esporte. A perda de renda pelo desemprego pode ser compensada com auxílio, mas ocorrem outras perdas graves na vida das pessoas em decorrência da privação da oportunidade, como danos psicológicos, falta de motivação, perda das habilidades e da confiança, doenças, desequilíbrio nas relações familiares e sociais, exclusão social, tensões raciais e assimetrias entre os sexos. Sendo assim levar em consideração apenas a renda é um fator limitante.

Um enfoque exclusivo sobre a desigualdade de renda tende a dar a impressão de que a Europa ocidental tem se saído muito melhor do que os Estados Unidos na tarefa de manter a desigualdade em níveis baixos e de evitar o aumento da desigualdade de renda como o encontrado nos Estados Unidos. No espaço das rendas, a Europa apresenta claramente melhores números em relação aos níveis e tendências da desigualdade, como revelado na cuidadosa investigação descrita nos estudos da OCDE (Organização para a Cooperação e o desenvolvimento Econômico) preparado por A. B. Atkinson, Lee Rainwater e Timothy Smeeding. Não só as medidas usuais de desigualdade de renda são mais elevadas nos Estados Unidos do que, de modo geral, no lado europeu do Atlântico, como também a desigualdade de renda nos Estados Unidos aumentou de um modo não verificado na maioria dos países da Europa ocidental. Contudo, se desviarmos nossa atenção da renda para o desemprego, o quadro torna-se muito diferente. O desemprego aumentou dramaticamente em boa parte da Europa ocidental, enquanto nos Estados Unidos não tem havido essa tendência. [...] Se o desemprego arruína vidas, isso deve, de algum modo, ser levado em consideração na análise da desigualdade econômica. As tendências comparativas da desigualdade de renda dão margem à presunção na Europa, mas ela pode se mostrar profundamente enganosa se confrontada com uma visão mais abrangente da desigualdade. (2010, p. 109)

Ainda se tratando da desigualdade econômica, Sen (2010) afirma que essa forma de limitação contribui para que as outras formas de desigualdades e equidade sejam negligenciadas, o que leva a uma contribuição pouco eficaz para a compreensão e elaboração de políticas públicas abrangentes. Deve-se analisar um número maior de variáveis que são fontes de privações de liberdades e oportunidades como o desemprego, a doença, baixo nível de escolaridade, exclusão social, desvantagem feminina, desigualdade de renda entre os sexos, taxa de mortalidade, subnutrição, analfabetismo, falta de acesso a estrutura de treinamento, realizações e liberdades substantivas individuais. Há também outras influências econômicas que afetam as desigualdades de vantagem individuais e liberdades substantivas, as políticas públicas. Elas, por sua vez podem estar voltadas a aprofundar as desigualdades se não forem analisadas em um amplo leque de componentes econômicos.

Por fim, Sen (2010, p. 126) ressalta que “os papéis de heterogeneidades pessoais, diversidades ambientais, variações no clima social, diferenças de perspectivas relativas e distribuições na família têm de receber a séria atenção que merecem na elaboração das políticas públicas”. Analisar somente a renda não é base para comparações interpessoais e nem de utilidade, é necessário discutir a valoração das diversas capacidades no âmbito de políticas públicas, pois os juízos de valor se mostram ser vantajosos social, democrático e economicamente.

Dessa forma, é necessário compreender o papel das políticas públicas voltadas ao esporte nas garantias das liberdades individuais, oportunidades de acesso e de continuidade profissional porque são através delas que são promovidas as capacidades e melhoras no desempenho esportivo que levam as ações individuais dos atletas a se inter-relacionarem com o ambiente socioeconômico criando uma rede de conexão com outros agentes, podendo levar a um desenvolvimento econômico multicultural. Para compreender melhor quais são as limitações e as oportunidades presentes na trajetória dos atletas brasileiros que possibilitaram o amparo no alto rendimento esportivo, será analisado na próxima seção como ocorre o processo de formação escolar e esportiva no Brasil, e quais as condições socioeconômicas presentes na manutenção desse processo.

2.2. FORMAÇÃO ESCOLAR E ESPORTIVA

Como visto anteriormente, o desenvolvimento econômico é um processo que através de instrumentos de liberdades individuais voltados para a promoção das capacidades pessoais se integram no ambiente social trazendo progresso, qualidade de vida e bem-estar. Nesse contexto, vamos nessa seção busca-se relacionar os instrumentos utilizados por pesquisas desenvolvidas no Brasil, não especificamente no atletismo e na Marcha Atlética, mas em outros esportes, para identificar as oportunidades e privações decorrentes do ambiente social no desenvolvimento da carreira do atleta de alto rendimento.

Para isso, é preciso compreender que chegar no alto rendimento esportivo é necessário um processo social de formação esportiva que seguem etapas. Se fosse possível escolher uma palavra para designar economicamente esse processo, certamente seria investimento de longo prazo. Para Marques et al (2014, p. 293) a “formação esportiva constitui-se de um processo de longo prazo que compõe as etapas de iniciação, especialização

e alto rendimento que [...] assim como qualquer processo educacional caracteriza-se por componentes socioculturais que envolvem não só o atleta”. De acordo com Beneli (2018), Marques et al (2014) e Andrade et al (2018) existem muitas características que determinam a efetiva consolidação da carreira do atleta, relações interpessoais durante o período de formação, o papel do treinador como liderança esportiva, dos pais como agentes de socialização, colegas, ambiente social e físico, a cidade onde nasceu, dirigentes, torcida, empresários, política econômica, geografia, sistema cultural e população.

Três pesquisas foram selecionadas como base para essa seção, uma com atletas profissionais do Basquetebol por Beneli (2018) outra com atletas profissionais do Voleibol por Marques et al (2014) e uma com atletas infanto-juvenil de Tênis por Andrade et al (2018) onde evidenciaram os fatores que se tornaram determinantes no desenvolvimento e consolidação da carreira esportiva dos atletas de alto rendimento, servindo como referência para a elaboração dessa pesquisa.

Apesar de não tratar especificamente da Marcha Atlética ou Atletismo em si, os estudos representam o que pode ser um processo comum de formação dos atletas no Brasil e contribuir para a formulação do conceito da importância dos fatores socioeconômicos no desenvolvimento das fases da formação esportiva e escolar para a fase profissional dos atletas. De acordo com Beneli (2018) a trajetória esportiva dos atletas pode ser identificada através de quatro etapas, a primeira delas chamada *sampling* descreve os primeiros contatos com o esporte na fase de iniciação ainda na infância onde se desenvolve atividades de forma livre. A segunda etapa é chamada de *Specializing*, nessa etapa ocorre o direcionamento para o desenvolvimento esportivo específico posterior e onde abre uma possibilidade de continuação na carreira esportiva de forma profissional. Na terceira etapa do processo, o *investment* descreve-se como o período de definição determinante para a continuidade no processo de dedicação ao esporte e a carreira esportiva. A última etapa é denominada *Maintenance*, descrita como a fase das conquistas depois da concretização da carreira como atleta e período em que o atleta alcança as suas melhores marcas.

No estudo Beneli (2018) analisou atletas do alto rendimento da liga da NBB Brasil nos anos de 2016/2017 e identificou que na fase de iniciação, a média de idade de início da prática do esporte foi de 11,4 para o masculino e de 10,8 para o feminino. Para Marques et al (2014) com os atletas do Voleibol, a média de idade de início foi de aproximadamente

12,8, e nos estudos de Andrade et al (2018) diferente disso, os atletas da modalidade Tênis, tiveram início médio aos 8 anos. Para Beneli (2018) os estados com mais tem atletas são, São Paulo com 64,3%, seguido de Rio de Janeiro com 10,7% e Paraná com 7,1%. Para Andrade et al (2018) a região sudeste e sul predominam, com São Paulo e Santa Catarina. Quanto aos primeiros contatos com o esporte, para Beneli (2018) a amostra revela que 23% dos atletas tiveram o primeiro contato com o Basquetebol na escola, 46% em clubes (23% deles eram associados e 23% não eram associados) e 23% em instituições públicas. Para Andrade et al (2018) os primeiros contatos com o Tênis ocorrem na maior parte em clubes esportivos privados, o que dificulta o acesso as classes mais baixas da população pela falta de políticas públicas de acesso gratuito a iniciação esportiva no Tênis.

A diversidade esportiva na fase inicial para Beneli (2018) evidenciou que mais da metade dos atletas no masculino, especificamente 51% tiveram contato com pelo menos uma outra modalidade, 34% praticaram mais de duas modalidades e 15% praticaram apenas uma modalidade. Nessas outras modalidades, a escola pública foi responsável por 25% do acesso, 20% foram instituições públicas e 15% foram em clubes associados e 12% em clubes não associados. Desses atletas, 50% disseram ter iniciado o processo competitivo juntamente com o início da prática esportiva, 31% deles competiram somente o Basquetebol e 19% outras modalidades. No feminino, 43% iniciaram a prática esportiva em instituições públicas, 29% em clubes (25% não eram associadas e 4% eram associadas), e 21% iniciaram a prática nas aulas de Educação Física da escola. Em média, 57% delas praticaram uma modalidade a mais, 21% mais de duas modalidades e 21% somente o Basquetebol. As outras modalidades foram realizadas por 14% delas no ambiente escolar e 43% em instituições públicas. Ainda no feminino, 36% responderam ter iniciado as competições em instituições públicas, 29% em clubes esportivos sem ser sócios e 7% delas eram sócias. Na questão de diversidade esportiva competitiva em Marques et al (2014) 61,6% dos atletas competiram em mais de uma modalidade. Não há apontamento de local de acesso as outras competições nesse estudo. Quanto a diversidade esportiva para Andrade et al (2018) no caso dos tenistas, o início precoce e o tempo dedicado aos treinos sugerem que os atletas não praticaram outros tipos de atividades esportivas.

Quanto a mensuração do tempo despendido pelos atletas na prática de iniciação ao alto rendimento, para Beneli (2018) no masculino 54% dos atletas responderam que o treino

coletivo possuía a duração de 90 minutos, no feminino 46%. Desses, 49% responderam que havia 3 sessões semanais e no feminino 49%, 43% alegou treinar por durante 10 meses no ano e no feminino o percentual foi de 29%. No masculino, o volume de treinamento era de 3 sessões por semana por um período de 90 minutos por 10 meses no ano. Os tenistas de acordo com Andrade et al (2018) treinam de 5 a 6 dias na semana e 20% deles treinam por dois períodos, sendo que a maioria treina por aproximadamente 19 horas por semana, caracterizando um alto envolvimento com o esporte. Na relação com a equipe e a percepção de dificuldade na continuação da prática esportiva, a pesquisa apontada por Beneli (2018) mostra que para 54% dos atletas masculinos, os companheiros de equipe abandonaram o esporte para estudar. no feminino 25% decorreu da necessidade financeira da família. Para Andrade et al (2018) por se tratar de um esporte cujo 84,6% dos atletas são considerados economicamente como classe A, e por ser um esporte que demanda um alto investimento com equipe multidisciplinar, viagens, alto custo dos materiais e mensalidade pelo próprio local de treinamento, o autor considera que a maior dificuldade dos tenistas profissionais é sustentar financeiramente a carreira. Dessa forma, 80% dos tenistas não passaram por um processo de formação esportiva, apenas começaram a se preocupar com a carreira após o início dos resultados.

De acordo com Beneli (2018) quatro aspectos obtiveram relação com os resultados esportivos, primeiro foi a (i) obtenção de uma das três primeiras colocações em torneios oficiais, (ii) retorno financeiro, (iii) convocação para seleção estadual e por fim (iv) seleção brasileira base. Desses, 92,7% dos atletas conquistaram as primeiras colocações em torneios oficiais, 93,7% deles receberam remuneração, 77,1% foram convocados para seleção estadual, 47% seleção brasileira de base e 42% já foram convocados para a seleção brasileira adulta. Para Andrade et al (2018) os melhores resultados obtidos no período em questão demonstraram que entre os atletas, 48,8% já foram campeões ou vice-campeões em competições nacionais e internacionais. No feminino, todas obtiveram uma das três primeiras colocações em torneios oficiais e receberam remuneração. Também, 92,9% delas foram convocadas para seleção estadual e 89,3 para seleção brasileira de base. Quanto a remuneração, para Marques et al (2014) a maioria dos atletas do Voleibol começaram a receber a partir dos 14 anos de idade e a média de idade de início foi de 16,4 anos aproximadamente. A remuneração financeira dos atletas demonstrou uma relação positiva

com a continuidade no desenvolvimento da prática esportiva. A recompensa financeira por sua vez não trouxe pressão ou cobrança por resultados e nem esteve ligada a especialização precoce.

No estudo de Beneli (2018), as principais características das equipes no masculino são: ensino superior incompleto, estudo em escola pública, mudança de cidade ao menos uma vez motivada pela estrutura da equipe, não possuem parentes no esporte, obtiveram total apoio da família nos aspectos financeiros, incentivo na continuidade no esporte, apoio em situações difíceis, e presença da família nos jogos e treinos. Quanto as equipes femininas, as principais características são: ensino superior incompleto, não possuem parentes no esporte, obtiveram apoio total da família no financeiro, no incentivo a continuidade e em situações difíceis, assim como presença nos jogos e treinos. Para Andrade et al (2018) no núcleo de tenistas, as principais características são: classe econômica alta, existência de patrocínio, treinam em regiões economicamente favoráveis, possuem equipe multidisciplinar, estrutura e condições de treinamento.

As considerações de Beneli (2018) trazem importantes constatações para descrever o ambiente escolar e a sua relação com a formação esportiva dos atletas brasileiros nas fases de iniciação. O estímulo a prática de diversas modalidades na escola é pouco representativo, apenas 20% dos atletas tiveram contato com o basquetebol na escola. Atletas que obtiveram uma iniciação esportiva tardia em comparação a estudos com atletas de elite, causa dificuldade no envolvimento meramente participativo e desempenho posterior. Dessa forma, Marques et al (2014) corrobora com a afirmação e acrescenta que no Voleibol os atletas não foram especializados precocemente e obtiveram vivências em diversas atividades esportivas. Para Beneli (2018, p. 52) “a participação em competições oficiais indica o ingresso na etapa de especialização” e 50% dos atletas iniciaram na modalidade já em caráter competitivo ou seja, se especializando. Em média, o brasileiro demora 17 meses para iniciar a prática competitiva da modalidade, para jogadores estrangeiros essa média é de 32 meses. Fato que restringe o desenvolvimento dos principais estímulos da iniciação, causando uma desvantagem no contexto do desenvolvimento multilateral. Dessa forma, a participação ou competição no âmbito escolar não caracteriza diversificação esportiva ou diversidade motora, dado que essa é uma vivência pouco aprofundada.

Assim, Beneli (2018) conclui que a instituição predominante na formação e desenvolvimento de atletas do Basquetebol no Brasil demonstra ser clubes privados restritos aos atletas pagantes no masculino, e no feminino, a prática esportiva geral ocorre nas instituições públicas que são responsáveis por absorver a carência esportiva.

Outra aspecto refere-se ao motivo do abandono da prática do esporte, que de acordo com Beneli (2018) considera-se que os atletas brasileiros das modalidades Olímpicas individuais e coletivas abandonam a prática de esporte pela dificuldade em conciliar o esporte e os estudos ao mesmo tempo, optando entre seguir a carreira sem garantia de suporte financeiro, social e técnico suficiente ou seguir nos estudos almejando uma carreira mais segura. Para Marques et al (2014) a maior incidência de abandono do esporte ocorre devido à falta de incentivo. Voltando para o estudo de Beneli (2018), os resultados precoces favoreceram o abandono do estudo por parte dos atletas na tentativa de obter sucesso e considera o Brasil diferente de outros países na questão de planejamento na formação educacional do atleta. Enquanto em outros países a escola, o esporte e os estudos caminham juntos, no Brasil os atletas precisam optar entre estudar em uma universidade boa, seguir com os estudos para conseguir se profissionalizar ou continuar treinando. Para ele, o maior problema é que essa decisão deve ser tomada em um curto período, o que comprova que não ocorre um planejamento para uma carreira esportiva no Brasil.

Quanto aos resultados esportivos nos anos iniciais, de acordo com o estudo feito por Beneli (2018) o treinamento esportivo ideal é denominado Preparação Desportiva a Longo Prazo, que deve ser preparada, planejada e sistematizada de acordo com as etapas de preparação. Uma especialização precoce pode levar a uma estagnação no desempenho e dificulta a obtenção de resultados futuro. Esse estudo corrobora com Marques et al (2014) e Andrade et al (2018) identificando que atletas com início competitivo tardio está relacionado com maiores chances de obtenção de sucesso no longo prazo, assim como a diversificação das experiências esportivas na infância. Ainda para Marques et al (2014) a falta de estrutura contribui para que os atletas iniciem tardiamente, não obtenham acesso a uma diversidade esportiva e seus resultados ocorram apenas nas fases iniciais.

Podemos ainda estabelecer uma relação entre a trajetória esportiva e alguns aspectos sociais na estrutura de formação esportiva no basquetebol masculino e feminino no Brasil. Considerando que os indivíduos que são associados dos clubes são os mesmos que possuem condições sociais de frequentar escolas particulares, portanto possuem acesso à educação de melhor qualidade. Temos, assim, de um

lado crianças que iniciam cedo à prática da modalidade, corroborando com os indicativos que a literatura sugere, mas que em determinado momento necessitam optar entre a dedicação aos estudos e a continuidade no esporte (e certamente os resultados esportivos influenciarão essa escolha). Mas, por outro lado, há aqueles atletas com perfil antropométrico mais adequado (atletas selecionados para compor as equipes na competição oficial), mas que não participaram da iniciação esportiva ou a iniciaram tardiamente, fatores que conduzem a enormes dificuldades no desenvolvimento esportivo. Esse cenário não parece ser adequado para o desenvolvimento esportivo no contexto brasileiro. (2018, p. 60)

De acordo com Beneli (2018), em porcentagem apenas 13% dos atletas masculinos e 11% das atletas femininas do Basquetebol concluíram o ensino superior, no ano anterior a pesquisa do IBGE considerava a porcentagem de 15,3% da população com ensino superior. O autor conclui que os atletas abdicam do ensino superior para seguir carreira esportiva e se tornar atletas de alto rendimento, demonstrando o distanciamento entre esporte e escola e a ineficácia da estrutura esportiva na formação de atletas de alto rendimento. A base escolar desses atletas foi na grande maioria provida pela escola pública, ou em menor proporção com bolsa em escola particular, uma pequena parcela obteve ensino particular sem bolsa.

A cidade de nascimento dos atletas segundo Beneli (2018) também tem relação com a trajetória esportiva, cidades menores desenvolvem mais atletas que chegam ao alto rendimento devido a influência dos laços sociais e afetivos com a família e a comunidade. A característica das cidades maiores se enquadra na busca por um desempenho elevado devido a comparações esportivas. Os atletas mudaram de cidade ao menos uma vez durante a carreira e foi em busca de melhores estruturas de treinamento e maior remuneração.

Analisando pelo contexto de estrutura familiar, Beneli (2018) conclui que atletas que começaram a competir mais cedo tiveram parentes que atuavam ou tinham atuado como atletas profissionais, o que de certa forma ajudou a superar as fases de dificuldades dos atletas. O papel dos pais nas fases de transição tem relevância no desenvolvimento esportivo, eles possuem um papel de socializador e influenciador de experiências esportivas, comportamentais e de atitudes no esporte. De certa forma, o apoio da família aparece como uma característica determinante na continuidade da carreira esportiva do atleta, tanto no incentivo a continuar treinando como na ajuda em momentos difíceis na trajetória esportiva e financeira, mesmo que acompanhar treinos e jogos não tenha representado uma característica de forte influência familiar.

Conclui-se dessa forma que não ocorre um política pública de planejamento de carreira esportiva e os atletas encontram dificuldades no desenvolvimento da prática

esportiva de alto nível e que a preparação é desigual em todas as etapas do processo de formação escolar e esportiva, desde o acesso ao esporte por gênero, estrutura familiar e de treinamento, planejamento de carreira esportiva, encaminhamento e conciliação com o ensino superior. Dessa forma, boas condições socioeconômicas influenciam para que o atleta obtenha resultados na carreira esportiva. Na próxima seção serão analisados os principais fatores limitantes e oportunos que propiciaram o processo de formação esportiva e escolar dos atletas de alto rendimento do Brasil afim de identificar a contribuição do estudo de Amartya Sen sobre o desenvolvimento econômico aplicado ao esporte.

2.3. ANÁLISE DOS FATORES SOCIOECONÔMICOS

Analisando os fatores socioeconômicos, identifica-se oportunidades que favorecem os atletas a se manter no alto rendimento e limitações que estreitaram o acesso de alguns praticantes ao alto rendimento pela ótica da liberdade individual. No fator idade, Andrade (2018) os tenistas iniciaram as atividades esportivas especializadas precocemente, em período considerado de risco por estar relacionados com o baixo desempenho no alto rendimento adulto. Os autores Beneli (2018), Marques et al (2014) e Andrade (2018) ressaltam que a região sudeste, onde predominantemente as condições econômicas e estruturais são melhores é a região que forma mais atletas, corroborando com o estudo de Sen (2010), onde a avalia a localidade como um fator de oportunidade. No que se refere aos primeiros contatos com o esporte no qual os atletas se especializaram, nota-se que não há um padrão, ou seja, uma política pública que propicia aos alunos das escolas o acesso aos esportes, sendo que em todas as modalidades analisadas menos da metade teve acesso ao esporte do qual pratica profissionalmente na escola onde passa pelo processo de formação.

Para Beneli (2018), Andrade (2018) e Marques et al (2014) não houve diversificação esportiva para praticamente mais da metade dos atletas que hoje compõe o alto rendimento nas suas modalidades, o esporte não ocorreu de forma lúdica e sim como fim competitivo, o que de certa forma para Sen (2010) priva os atletas de conhecer e se relacionar com outras modalidades e com o esporte meramente recreativo. O tempo gasto pelos atletas no treinamento especializado na fase de iniciação esportiva pode também estar relacionado com a dificuldade de relacionar-se com outras modalidades esportivas.

De acordo com Beneli (2018) e Sen (2010) na relação com o gênero, para as mulheres as instituições públicas são fundamentais na promoção do esporte e na diversificação esportiva, visto que concedem a oportunidade de iniciar na carreira de atleta, já que muitas delas não possuem acesso à clubes privados. Essas limitações podem estar relacionadas tanto com a influência familiar na limitação da liberdade individual como a baixa renda familiar.

Para Sen (2010), Beneli (2018), Marques et al (2014) e Andrade (2018) as dificuldades impostas aos atletas no processo de formação privam de seguir carreira no esporte, visto que para a maioria deles o abandono está relacionado com a impossibilidade de se manter treinando e estudando, o que mais uma vez corrobora com os resultados de esporte especialização e não lúdico e recreativo. Ou seja, privando a prática esportiva por mera qualidade de vida e bem-estar social, e também por falta de políticas públicas que inter-relacionem os estudos com o esporte nessa fase de preparação.

De acordo com Andrade (2018) e Sen (2010) os atletas do Tênis, esporte praticado pelas classes mais altas, a principal dificuldade relatada é a financeira, o aporte financeiro começa precocemente e ocorre a dificuldade de chegar no alto rendimento visto que não ocorre um planejamento de formação esportiva que acaba limitando a carreira dos atletas antes do tempo. Ainda sobre as características fundamentais dos atletas do alto rendimento, pode-se caracterizar que a falta de oportunidade de uma política pública voltada para o planejamento da carreira esportiva de forma a unir a formação escolar e esportiva no ensino superior não só acabou por limitar a continuidade de jovens no alto rendimento como limitou o processo de formação profissional que poderia agregar capacidades além das esportivas, diversificando o campo de conhecimento e crescimento humano dos atletas.

De acordo com Beneli (2018) e Sen (2010) a falta de estrutura também é um fator limitante no processo de formação do atleta de alto rendimento, visto que os atletas precisam deixar a cidade natal para migrar aos centros esportivos em busca de condições que favoreçam o seu desempenho esportivo optando entre a manutenção da relação familiar e comunitária e o futuro na carreira esportiva. De outra perspectiva, o apoio familiar tornou-se fundamental no processo de reintegração e permanência no esporte, a estrutura familiar possibilita que os atletas sigam na carreira, com auxílio tanto financeiro como fraterno.

Para Beneli (2018) Marques et al (2014) e Sen (2010) a falta de incentivo e de condições financeiras são limitantes na continuidade da carreira do atleta, como muitos saem

da sua cidade natal e passam a integrar grandes centros urbanos, a necessidade de suporte financeiro se torna maior do que para atletas residentes nos próprios centros urbanos. A desigualdade de oportunidade nesses casos tornam-se o principal empecilho na continuidade da carreira dos atletas.

Mais uma vez, ressalta Sen (2010) a falta de uma política pública voltada ao planejamento da carreira esportiva e diversificação de oportunidades e ampliação das capacidades no Brasil para Beneli (2018) levam a resultados precoces e ao abandono do esporte de alto rendimento, que conseqüentemente levam a inúmeros problemas sociais em decorrência da privação da oportunidade como danos psicológicos, falta de motivação, perda das habilidades e da confiança, geram doenças, desequilíbrio nas relações familiares e sociais, exclusão social, tensões raciais e assimetrias entre os sexos.

De acordo com Beneli (2018) Marques et al (2014) e Sen (2010) no que se refere as oportunidades geradas aos atletas que os condicionaram para o alto rendimento, podem ser descritas as seguintes: participar de eventos sociais esportivos como forma de integração, obter retorno financeiro como forma de recompensa, e a oportunidade de representar seu local de pertencimento. Em grande parte, a escola pública favoreceu a inserção dos jovens no esporte, mas por outro lado, o acesso privado ao esporte como o Tênis e o Basquetebol acaba por se tornar um fator limitante a entrada de jovens atletas no alto rendimento, visto que o acesso a clubes está relacionado a outros fatores impeditivos como financeiro e de localização. As cidades menores apesar de não fornecerem salários mais altos e boas estruturas, propiciam aos atletas uma carreira mais longa no esporte. As variáveis que favorecem o desempenho esportivo são: integrações sociais, valores familiares assim como os baixos custos de vida em relação a cidades maiores onde é necessário maior disponibilidade de renda para se integrar a vida social.

Por fim, de acordo com Sen (2010), Beneli (2018), Andrade (2018) e Marques et al (2014) percebe-se que ocorrem desigualdades em todo o processo de formação escolar e esportiva dos atletas limitando o acesso ao alto rendimento esportivo como, falta de incentivo e falta de aperfeiçoamento das iniciativas individuais para que os atletas possam desempenhar suas funções sociais com segurança. Falta de boas condições de saúde e educação causam a falta da liberdade e da oportunidade de contribuir com o progresso econômico. A ineficiência do fomento social, regulação pública e condução dos negócios

para enriquecer as capacidades humanas e aperfeiçoar as habilidades individuais, e ainda a manutenção da desigualdade entre os gêneros.

Por fim, para Sen (2010) falta de oportunidades profissionais mesmo de atletas que recebem patrocínio ou algum suporte do Estado aparentemente parecem ter menos privações no quesito renda, mas de toda forma é privado a oportunidade de uma ocupação gratificante, estrutura e segurança na carreira. Os atletas despendem de tempo, recursos financeiros e são de alguma forma negligenciados seus direitos fundamentais, falta de acessos e privações de liberdades quando poderiam estar preocupados com melhorar as suas capacidades humanas influenciando o mundo através de um processo de desenvolvimento integral.

3. HISTÓRICO DA MARCHA ATLÉTICA

A Marcha Atlética é a atividade esportiva que reproduz uma qualidade intuitiva do ser humano, caminhar. Ela foi acompanhando todo o processo de construção do mundo moderno e se adaptando a todas as fases históricas. Apesar de nascer na África, a primeira nomenclatura relacionada com o desenvolvimento dessa atividade foi designada pelos europeus e posteriormente modificada pelos seus próprios emigrantes em solo americano. Esse capítulo traz evidências de que a Marcha Atlética em sua história possui uma relação íntima com o desenvolvimento econômico dos países.

Seu início está datado no Egito Antigo, 25 séculos a.C. e decorreu da necessidade de transmitir notícias do Faraó de forma rápida através dos soldados. Fato esse que acabou distinguindo a marcha humana da Marcha Atlética. Mesmo não existindo a prova de Marcha Atlética nos Jogos Olímpicos da antiguidade, seu desenvolvimento já ocorria na Grécia através de mensageiros que se utilizavam dessa atividade assim como também da corrida para seu deslocamento, como fazia Filípides, o famoso soldado grego da batalha de maratona. (Juli, 1978)

Dessa forma, para Juli (1978) as longas distâncias em tempos inacreditáveis foram se tornando o registro da Marcha Atlética. Percorrer centenas de quilômetros para transmitir mensagens entre as cidades tornou-se a sua característica principal. Na França, a atividade começou a se tornar competitiva a partir do Reinado de Felipe VI de Valois entre 1328 e 1350. Já no ano de 1485, no reinado de Carlos VIII as competições eram de 140km. Em 1583, o irlandês Langham percorreu 240 km até Londres em 43 horas. Em 1709, marcou o início dessa atividade na Rússia com Vronov. O russo marchava aproximadamente 100km em um único dia, até quando se locomoveu de Moscou à Smolensko, trajeto que representa aproximadamente 380km.

Para Juli (1978) no século XVII e XVIII, era comum alternar entre movimentos de corrida e marcha para se locomover por longas distâncias, mas foi somente entre os anos de 1775 e 1800 é que essas duas especialidades acabaram se separando. Os ingleses foram os responsáveis pela primeira nomeação do movimento, tornando os marchadores conhecidos primeiramente como “footmens”, nomenclatura que sugere que a atividade esportiva era praticada por homens. Foster Powell e Barclay Allardice foram os pioneiros fundamentais para o nascimento da marcha na forma esportiva. Em 1764, Powell foi o primeiro inglês a se

dedicar a marcha, aos seus 30 anos, completou 81kms em 7 horas. Percorreu a distância de York a Londres, ida e volta, trajeto esse que representava 650km em apenas 5 dias e 18 horas. Na Inglaterra, onde surgiu as apresentações da Marcha Atlética em anfiteatro, o primeiro local utilizado foi Astley, diferenciando das habituais formas de apresentação em deslocamento.

De acordo com Juli (1978) em 1800, a marcha já tinha se tornado uma atividade remunerada na Inglaterra, Barclay, para conseguir \$5.000 guinéus percorreu 150 km em 21 horas e meia. O ano de 1807 marca o primeiro duelo de marcha, por 24 horas. Barclay vence e Wood seu adversário marca o primeiro caso de uso de substância que favorecia melhor desempenho, tornando-se o primeiro caso de *dopping*. Por volta de 1809, Barclay realizou o feito que marcou sua fama, percorreu 1000 milhas em 1000 horas para ganhar 1000 guinéus, durante dez dias, dia e noite, sem descansar mais de 90 minutos. Barclay perdeu 14kg, mas conseguiu cumprir o estabelecido.

Na América, segundo Algeo (2014) a marcha teve sua nomenclatura conhecida pelo nome de “pedestrianismo”, diferenciando-a dos “*footmens*” mencionado anteriormente. O pedestrianismo se difundiu nos Estados Unidos da América por volta da segunda metade do século XIX. Nessa época, os esportes para espectadores quase não existiam, o contexto socioeconômico ainda não havia propiciado o seu desenvolvimento. A população rural era difusa, as condições de viagens eram ruins, a renda era praticamente insignificante, não condições para recreação e nem locais adequados para organizar eventos. O esporte era tratado como algo ofensivo de acordo com a ética do trabalho americano, que por sua vez, possuía raízes na cultura do produtor republicano, cristão evangélico e ideologicamente ordenado pelo novo imperativo capitalista, impedindo o desenvolvimento de diferentes formas de recreação.

A Segunda Revolução Industrial, estimulada pela invenção de Henry Bessemer de um processo de produção em massa de aço de ferro derretido, alterou profundamente a América. À medida que a nação se industrializava nas décadas após a guerra, as cidades cresciam rapidamente, o transporte público melhorou muito, e muitos trabalhadores agora tinham um pouco mais de dinheiro no bolso e algum tempo livre em suas mãos. Agora o tempo estava maduro para o desenvolvimento de esportes de espectadores. (MATTHEW ALGEO, 2014, p. 20)

De acordo com Algeo (2014), entre 1836 e 1914, mais de 30 milhões de europeus migraram para os Estados Unidos. A ideologia da atividade humana de forma competitiva

veio junto, assim como seu propósito de se locomover e sua demonstração de orgulho étnico. Com o aumento da população urbana, foram construídos grandes edifícios para os eventos públicos e exposições como feiras e comício que posteriormente se tornaram as arenas esportivas, todas voltadas para o comércio.

Para Algeo (2014) e Juli (1978) os primeiros representantes americanos no Pedestrianismo foram Dan e Edward Payson Weston. Esse último, atravessou o continente americano acumulando fortuna ao longo da vida, através da sua conduta ambiciosa de monetizar apostas para ele próprio, induzindo pessoas a pagar para ver seus feitos. No ano de 1910 aos 72 anos, Payson cruzou de costa a costa os Estados Unidos em 77 dias, representando 72 km por dia. Entre os anos de 1871 a 1927, data o início da prática esportiva por imigrantes nos Estados Unidos da América, com um Irlandês. Dan O'leary chegou a percorrer entre os anos de 1871 a 1927 aproximadamente 170.000 km. Posteriormente, outro imigrante, um Haitiano chamado Frank Hart, foi o primeiro negro a participar da história do Atletismo mundial percorrendo 565 milhas no ano de 1880.

Paralelo a essas provas de resistência, Lucas (1968) ressalta que a Inglaterra instaurou as provas de Marcha Atlética de velocidade em pista, com o primeiro campeonato britânico no ano de 1866. A disputa permitia a distância de 7 milhas, prova que foi vencida por John Chambers. No ano de 1878, John Astley, membro do parlamento britânico anunciou uma série de cinco competições internacionais onde Estadunidenses e Europeus poderiam competir por um prêmio de \$4.000 libras e regulamentou o tempo da prova para seis dias. Não havia até então regulamentação a prática da marcha, em cada lugar as distâncias diferiam, na França as provas eram longas e na Inglaterra eram curtas.

Depois de instaurada a Marcha Atlética com fins esportivos na Europa, iniciam as disputas. De acordo com Juli (1978) na França, a primeira prova de Marcha Atlética foi realizada no ano de 1892, entre Paris e Belfort, distância de aproximadamente 496 km. Entre os anos de 1892 e 1898 as competições foram de 24 horas ou 500km realizadas em velódromos. No ano de 1901, foram disputados os percursos entre Torino/Itália, Marsella/França e Barcelona/Espanha com a quilometragem total de 1100km. Em 1903, ocorreu a disputa no percurso francês entre Burdeus e Paris, com a quilometragem equivalente a 611 km. Entre todas as provas, a mais famosa da França foi a instituída no ano de 1926 por Emile Anthoine, seu percurso equivalia a 493 km entre Paris e Estrasburgo. Os

participantes da prova deveriam percorrer essa distância em três dias e três noites, com apenas uma pausa obrigatória de 4 horas por dia. Todas as provas na França foram realizadas com altas quilometragens, em favor disso e em contrapartida as provas de velocidade que estavam sendo impostas pelos ingleses, ressaltou Juli (1978) que “la marcha encuentra su razón de ser en las grandes distancias, ouando la carrera es impracticable, es decir a partir de la Marathón”.

Ainda de acordo com Juli (1978), as provas de velocidade da marcha que haviam sido colocadas nos Jogos Olímpicos de Londres 1908, foram vencidas unicamente por britânicos. Os mesmos que demonstravam maior interesse na imposição de provas curtas, aplicando as provas de 16km e 3.500m. Enquanto isso, o resto da Europa continuava com a prática da Marcha Atlética de longas distâncias. Até o ano de 1924, prevaleceu as distâncias curtas e o destaque foi o Italiano Ugo Frigerio.

De acordo com Juli (1978), destacando o antagonismo entre estadunidenses e europeus na marcha, nos Jogos Olímpicos de 1932 realizado em solo Estadunidense, em Los Angeles, foi alterada novamente a distância da prova para 50km. Dessa vez, prova mais resistente e menos veloz que as determinadas anteriormente pelos britânicos. Nos Jogos Olímpicos de 1932, a vitória foi do inglês Green, e em 1936 a vitória foi novamente inglesa, com o atleta Whitlock, que desmaiou no quilômetro trinta e oito e ainda assim conseguiu recuperar-se e completar a distância. Nesse mesmo ano, segundo Bertolino (2003) a prova foi trazida para o Brasil por José Carlos Daudt e Túlio de Rose. A partir dos Jogos Olímpicos de 1948 até 1968, ainda em oposição ao desejo dos estadunidenses e demais europeus, mas sinalizando uma concordância, ampliou-se as provas de marcha para duas distâncias, uma curta de 10km e outra longa de 20km. Em 1956, acrescenta-se os 50km.

O Comitê Olímpico Internacional suprimiu a prova dos 50km de marcha na Olimpíada de 1972 em Munich, quando o alemão Kan Nember acabou com o predomínio dos ingleses, logo em seguida foram superados também por um mexicano, o atleta Bautista. Treinado pelo polonês Hausleber, o atleta chegou ao mais alto nível competitivo e revolucionou o mundo da marcha, colocando a América Latina pela primeira vez na disputa. No ano de 1980, nos Jogos Olímpicos de Moscou na Rússia, volta a ser instituída a prova dos 50km de marcha masculina para compensar a falta de uma distância indubitavelmente

importante. Em 1956, a IAAF organiza o primeiro mundial de Marcha Atlética de 50km, vencido pelo russo Soldatenko. (Juli, 1978)

Dessa forma, percebe-se que quando a prova chegou no Brasil, já havia se montado uma estrutura hierarquizada de comando das normas da Marcha Atlética que, por mais que discutissem periodicamente as distâncias, já havia uma íntima relação com o desenvolvimento econômico. Nos estágios avançados do desenvolvimento dos países, o esporte estava em ascensão. Assim, no Brasil sua recepção não foi considerada próspera de início, mas alcançou diversos estados nacionais que possuíam integração econômica e social, desenvolvida por indústrias nascentes.

3.1. HISTÓRIA DA MARCHA ATLÉTICA NO BRASIL

Encontrar referências que tragam apenas a Marcha Atlética, desligando-a do Atletismo, é uma tarefa difícil. Principalmente porque no Brasil o desenvolvimento do Atletismo teve início quando o esporte se encontrava organizado e regulamentado por órgãos internacionais, que definem e delimitam as regras desse esporte no âmbito competitivo. Nesse contexto, o pesquisador Bertolino (2003) evidencia a trajetória da Marcha Atlética no Brasil de forma cronológica e com um perfil moderno e esportivo, muito diferente das origens de sua base histórica, quando ainda não havia nenhum registro de participação feminina. Trazida para cá no ano de 1936, a Marcha Atlética já uma prova Olímpica e em um cenário mundial em que de acordo com Lucas (1968) os atletas recebiam remunerações e premiações pelo desempenho e outros apenas o praticavam por *hobby*. Os responsáveis por trazer a marcha ao Brasil foram os dirigentes esportivos José Carlos Daudt e Túlio de Rose, que tiveram seu primeiro contato com a prova nos Jogos Olímpicos de Berlim e implantaram a prova de 5km de Marcha Atlética no ano seguinte em Porto Alegre. Prova que foi vencida pelo atleta Carmindo Klein.

De acordo com Bertolino (2003) e SOGIPA (2016) apesar de sua existência ter iniciado em 1867, a SOGIPA, primeiro clube privado de desenvolvimento esportivo do Rio Grande do Sul foi trazido por imigrantes alemães e teve o início das atividades do Atletismo entre seus associados por volta de 1930 e 1940. Nesse mesmo ano, após pouco tempo de iniciação da marcha no Brasil, a prova ganhou adeptos e a mesma competição ocorrida no Rio Grande do Sul quatro anos depois já contava com a participação de 20 atletas. A FARG

então decidiu implantar a Marcha Atlética em sua versão de 30km, para comemorar a semana da pátria. A distância vigorou até o ano de 1948. Antes disso, em 1946, o Brasil teve a primeira participação internacional em uma prova de marcha, ocorrida no Uruguai em Montevideo onde Arnaldo Willy Becker vence a prova de 3km, corroborando com a falta de definição de distâncias para a prova e demonstrando a influência Europeia nos países Sul-americanos.

Para Bertolino (2003) e Hora (2007), no ano de 1957, a Marcha Atlética foi introduzida em São Paulo por Antonio Glayr Santarnecchi, não por mediação direta com o Rio Grande do Sul mas com contato externo com a Europa. Instituiu em 1958 uma prova tradicional ao clube dos Andarilhos, a Irmãos Del Rey, que fez parte do calendário de atividades do aniversário da cidade de São Caetano do Sul impulsionada e organizada em conjunto com a prefeitura, comércio local e instituição sem fins lucrativos.

De acordo com Bertolino (2003) e USIPA (2020), no ano de 1967 a Marcha Atlética se desenvolve no estado de Minas Gerais, puxada pela industrialização local através da siderúrgica Usiminas, que cria a associação esportiva e recreativa USIPA. Em 1970, a Federação Paulista de Atletismo cria um departamento de Marcha Atlética, refletindo no incremento do número de atletas, como Fernando Elias, responsável por bater os recordes anteriores, do gaúcho Becker. No ano de 1973, a Marcha Atlética passa a ser incluída no Campeonato Brasileiro de Atletismo, a prova era disputada apenas no masculino e sem a inclusão da Marcha Atlética feminina. No final dos anos 70 e início dos anos 80, a Marcha Atlética passa a ser competida também pelas mulheres e o Brasil leva o primeiro árbitro a nível mundial, prof. José Clemente Gonçalves que é nomeado árbitro do painel permanente da IAAF. A prova se difundia em Brasília, o brasiliense Valdemar Florêncio e o gaúcho Wilson Mattos nesse mesmo ano dominaram o cenário brasileiro. No ano de 1989, em Natal/RN, inclui-se no calendário esportivo da Cbat, a Copa Brasil de Marcha Atlética, o maior evento esportivo da prova passa a ser disputado anualmente.

3.2. EVOLUÇÃO DA MARCHA ATLÉTICA NO BRASIL

Até o ano de 1988, a Marcha Atlética estava em processo de desenvolvimento e consolidação no esporte brasileiro e foi nesse mesmo ano que o primeiro atleta chegou ao alto rendimento internacional. Na Olimpíada de Seul, em 1988, ocorre a primeira

participação brasileira em Jogos Olímpicos com Marcelo Palma, atleta que havia conquistado a medalha de bronze no Campeonato Pan-americano de Havana/Cuba em 1991. A prova se consolida com a incorporação do alto rendimento triplica o número de atletas de nível Olímpico no país, elevando a exigência esportiva entre os competidores. Nos Jogos Olímpicos de 1992, o Brasil leva três atletas na prova. Em 1993, já com o elevado nível competitivo desenvolvido no Brasil, obteve-se o primeiro resultado absoluto em um Campeonato Mundial, uma 6ª colocação. (Bertolino, 2003)

De acordo com Bertolino (2003) e Cbat (2020), no ano de 1996, o Brasil foi representado nos Jogos Olímpicos de Atlanta por dois brasileiros, obtendo a 49ª colocação e o 26º lugar. Posterior a isso, os dados encontrados sobre a evolução da Marcha Atlética no Brasil encontram um paralelo de desinformação até o ano de 2004, onde a Cbat inicia a apuração dos atletas participantes das delegações brasileiras nos campeonatos internacionais.

De acordo com a Cbat (2004), no ano de 2004 o Brasil obteve oito atletas representantes em competições mundiais, no Campeonato Mundial Juvenil na Itália e no Campeonato Mundial na Alemanha. No feminino, também foram convocadas três atletas. Dessas, obteriam nos Jogos Olímpicos de Atenas uma 14ª colocação, outro 26º colocado, por fim, um 40º colocado e uma no feminino.

No ano de 2005, de acordo a Cbat (2005), houve um único marchador a obter a classificação para participar do Campeonato Mundial de Atletismo que fora realizado na Finlândia. Em 2006, de acordo com a Cbat (2006) houve um representante brasileiro no Campeonato Mundial Juvenil e um representante do Brasil na Copa do Mundo de Marcha Atlética na categoria adulto. No ano de 2007, um atleta se classifica para o Campeonato Mundial Menores na República Tcheca, categoria que estabelece exigência máxima de 16 anos de idade. No mesmo ano, uma atleta é convocada para o Campeonato Mundial de Atletismo no Japão. (CBAT, 2020)

Em 2008, a delegação brasileira viaja para a Copa do Mundo de Marcha Atlética na Rússia com oito atletas, sendo dois nos 10km, dois nos 20km e dois nos 50km. Também duas participantes na prova de 20km feminino. Nos Jogos Olímpicos de Pequim, foram convocados um atleta que obteve a 13ª colocação, outro atleta com a 41º e no feminino ficou com a 37ª colocação. (CBAT, 2020)

No ano de 2009, a Marcha Atlética foi representada no Campeonato Mundial de Atletismo na Alemanha por cinco atletas. Nos 20km foram dois convocados, na prova de 50km houve um único representante e nos 20km feminino, duas atletas. Em 2010, no Campeonato Mundial Juvenil disputado no Canadá, a seleção brasileira teve a participação de um marchador com a 4ª colocação e em 2011 uma atleta no feminino no Campeonato Mundial de Atletismo Menores na França, na prova de 5.000m Marcha Atlética. No Campeonato Mundial de Atletismo realizado na Coreia do Sul no mesmo ano, foram convocados dois atletas da Marcha Atlética nos 20km. (CBAT, 2020) ; (CBAT, 2010).

Na Copa do Mundo de Marcha Atlética realizada na Rússia, no ano de 2012, a delegação teve presente nove atletas, três na categoria juvenil, uma no 20km feminino, quatro no 20km masculino e um no 50km. No Campeonato Mundial Juvenil do mesmo ano, houve um único representante da marcha masculina participando da prova de 10km. Nos Jogos Olímpicos de Londres nesse mesmo ano, no masculino, o Brasil obteve a 39ª colocação na prova de 20km. (CBAT, 2020) ; (CBAT, 2012)

De acordo com a Cbat (2020), em 2013, no Campeonato Mundial de Atletismo realizado na Rússia, foram convocados um atleta no 20km e outro no 50km, não havendo nenhuma participação feminina. O ano de 2014 teve a participação de oito marchadores na Copa do Mundo de Marcha Atlética na China, foram convocados três brasileiros para a prova de 50km, três para o 20km masculino e duas mulheres na prova de 20km.

De acordo com a Cbat (2020) e Athletics (2016), em 2015 o Brasil voltou a ter participantes em Campeonato Mundial Menores. Realizado na Colômbia, a seleção teve um atleta no 10.000m de Marcha Atlética masculino. No Campeonato Mundial de atletismo realizado na China, a delegação brasileira teve quatro marchadores, um na prova do 50km, um no 20km masculino, e duas atletas que participaram da prova do 20km feminino. O ano de 2016 representa o ápice dos resultados da Marcha Atlética brasileira em Jogos Olímpicos, com recorde de participação de atletas na Marcha Atlética, a realização do evento no Brasil obteve dois recordes nacionais, com a 4ª colocação no 20km com o tempo 1:19:42 e 9ª colocação no 50km de um único atleta no masculino com a marca de 3:47:02. Por sua vez, o feminino conquista o melhor resultado nessa prova em Jogos Olímpicos, com a 7ª colocação no evento.

Como consta nos resultados finais da Athletics (2016), outros atletas fizeram parte da seleção, no 50km, um atleta com a 29ª colocação. No 20km, além de três participações, sendo uma 63ª colocação no masculino. Na categoria feminina, teve uma 49ª colocação.

De acordo com Turco (2017), Cbat (2017) e Athletics (2017) no ano seguinte, o Campeonato Mundial de Atletismo de Londres obteve menos participações de marchadores brasileiros que a Olimpíada do Rio. No total, foram três atletas que conseguiram obter a classificação necessária para o evento. Apesar disso, um brasileiro se tornou o primeiro atleta da Marcha Atlética a se tornar um medalhista em Campeonato Mundial, com a medalha de bronze e novo recorde brasileiro da categoria, com a marca de 1:19:04 no 20km. Outra conquista inédita foi a 4ª colocação no mundial, que resultou no título de campeã do Circuito Mundial de Marcha Atlética da IAAF/WA, onde as pontuações foram conquistadas competindo nas provas realizadas nos circuitos da IAAF/World Athletics no México, China, Espanha e Londres. Ainda Em Londres, o Brasil conquista a 5ª colocação no evento, na primeira prova feminina de 50km marcha atlética realizada pela World Athletics, Londres marca o início de uma transição para a igualdade de gênero no Atletismo, com igualdade nas provas e premiações nesse evento.

De acordo com a Cbat (2019), o Campeonato Mundial de Atletismo de 2019 teve a delegação composta por cinco atletas da marcha atlética. Sendo a primeira vez que o número de participantes na categoria feminina supera a masculina, com três atletas convocadas, uma no 50km, e duas no 20km. No masculino, foram convocados dois atletas no 20km. O melhor resultado do evento veio da categoria feminina, com a quarta colocação.

Como visto, a participação e os resultados dos atletas de Marcha Atlética mostram que essa prova alcançou muita representatividade ao longo do tempo no cenário internacional, atletas desse nível já representam 20% e atletas olímpicos representam 11% do ranking brasileiro de 2019, período esse que será analisado posteriormente.

No próximo capítulo, será abordado a dimensão econômica da Marcha Atlética, trazendo aspectos da conjuntura internacional e regras de participação, que determinam a inserção e continuidade dos atletas brasileiros no ambiente esportivo mundial.

4. DIMENSÃO ECONÔMICA DA MARCHA ATLÉTICA

Como visto até aqui, a Marcha Atlética nasceu de um instinto natural e foi evoluindo de acordo com as modificações impostas pelo homem à sociedade, desde transmitir mensagens entre lugares distantes até a comercialização do esporte. No Brasil, alguns atletas conseguem se adaptar aos processos de mudanças induzidos pelo órgão regulador e obtêm competitividade no cenário internacional, onde disputam colocações com atletas de países desenvolvidos. Nesse capítulo, será abordado como a Marcha Atlética se insere no contexto internacional, como se deu o nascimento das relações econômicas entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, como essa relação afeta o desenvolvimento do atletismo e da Marcha Atlética no Brasil.

De acordo com Lucas (1968), ainda no século XIX, o esporte se desenvolvia na América sob influência dos ingleses. John Astley, membro do parlamento britânico foi o precursor em transformar a atividade física em apresentação esportiva para uma plateia, encorajando o nacionalismo, com o intuito de realizar eventos esportivos que superem a imaginação do próprio espectador, testando a capacidade humana. A partir do ano de 1845, os estadunidenses passaram a viajar para a Inglaterra em busca de premiações em dinheiro e entre 1875 e 1885 o pedestrianismo já era considerado um esporte profissional com intenso interesse nacional.

Conforme Lucas (1968), o primeiro mundial da modalidade ocorreu durante os anos 1878 e 1879, porém, a participação era limitada a apenas cidadãos ingleses e estadunidenses e a premiações eram altas considerando a moeda da época. Nesse mesmo período, os ingleses haviam sofisticado o pedestrianismo, já contavam com uma infraestrutura esportiva com pistas, treinadores, massagistas, nutricionistas, médicos, temporizadores de volta, contadores de volta e juízes, tudo a disposição dos eventos. O prêmio, além de grandes quantias era também um cinturão de prata com fivela de ouro maciço, com a frase “campeão de longa distância do mundo”, contando com mais de 30.000 espectadores.

Segundo o autor Lucas (1968), para os campeonatos de Pedestrianismo, havia uma super organização. A estrutura criada para que o público participasse e recebesse as informações sobre os acontecimentos ocorriam não em tempo real como hoje, mas com muita rapidez para a época. Os boletins de andamento da prova saíam de hora em hora e eram divulgados em vários pontos da cidade, como hotéis, bares e lojas. Em Nova York, a

imprensa mostrava diariamente pequenos “*spreads*” de notícias do campeonato e o preço cobrado para que os espectadores acompanhassem chegou a ser um dólar, aumentando gradativamente de acordo com a adesão do público ao espetáculo e o total era revertido em premiações para os campeões.

Para Lucas (1968), o declínio do Pedestrianismo nos Estados Unidos ocorreu pouco tempo depois, e de acordo com o autor, os males provocados pelo esporte foram a ganância, a insensibilidade e a tendência a exibição dos atletas como se fossem brutais e não humanos. Sem nenhuma forma de regulação, a prova foi desvalorizada e perdendo a sua popularidade. Um dos fatores que contribuíram para a decadência da prova no século XIX, nos Estados Unidos, foi a tendência de exploração viciosa dos atletas por parte dos promotores dos eventos.

Para Lucas (1968), no século XIX, na Inglaterra, o Atletismo começou a ser considerado um esporte popular e estava presente no sistema educacional inglês como parte da grade curricular obrigatória. Com o início da industrialização e urbanização, o esporte foi sendo submetido as adaptações e criações de regras para sua organização, desenvolvidas especialmente por quem se industrializou primeiro, o caso da Inglaterra.

De acordo com a World Athletics (2019a), a IAAF é considerada o primeiro órgão internacional regulador do Atletismo, fundado em 1912 para a elaboração de um programa atlético, padronização de equipamentos, normas técnicas e promulgação de recordes mundiais. Dessa forma, a partir de 1960, o esporte de alto nível foi se desenvolvendo principalmente em países privilegiados social e financeiramente. Com o desdobramento da sociedade moderna, o alcance global da difusão do esporte, conseqüente aumento pelo interesse na prática e na competição buscando uma melhor performance, o interesse comercial pelo esporte se caracterizou nos países desenvolvidos através da transmissão.

Segundo a WA (2019a), em 1982, os atletas de Atletismo de nível internacional passaram a ser caracterizados como profissionais e abandonaram o estigma de atleta amador. No ano de 1997, a federação internacional cria o prêmio *Competition Awards* para recompensar atletas de alto rendimento pelas performances esportivas. O desenvolvimento econômico e o desenvolvimento da ciência esportiva nos países desenvolvidos foram conduzindo o esporte para versões mais sofisticadas. Os equipamentos foram sendo aprimorados e foram sendo criadas técnicas de treinamento e competição. O programa oficial

da federação internacional conta com oito eventos mundiais e vários circuitos internacionais que mantém os atletas de alto rendimento competindo em alto nível. A organização do Atletismo mundial está sob administração do Conselho Mundial de Atletismo composto por 26 membros eleitos. A composição do conselho prevê que até o ano de 2027, haja requisito mínimo de 13 pessoas por gênero, igualando homens e mulheres. Atualmente são sete representações mínimas por gênero dos 26 membros.

Conforme a WA (2019a), quanto ao alcance da legitimação das regras, a federação internacional que possuía dezessete federações filiadas em 1912 sobe para 214 em 2015. Até o ano de 1987, as nações desenvolvidas se favoreceram com o sistema de votação e em 1987 o sistema mudou para “um país um voto”, de forma a integrar outros países. A sede da federação encontra-se em Mônaco. A principal fonte de renda provém das taxas de adesão cobradas das filiadas, venda das publicações, direitos de imagem e recebimentos de parceiros corporativos. De acordo com a própria constituição da WA, a federação possui poder para reger todas as regras do Atletismo mundial, possui seu próprio sistema judicial, apoiam as federações que promovem o Atletismo a nível mundial. Promove pesquisa e desenvolvimento (P&D) para o aperfeiçoamento das técnicas, medicina e logística aplicadas ao atletismo, também coopera com instituições públicas e privadas para a promoção dos interesses da modalidade. A federação possui a propriedade intelectual do Atletismo mundial, incluindo comerciais, divulgações, marketing e patrocínios.

Como visto, o Atletismo mundial é organizado por uma instituição internacional profissional. Para que o atleta tenha seu resultado no ranking mundial ele deve competir em provas que sejam realizadas de acordo com as normas da WA, dessa forma a Marcha Atlética deve seguir essas regras e normas da instituição para desenvolver atletas de nível mundial.

No ano de 2020, a WA (2019b) publicou novas regras para obtenção de classificação para a participação em eventos internacionais, a pontuação por resultados. Primeiramente, para validar um resultado de um atleta em uma competição de Atletismo, é necessário que ao menos um árbitro de nível internacional esteja presente. A WA também atribui pontuações diferentes para diferentes competições de acordo com nível e significância do evento, onde a participação em Olimpíadas e Campeonatos Mundiais são as que mais pontuam. Outras competições somam pontos para que os atletas possam fazer parte das competições internacionais, como descrito abaixo.

Tabela 1- Tabela de pontuações

Categoria	Detalhes
OW	Olímpiadas e Campeonatos Mundiais
GW	Campeonato Mundial de Marcha atlética por equipe
GL	Desafios Mundiais de Marcha Atlética, apenas eventos permitidos pela WA/Campeonato Adulto ao ar livre/Principais Jogos Continentais Panamericano e Sulamericano
A	Campeonato de Marcha Atlética não continentais/Iberoamericano
B	Campeonato Nacional de Marcha Atlética/Campeonatos Mundiais Sub20
C	Eventos Permitidos pela WA
D	Campeonatos Nacionais Similares/Jogos Olímpicos da Juventude
E	Eventos internacionais permitidos pela WA
F	Eventos nacionais permitidos pela WA

Fonte: World Athletics, elaborada pela autora.

Dessa forma, para a WA (2019b), o ranking mundial desde 2019 passa a ser contado através da pontuação por desempenho dos atletas, onde atletas que participam de eventos internacionais, conseqüentemente possuem maior chance de manter-se no ranking mundial. Exceto Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais de Atletismo, as competições que somam as pontuações mais relevantes são: Campeonatos Mundiais de Marcha Atlética e os Desafios de Marcha Atlética, conhecidos como *challenges*. De acordo com o calendário da Athletics (2020a), os *challenges* tem locais determinados pelo próprio conselho da WA, no ano de 2020, houve apenas um na América do Sul, pouco representativo comparado com os eventos realizados na Europa, que somaram sete eventos para pontuações e que de certa forma se torna uma limitação de acesso aos atletas latino americanos nesses tipos de evento.

Outras adaptações feitas pela WA (2020b) são as novas regras técnicas de calçados aprovadas. A partir do ano de 2020, a WA passa a definir quais são os calçados, assim como já faziam com as roupas, permitidos para serem utilizados pelos atletas em competições de nível internacional. A lista deve ser atualizada regularmente como todas as regras técnicas da federação. Algumas outras alterações estão sendo planejadas e feitas pelo comitê para adaptar a Marcha Atlética aos padrões europeus.

A primeira alteração divulgada pela Athletics (2019c) em fevereiro de 2019, visa programar a igualdade entre os sexos na prova de Marcha Atlética para todas as competições

internacionais. Apesar de ter sido inserida a prova de 50km feminino no Campeonato Mundial de Londres, as mulheres ainda não podem competir os Jogos Olímpicos nas mesmas distâncias que o masculino. A previsão é de que nos Jogos Olímpicos de Paris, em 2024, as duas distâncias possam ser disputadas por ambos os sexos. A segunda alteração feita pelo comitê, trata-se de uma discussão muito antiga na história da Marcha Atlética, as distâncias. Novamente, a WA determina que a Marcha Atlética seja compactada e se torne uma prova mais rápida, dessa vez, visando a facilitação para a transmissão da prova em meios digitais.

De acordo com a Athletics (2019c), a última alteração programada para a Marcha Atlética é na verdade uma inovação tecnológica. Será incluído uma tecnologia na palmilha dos calçados dos marchadores, essa palmilha eletrônica deve possuir um chip com tecnologia RWECS, que de acordo com a WA, a tecnologia irá auxiliar os juízes a identificarem os atletas que perdem o contato com o solo violando uma das regras da prova, prevista nas normas técnicas.

Dessa forma, percebemos que a organização da indústria esportiva encontra-se desenvolvida no cenário mundial seguindo a inovação dos países centrais, com uma movimentação do turismo sentido Europa e com todas as benesses do turismo esportivo como movimentação do comércio, hotéis, companhias aéreas, artigos esportivos cada vez mais incrementados de tecnologia avançada, transmissões alcançando uma quantidade maior de telespectadores. Nesse sentido, de acordo com Prebisch (1949) o Brasil como país subdesenvolvido e pertencente a América Latina possui uma função pré-determinada na economia mundial, com uma enorme desvantagem competitiva, a de produção de alimentos e matérias primas de baixa produtividade. A concentração de renda em poucas atividades produtivas principalmente nessas indústrias gera baixo progresso técnico e quase nenhuma competitividade internacional, fazendo com que a produtividade brasileira seja irrisória. Dessa forma, a qualidade de vida dos brasileiros não consegue alcançar um padrão desenvolvido, visto que é necessário direcionar um conjunto de políticas públicas que permitam orientar o desenvolvimento para fins sociais e então elevar a renda da população.

O próximo capítulo abordará quais são as condições socioeconômicas desses atletas, comparando com o próprio padrão brasileiro de desenvolvimento. De forma geral, o próximo capítulo visa mostrar e compreender as características gerais dos marchadores e por fim

analisar quais são as condições que permitem que atletas brasileiros consigam competir internacionalmente com atletas de países desenvolvidos.

5. PERFIL SOCIOECONÔMICOS DOS ATLETAS BRASILEIROS DA MARCHA ATLÉTICA E RENDIMENTO ESPORTIVO

Até o presente momento, a pesquisa contextualizou o desenvolvimento histórico da modalidade desde sua origem até a chegada e estabelecimento no Brasil, juntamente com o nascimento e desenvolvimento econômico estabelecido na América Latina e particularidades dessa economia. Nesse capítulo, será apresentado os dados socioeconômicos dos atletas de Marcha Atlética componentes do ranking brasileiro da Cbat das provas olímpicas de, 20 km Marcha Atlética feminino e masculino, e 50km de Marcha Atlética masculino, do ano de 2019, em contraste com os dados socioeconômicos do Brasil apresentados pelo IBGE, afim de estabelecer comparações econômicas desse grupo com o restante da população brasileira. Inicialmente, ocorre a análise dos dados socioeconômicos considerando uma abordagem generalizada, posteriormente é analisado fatores socioeconômicos dos atletas olímpicos e mundiais, em comparação com a análise geral.

A pesquisa identificou 35 atletas presentes no ranking brasileiro das provas Olímpicas de Marcha Atlética que foram contatados por redes sociais individualmente e obteve-se 29 respostas ao questionário. A amostra corresponde a 91,42% da população total. Os atletas estão situados nos mais diversos locais do país e apenas um não residente no Brasil, assim 14% são residentes em Blumenau/SC, 10% residentes em Brasília/DF, e respectivamente 7% residentes nas cidades Rio de Janeiro/RJ, São Paulo/SP e Sobradinho/DF. Outras cidades correspondem a 55% do total. A predominância é da região sul, com 38% dos atletas residentes e em segundo lugar a região centro-oeste com 17%. Ambas correspondem positivamente com a pesquisa realizada de acordo com o IBGE (2015), como sendo as duas regiões com mais praticantes de atividades físicas no Brasil. A região sul corresponde 40,8% da população que pratica algum esporte e a região centro-oeste 41,1% da população. A pesquisa leva em consideração os dados de 2015 por não haver estudos mais recentes sobre esse tema nesse caso específico.

Iniciando a análise das questões socioeconômicas, segundo o IBGE (2019), os indicadores de renda, estrutura do domicílio, acesso a saneamento básico, eletricidade, mostram o potencial da aplicabilidade de uma pesquisa baseada no orçamento familiar para entender a realidade socioeconômica dos atletas em questão. As despesas e as rendas são

analisadas de acordo com as características das famílias, determinantes para delinear a qualidade de vida do grupo.

5.1. CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS

5.1.1 Tipo de moradia e condições da ocupação

Em resposta ao questionário, 79,3% dos atletas disseram morar em casa e 21,9% em apartamento. Para 51,7% dos atletas, a condição da moradia é própria de algum membro da família e já paga, para 20,7%, a moradia encontra-se alugada. No Brasil, de acordo com o IBGE (2019), o tipo de moradia influencia diretamente as condições de segurança, conforto e privacidade, impactando positivamente para a saúde física e mental, assim como nos relacionamentos interpessoais. Existem também diferenças quantitativas no quesito despesa, observa-se que pessoas que residem em apartamentos possuem maior gastos com o imóvel do que pessoas que moram em casa. Dessa forma, o aluguel é o elemento que mais pesa no orçamento familiar, a média dos gastos por pessoa com moradia é de R\$ 264,66, e as regiões sudeste, sul e nordeste concentram a maior parte dessas despesas com 57,7%, 15,6% e 14,2 respectivamente. “A razão principal desta concentração é a despesa com o aluguel estimado, com despesa per capita de R\$ 112,01” quase metade dos gastos com moradia. Dessa forma, é possível avaliar que mais da metade dos atletas entrevistados não possuem comprometimento com esse tipo de despesa que mais encarece o orçamento familiar, apenas uma parte. Como as despesas com aluguel e apartamento são maiores do que a casa própria, pode-se entender que essa dimensão impacta diretamente os gastos dos atletas e dificulta que a renda disponível seja destinada a melhorias significativas que possam auxiliar seu desempenho esportivo.

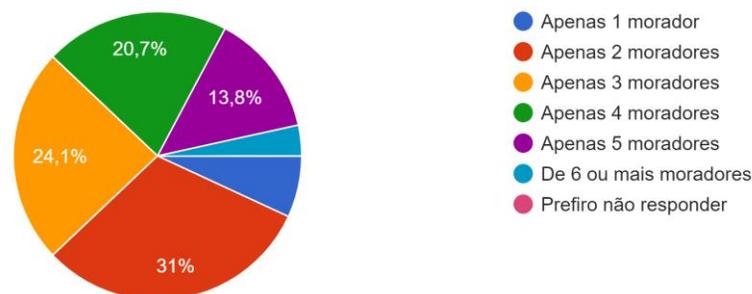
5.1.2 Número de moradores

Dos entrevistados, 31% residem em domicílio com apenas dois moradores, 24,1% residem em domicílio com três moradores, 20,7% residem em domicílio com quatro moradores, e 13,8% moram em domicílio com cinco moradores. Desses, 41,4% possuem ao menos um banheiro em casa, 34,5% possui ao menos dois banheiros em casa e 17,2% possui três banheiros em casa. De acordo como o IBGE (2019), a densidade domiciliar é considerada

um fator importante na análise das condições de habitação e pode demonstrar excesso de moradores, situação que geram desconforto, contribuindo com a baixa qualidade de vida da família. Porém, a maior parcela dos atletas reside em domicílios com três ou menos moradores, com disponibilidade de ao menos um banheiro, o que demonstra que para esses atletas não há limitação no quesito excesso de moradores em um único domicílio nem acesso a banheiro. A qualidade de vida é um fator muito importante e interfere no rendimento do atleta, visto que precisa de descanso e silêncio como método de recuperação para que seja possível dar continuidade nos treinamentos em alta intensidade, dessa forma uma densidade domiciliar alta prejudica o atleta e gera tensões que reduzem a qualidade de vida.

Figura 3 - Gráfico dos dados socioeconômicos – número de moradores

Número do moradores
29 respostas



Elaborado pela autora.

5.1.3 Arranjo Familiar

Na análise da composição familiar, é percebido entre os atletas que a predominância é de casal com filhos e casal sem filhos, onde cada amostra representa respectivamente 24,1%. Juntos representam 48,2% da amostra, quase metade dos entrevistados. Do restante, 17,2% das famílias são unipessoal, unipessoal sem filhos representa 40%. É importante levar em consideração o arranjo familiar visto que de acordo com o IBGE (2019), famílias compostas por mais de um adulto com criança aumentam as despesas médias com educação, contribuindo com 54,2% do valor da média per capita da população. Essas despesas afetam 37,5% dos atletas. Em comparação com a população brasileira, os estratos com maior representatividade entre os atletas de Marcha Atlético corroboram com a composição familiar

identificada de acordo com o IBGE (2019), onde a maior parte dos lares contém mais de um adulto com uma criança e representam 45,4% da população.

5.1.4 Situação do domicílio

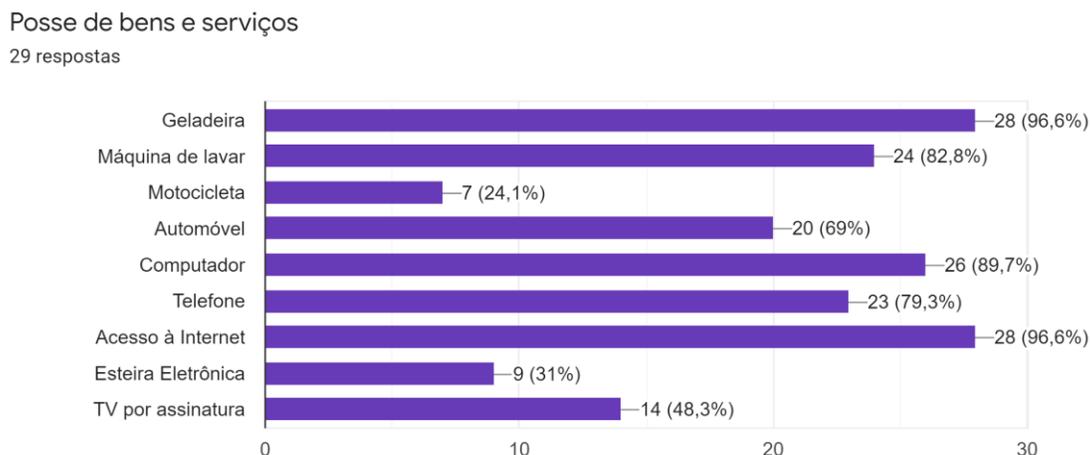
Entre os atletas entrevistados, 100% deles moram em área urbana, 100% possui abastecimento de água via rede geral de distribuição, 89,7% possui escoamento de esgoto via rede geral, 89,7% possui destino de lixo coletado diariamente e 100% tem acesso a fonte de energia elétrica através de rede geral. A localização geográfica do domicílio além de impactar diretamente na saúde e na inclusão da vida coletiva, traz elementos fundamentais para o planejamento de uma dinâmica urbana. Outros fatores relevantes, de acordo com o IBGE (2019), são as despesas médias per capita, que variam de acordo com a localidade do domicílio. A despesa per capita com moradia na área urbana é maior, enquanto na área rural menor. O abastecimento de água é um serviço essencial relacionado a saúde pública e qualidade de vida, está ligado ao custo e a estrutura do domicílio, não dependem exclusivamente da capacidade financeira da família e sim da estrutura do local onde vivem. Com isso, podemos notar que os atletas moram em centros urbanos com acesso a serviços essenciais oferecidos pelo Estado.

Os serviços de utilidade pública têm uma função de extrema importância no desenvolvimento socioeconômico da população. De acordo com o UN-Habitat (THE RIGHT..., 2009), uma moradia adequada inclui não apenas a estrutura do domicílio, mas também o acesso sustentável e não discriminatório a instalações essenciais para saúde, segurança e nutrição. O acesso aos serviços essenciais como água, eletricidade e gás doméstico é capaz de viabilizar às pessoas desfrutar de vários direitos humanos como saúde, segurança social, trabalho ou educação. IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019, p. 61)

Entre os serviços de utilidade pública, vale destacar os serviços de comunicação. O acesso à internet impera na maioria dos lares, e as famílias estão alocando grande parte dos seus recursos nesses serviços. De acordo com o IBGE (2019), “a despesa média per capita com os serviços de utilidade pública no Brasil é de R\$ 114,12. O item que teve o maior peso sobre esta despesa são os serviços de comunicação, com R\$ 45,16, e a energia elétrica, com R\$ 39,64. Entre os atletas, cabe destacar que 96,9% deles possuem acesso à internet, ou seja, serviço de comunicação. Do total, 90,6% possuem computador e 46,9% tem acesso a TV por assinatura, item que está incluso nos serviços de comunicação. Fazendo um comparativo sobre a posse de bens e serviços no Brasil, 98,1% das famílias possuem geladeira, 66,1%

possuem máquina de lavar e 49,2% possuem automóvel. Entre a amostra de atletas, essa porcentagem foi respectivamente de 96,6%, 82,8% e 69%. Pode-se perceber que ocorre uma pequena variação em comparação a posse de um bem básico como a geladeira, porém, quando voltado para posse de bens mais sofisticados e que repercutem em despesas maiores para a família, os atletas têm mais acesso que a média da população, refletindo em melhor qualidade de vida, visto que alguns desses bens permitem reduzir o tempo com as tarefas domésticas e locomoção, o que aumenta a produtividade da sua atividade profissional. Outro fator importante é que entre a amostra de atletas, 31% possuem esteira elétrica, um equipamento de trabalho, considerado de alto custo. A esteira contribui no aumento das despesas com consumo, mas, também favorece o aumento da produtividade do treinamento visto que não precisa de deslocamento até um outro local para realizar os treinos, permitindo aumentar o tempo livre.

Figura 4 - Gráfico de dados socioeconômicos – posse de bens e serviços



Elaborado pela autora.

De acordo com as respostas dos atletas, 90,6% deles não moram em áreas de risco de desastres ambientais. No Brasil, 25,3% da população vive em áreas em situação de risco ambiental. Quanto a área de desastre ambiental, de acordo com o IBGE (2019), trata-se de avaliações subjetivas sobre a moradia onde levam em consideração a situação de risco do domicílio em relação aos problemas ambientais e de violência, que de alguma forma afetam o padrão de moradia das famílias. É um risco ambiental situações como, problemas causados

pelo trânsito ou indústria, residências localizadas próximos a rio, lagos e baías poluídos, moradias em áreas sujeitas a inundações, encostas ou áreas sujeitas a deslizamento, e por fim violência ou vandalismo. O desconhecimento e a pouca informação sobre o que é uma área de risco ambiental pode ser um fator que leva a desconhecer o problema. No questionário, os atletas responderam se consideram estar localizados nessas áreas e não suas respectivas avaliações sobre elas.

5.1.5 Nível de Instrução

O nível de instrução das pessoas de referência dos atletas mostra que a escolaridade da mãe para 31% foi ensino fundamental incompleto, para 24,1% foi ensino médio completo, para 13,8% sem instrução, 10,3% ensino fundamental completo e 13,8% ensino superior. Para os pais, a proporção foi de 37,9% com ensino fundamental incompleto, 27,6% ensino médio completo, 10,3% sem instrução, 6,9% com ensino médio incompleto, 6,9% ensino fundamental completo e 3,4% ensino superior completo. Com isso podemos destacar que a maior parte dos atletas tiveram seu crescimento e desenvolvimento em lares com menor grau de renda monetária disponível e baixo nível de instrução.

O nível de instrução de acordo com o IBGE (2019), leva em consideração informações sobre série, nível ou grau do sistema de ensino vigente, contemplando as etapas sem nenhum nível de instrução até o ensino superior completo. O nível e grau de instrução afeta diretamente e conseqüentemente as despesas e retornos monetários e não monetários. As despesas totais monetárias e não monetárias variam entre os níveis e graus de instrução impactando diretamente as despesas e suas características. Famílias com a pessoa de referência sem instrução possui uma despesa total mensal de R\$ 776,29, com ensino fundamental incompleto R\$ 1.018,68, ensino fundamental completo R\$ 1.254,35, ensino médio incompleto R\$1.163,04, ensino médio completo R\$1.624,02, ensino superior incompleto R\$2.392,93 e ensino superior completo R\$4.230,44. As despesas variam entre pessoas de referência do sexo feminino e masculino, raça e cor, sendo que mulheres, pretos e pardos possuem menores despesas totais comparados com os mesmos graus de instrução de homens e brancos.

5.1.6 Renda familiar

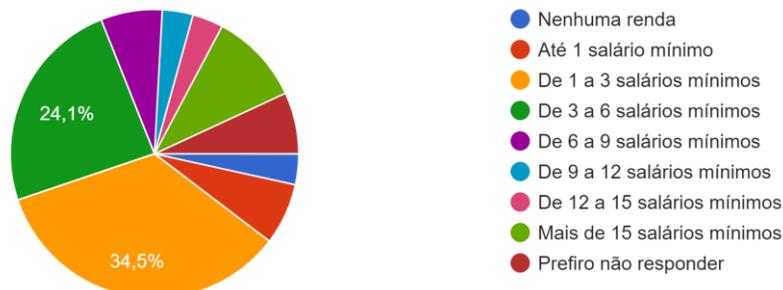
De acordo com o IBGE (2019) a renda é um fator multidimensional visto que juntamente com os preços pode-se obter a restrição orçamentária e ou as possibilidades de consumo. Além disso, a renda também é resultado da valorização social do trabalho nas diferentes áreas, ou seja, a sociedade tende a precificar os serviços de acordo com o próprio valor dado a ela, numa família onde há um médico, um nutricionista e um atleta a renda tende a refletir a valorização social do trabalho desses profissionais. Para os atletas, a renda está intimamente ligada aos resultados considerados valorizados pela sociedade e obtidos pelo atleta na sua carreira como também pelo nível de instrução de quem chefia a família. Assim, podemos dizer que atletas olímpicos ganham mais porque a sociedade valoriza mais atletas olímpicos.

De acordo com o IBGE (2019, p. 28), “a POF levanta de forma sistemática e abrangente, as informações sobre impostos diretos, contribuições sociais, descontos e transferências em dinheiro, bens e serviços. Com os componentes captados pela POF é possível estimar a renda líquida e a renda disponível, seguindo as recomendações internacionais”. A renda disponível é o que efetivamente resta para a escolha de bens e consumo das famílias levando em consideração o grau de valorização dos produtos e serviços adquiridos. Com isso, pode-se estimar a pobreza e desigualdade dos diversos grupos sociais. No Brasil, o valor médio da renda disponível é de R\$1.650,78. Os impostos diretos, contribuições e outras deduções tendem a reduzir a média em R\$163,34, e a renda não monetária abrange $\frac{1}{4}$ da renda disponível. Dessa forma, nem sempre a renda total gera consumo. A renda juntamente com o consumo reflete como a sociedade valoriza as dimensões do nosso dia a dia. A renda por si só não gera satisfação, bem estar e qualidade de vida para a sociedade em geral, porém, é o principal instrumento utilizado pelas famílias para adquirir bens e serviços prioritários. A renda é um condicionante importante para ter acesso a oportunidades e liberdade de escolha daquilo que as pessoas mais valorizam.

Figura 5 - Gráfico de dados socioeconômicos – renda familiar mensal

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

29 respostas



Elaborado pela autora.

Os dados da população brasileira coletados pelo IBGE (2020), demonstra que o ensino superior eleva a renda das famílias em relação as que tem apenas ensino médio. Admitindo que a elevação do nível de instrução é um meio de obter aumento do rendimento médio até três vezes maior, o que mostra ser compatível com a pesquisa, assim como a diferença salarial por gênero, que de acordo com o PNAD (2020), o rendimento dos homens é 28,7% mais alto do que das mulheres. O rendimento médio de pessoas com o ensino superior completo é três vezes maior do que de pessoas apenas com o ensino médio completo.

De acordo com a pesquisa, 34,5% dos atletas pertencem a famílias com renda familiar mensal entre 1 e 3 salários-mínimos, equivalente ao valor médio de R\$ 2.090,00 mensal, onde o grau de instrução da mãe é de ensino fundamental incompleto, 24,1% deles possuem renda familiar mensal entre 3 a 6 salários-mínimos, e o grau de instrução da mãe para as famílias nessa faixa de renda é de sem instrução até ensino médio completo e o número de moradores variam de 2 a 5 moradores por residência. As famílias com a renda de mais de 15 salários-mínimos representam 10,3% da amostra, o grau de instrução da mãe para essa faixa de renda é ensino superior completo assim como o grau de instrução do atleta e o número de moradores por residência diminui de 2 a 4 por família. Ou seja, pode-se notar que conforme o nível de escolarização da mãe, aumenta o nível de renda familiar dos filhos e as famílias são menores. Analisando por gênero, os 75% dos entrevistados que possuem renda maior de 15 salários-mínimos são do gênero masculino e 25% do gênero feminino. Ainda com referência a renda, 69% dos atletas afirmaram ter outra atividade profissional além de atleta,

e 31% afirmaram que atleta é sua única profissão. Não foi perguntado nesse caso se, atletas que possuem outra profissão estão atuando em ambas ou não.

Ainda na questão renda, quando perguntados sobre benefícios do governo, 51,7% respondeu que nunca recebeu ou recebe algum tipo de benefício do governo e 44,8% responderam que sim, já foram beneficiários ou são beneficiários do governo. O bolsa atleta é um programa do governo de incentivo ao atleta que está em vigor desde 2005, e de acordo com o Ministério da Cidadania (2020) é um dos maiores programas de patrocínio do mundo.

O público beneficiário são atletas de alto rendimento que obtêm bons resultados em competições nacionais e internacionais de sua modalidade. O programa garante condições mínimas para que se dediquem, com exclusividade e tranquilidade, ao treinamento e competições locais, sul-americanas, pan-americanas, mundiais, olímpicas e paralímpicas. Desde 2012, com a Lei 12.395/11, é permitido que o candidato tenha outros patrocínios, o que permite que atletas consagrados possam ter a bolsa e, assim, contar com mais uma fonte de recurso para suas atividades.

De acordo com o Ministério da Cidadania (2020), desde 2013 o governo inseriu a categoria bolsa pódio, criada pela Lei 12.395/2011 com o intuito de patrocinar atletas com chances de medalhas nos jogos olímpicos. Essa categoria tem o valor mais alto do bolsa atleta. Existem outros programas voltados ao esporte que estão em vigor, como a lei de incentivo ao esporte, segundo tempo, forças no esporte, paradesporto, brincando com esporte, esporte e lazer da cidade, seleções do futuro, vida saudável e academia. A dimensão dos recursos financeiros aplicados em projetos sociais é grande e os benefícios podem se dar de forma direta ou indireta na vida do atleta e da população em geral, porém, por não compreender essa dimensão acredita-se não possuir nenhum benefício com políticas públicas aplicada que são resultados de conquistas sociais obtidas ao longo do tempo por alguma classe de representantes. Assim, existe bolsa atleta por haver representatividade do esporte no Brasil. Dos atletas que afirmaram ter como única profissão atleta, 55,5% deles possuem algum tipo de benefício do governo federal, como o bolsa atleta, o que representa que as políticas públicas esportivas no Brasil auxiliam o desenvolvimento esportivo no Brasil. Dessa forma, sem ajuda do Estado, mais da metade dos atletas não teriam outra fonte de renda na sua atividade profissional mesmo representando estados, municípios e o país em campeonatos nacionais e internacionais.

5.1.7 Educação formal e acesso à cultura

Dados coletados pelo questionário mostram que 41,4% dos atletas possuem ensino superior incompleto, 27,6% possui ensino superior completo e 17,2% possui especialização de nível superior. Com isso, pode ser observado que 86,2% dos atletas já finalizaram a educação obrigatória básica, porcentagem bem acima dos 48,8% identificado no Brasil. Quanto ter reprovado alguma vez durante o ensino regular, 59,4% dos atletas disseram não ter reprovado nenhuma vez, 18,8% disseram ter reprovado três vezes ou mais, e 15,6% disseram ter reprovado uma vez. Sobre a interrupção da frequência regular em algum nível da escolarização, 28,1% dos atletas mencionam estar frequentando, 18,8% disseram ter interrompido os estudos na especialização de nível superior e 12,5% disseram ter interrompido o ensino superior. Entre os que deixaram de frequentar algum nível de escolarização regular, 15,6% disseram ter parado com os estudos entre 25 e 30 anos, ou seja, idade recomendada para formação no processo regular de estudo, onde não gera ônus social. Em contrapartida, 12,5% disseram ter interrompido a frequência escolar entre 19 e 24 anos de idade, outros 12,5% disseram ter interrompido entre os 15 e 18 anos de idade, nesse caso, gerando o ônus social. De acordo com Arantes (2013), há evidências da importância do processo escolar na formação de atletas olímpicos, trazendo os jogos escolares como um vínculo direto mostrando a presença dos atletas escolares nas Olimpíadas. O resultado foi que uma das modalidades com maior concentração de atletas olímpicos em números absolutos é o Atletismo. Observando os dados é possível compreender a ligação da educação com o esporte, sendo um complementar ao outro. De acordo com o IBGE (2019), o nível de escolaridade é uma variável que está relacionada com a qualificação para o convívio social e para a inserção nas atividades econômicas. O nível de escolaridade também influencia a percepção de saúde individual ou familiar num aspecto mais amplo não só no que se refere a ausência de doença, mas também bem estar físico, mental e social. Dessa forma, até mesmo a percepção de saúde pode ser afetada pelo nível de escolaridade, quando relativos aos grupos de referência, pois apesar de ter capacidade de custear os gastos com saúde ou estado de saúde, o grau de satisfação com a saúde pode ser diferente para os diversos grupos sociais.

De acordo com o IBGE (2020), é estabelecido por lei a obrigatoriedade da frequência escolar por se tratar de uma situação crítica ao desenvolvimento e um direito do cidadão brasileiro. De acordo com De Araujo e Santos (2012), a evasão escolar é resultado de que

algo está errado com o processo de formação, dessa forma é necessário identificar e refletir sobre o problema para reduzir a taxa de evasão e garantir a permanência desses atletas na escola. O processo regular de escolarização que leva em consideração o ensino superior pode ser considerado completo por pessoas na faixa etária de 25 anos ou mais, dessa forma apenas quatro dos 29 atletas não estão nessa faixa de idade, o restante todos possuem 25 anos ou mais. Esse resultado representa que os atletas estão acima da média nacional, visto que 47% da população com 25 anos ou mais possuem ensino médio completo ou ensino superior incompleto, o que representa a expansão do ensino fundamental no Brasil, acompanhada pela ampliação do ensino médio e acesso ao ensino superior. Porém, a porcentagem de atletas acima de 25 anos que possuem ensino superior completo é menor que a média da população que de acordo com o IBGE (2020) é de 21,8%. Assim, pode-se concluir que os atletas para conciliar os estudos com o esporte levam mais tempo para obter aumento no nível de instrução e concluir o ensino superior, devido a carga horária de treinamento e as viagens para competir. O comprometimento e o ensino não são afetados pois o esporte abrange outras vivências que somadas com o ensino regular oferecem outras capacidades. Perguntados sobre formações complementares, 58,6% dos atletas possuem outro idioma de formação, 27,6% possuem curso técnico, 31% não teve acesso a nenhuma formação complementar, 13,8% teve acesso a formação em música, 17,2% teve acesso a formação em artes, e 13,8% teve acesso a formação em dança. O desenvolvimento de política pública voltado para o ensino profissional para os jovens de acordo com o PNE (2014) expandiu a oferta de cursos técnicos, com isso pode-se notar que uma parcela significativa dos atletas puderam ser beneficiados com essa medida. Outros tipos de formações complementares agregam conhecimento e diversidade cultural, pode-se notar que os atletas possuem uma bagagem multidisciplinar que vai além do ensino público obrigatório. Outro ponto a destacar é a importância do conhecimento de outro idioma para o alto rendimento, visto que os atletas vão para eventos esportivos em outros países, e para que possam se integrar em outro local é preciso comunicar-se.

Perguntados sobre o motivo que os faria voltar a estudar ou continuar estudando, 44,8% dos atletas disseram que o principal motivo é adquirir mais conhecimento e ficar atualizado. Para 27,6% o principal motivo para estudar é conseguir um emprego, e para 13,8% dos atletas o motivo para voltar a estudar é conseguir um emprego melhor do que o

atual. Sobre a percepção qualitativa, para 62,1% dos atletas estudar e praticar esportes possibilitou o crescimento pessoal, para 17,2% dos atletas os estudos atrapalharam os treinos, e para 10,3% os estudos possibilitaram os treinos. Dessa forma, diferente do que os artigos anteriores de outras modalidades relataram como de acordo com Andrade (2018), os atletas de Marcha Atlética possuem a consciência de que o estudo promove o crescimento pessoal e melhora as condições socioeconômicas, o que demonstrou ser um fator diferencial que não só possibilita a continuidade dos atletas na carreira esportiva como também traz melhor resultado em termos de rendimento esportivo.

5.1.8 Formação esportiva

Sobre o processo de formação esportiva dos atletas, quando perguntados sobre o desenvolvimento da prática esportiva de outros esportes antes da especialização na Marcha Atlética, 72,4% deles responderam ter praticado apenas o atletismo, 31% responderam ter praticado futsal, 27,6% futebol, 20,7% basquetebol, 20,7% algum tipo de luta, 10,3% ginástica rítmica ou desportiva, 13,8% voleibol, 10,3% handebol, 6,9% tênis e 3,4% xadrez. Para 82,8%, o início dessas práticas se deram na cidade natal ou cidade em que residiam com a família, onde 51,7% eram em espaços públicos, 31% em clubes e 10,3% nas escolas. Quando perguntados sobre as práticas esportivas de outros esportes, 50% dos atletas responderam ter praticado esportes antes da especialização para fins competitivos, 34,4% responderam ter praticado para fins recreativos e 9,4% para fins educativos. Pode-se perceber que a pesquisa corrobora com Beneli (2018), que o Estado representa atualmente o maior incentivador do início das práticas esportivas sociais na infância, papel fundamental para o progresso do esporte, e que ter acesso a estrutura para treinamento esportivo na cidade natal contribui com a continuação da carreira esportiva dos atletas e manutenção dos treinos em alto rendimento. Dessa forma, também é possível notar que os atletas de Marcha Atlética tiveram diversificação esportiva na infância, o que de acordo com os estudos analisados anteriormente contribui para manter-se no alto rendimento. Nota-se que o futebol foi pouco praticado pelos atletas, apesar de ser uma prática muito difundida no Brasil e por ser uma atividade com possibilidade de obtenção de carreira. Dessa forma, pode-se ressaltar que a Marcha Atlética também abre possibilidade de uma atividade profissional no esporte.

De forma geral, os primeiros contatos com o esporte foram acontecendo para 44,8% dos atletas na faixa etária de 0 a 10 anos, 31% na faixa etária dos 11 a 13 anos e 13,8% na

faixa etária dos 13 aos 15 anos. Quando perguntados por quanto tempo praticaram outras modalidades antes de se especializar na marcha, 50% responderam ter praticado por 3 anos ou mais, 12,5% responderam ter praticado por 1 a 2 anos, 9,4% responderam ter praticado de 2 a 3 anos e 9,4% disseram ter praticado até um ano. Ou seja, corrobora com os estudos anteriores onde a oportunidade de diversificação esportiva na infância como aponta Benelli (2018) é um fator que contribui com o sucesso esportivo. Sendo assim, o início da prática esportiva para os atletas ter começado ainda na infância demonstra contribuir com a permanência no alto rendimento e alto nível competitivo. Quando perguntados quais provas eles haviam praticado dentro da modalidade de Atletismo, 53,1% respondeu ter iniciado e praticado provas de meio fundo e fundo, 21,9% respondeu ter iniciado logo na Marcha Atlética, e 18,8% disse ter iniciado nas provas de velocidade. Quando perguntados sobre quais provas receberam treinamento específico dentro do Atletismo antes de iniciar na Marcha Atlética, 56,3% responderam ter recebido treinamento para provas de meio fundo e fundo, 25% disseram só ter recebido treinamento específico para Marcha Atlética e 12,5% disseram ter recebido treinamento específico para provas de velocidade. Nos aspectos qualitativos de influência na iniciação do treinamento específico da Marcha Atlética, 50% dos atletas disseram que o convite de professores e amigos foi o fator fundamental para iniciar na modalidade. Outros 15,6% disseram que o fator principal foi fazer parte de um grupo social, para 12,5% outros fatores não citados influenciaram o início da prática. Fatores sociais influenciam o início da prática esportiva, porém a localidade e disponibilidade demonstrou ser o fator chave do treinamento esportivo, onde a oferta esportiva dentro da própria cidade torna-se relevante no processo de continuidade, visto que para 87,5% dos atletas, a estrutura de treinamento estava disponível na própria cidade e para 12,5% em outra cidade. Ou seja, muitos atletas de alto rendimento da marcha atlética tiveram acesso a treinamento específico de outras provas dentro do Atletismo, contribuindo com um amplo conhecimento sobre outras formas de treinamento esportivo que de certa forma gera um processo de pertencimento a um grupo e conhecimento da vivência esportiva, corroborando com os estudos que apontam a importância das relações interpessoais no processo de escolha. (Marques et al, 2014)

O início da especialização na prova Marcha Atlética para 31% dos atletas de alto rendimento se deu na faixa etária dos 16 a 17 anos, para 27,6% se deu na faixa etária dos 18

a 19 anos, para 13,8% dos 13 aos 15 anos e para 13,8% dos 11 aos 13 anos de idade. A satisfação com a experiência inicial na Marcha Atlética de acordo com os atletas na sua maior parte foi boa ou muito boa, o que demonstra que a satisfação em praticar esportes possui papel fundamental para a continuidade na carreira esportiva. Apesar do início das práticas esportivas ter sido antes dos 10 anos de idade, os atletas obtiveram especialização na prova em que hoje competem no alto nível apenas antes de atingir a maioridade, que de acordo com Andrade (2018) favorece o desenvolvimento multilateral, adaptações e outras experiências esportivas. Para os atletas da marcha, iniciar a especialização esportiva mais tarde contribuiu positivamente para a maturação da vida esportiva visto que os melhores resultados da carreira da maior parte dos atletas ocorrem após os vinte e três anos de idade. Quando perguntados qual tipo de campeonato os atletas competiram pela primeira vez depois de iniciar a especialização na marcha, 27,6% responderam ter competido campeonatos estaduais, 24,1% responderam ter competido pela primeira vez em jogos escolares e 17,2% disseram ter competido pela primeira vez em jogos regionais. Identificar a primeira competição esportiva dos atletas de alto rendimento é necessário para indicar que nenhum atleta chega ao alto rendimento sem passar por uma estrutura esportiva organizada que possibilite objetivos de curto prazo para a manutenção do treinamento esportivo visando alcançar competições de outros níveis como mundiais e olimpíadas. Assim, garantir que competições municipais, regionais e estaduais aconteçam também garantem que os atletas cheguem a níveis internacionais. Ainda sobre a obtenção de resultados obtidos pelos atletas no início da especialização, 44,8% deles disseram ter alcançado competições a nível nacional e 34,5% competições a nível estadual. Nesse processo de especialização, 79,3% dos atletas disseram ter despendido mais de 6 horas semanais de treinamento e 20,7% dos atletas disse ter gastado com treinamento a carga horária de 4 a 6 horas semanais. Dessa forma, é possível identificar que o tempo de treinamento dedicado a Marcha Atlética é superior ao tempo gasto nessa mesma fase por outras modalidades como ressaltou Beneli (2018) e Marques et al (2014) com o basquetebol e o vôlei, mas inferior a carga horária apresentada por Andrade (2018) realizada pelos tenistas brasileiros.

5.1.9 Alto rendimento esportivo

O questionário trouxe questões que buscam delinear o perfil dos atletas de Marcha Atlética para saber em qual nível competitivo eles competem. A primeira questão voltada

para o desempenho esportivo foi identificar o melhor desempenho competitivo da carreira dos atletas nas provas olímpicas. Para 37,9%, seu melhor nível de desempenho alcançado foram competições nacionais, para 20,7%, o melhor desempenho foi competir em nível mundial, para 13,8% dos atletas foi competir a nível panamericano, 13,8% competições sul-americanas e 13,8% seu melhor nível de desempenho esportivo alcançado foi competir Olimpíadas. Com isso, pode-se notar que 59,4% dos atletas de Marcha Atlética competem no nível internacional, o que representa que a cada 10 atletas, praticamente 6 são atletas com alto grau competitivo. Desses atletas, 51,7% conquistaram os melhores desempenhos esportivos somente após os 23 anos de idade, 31% dos 19 aos 23 anos e 13,8% dos 16 aos 19 anos. Com isso, é possível notar que o período de transição para o alto rendimento esportivo ocorre nessa faixa etária, a desistência ou a descontinuidade antes dessa fase revela que o atleta pode não ter alcançado seu melhor desempenho esportivo. Assim, como ressalta Beneli (2018) é necessário ter condições de vincular o esporte ao ensino de nível superior e garantir que os atletas possam chegar à maturidade esportiva sem comprometer os estudos, que trará além de uma profissão, a melhoria na qualidade de vida. Quando perguntados se há alguma limitação que impeça a melhora de seus resultados esportivos, 55,2% dizem que encontram limitações, 31% dizem que talvez possuam limitações e 13,8% dos atletas dizem não possuir nenhum tipo de limitação que os impeça de melhorar os resultados. Quando citados alguns itens que poderiam influenciar a melhora dos resultados dos atletas, a porcentagem de atletas que disse não ter limitações caiu para 10,3%, o que mostra que de fato algumas das opções apresentadas foram reconhecidas como limitações para os atletas. Por ordem decrescente, a dificuldade financeira foi a maior limitação citada pelos atletas, representou 69% deles. Posteriormente, as viagens mostraram ser um fator limitante para 37,9% dos atletas, o próximo fator está relacionado com a falta de estrutura de treinamento para 37,9%, falta de material de trabalho 31%, confederações, federações e clube representaram cada um 27,6%, a falta de reconhecimento da profissionalização da profissão de atleta representou 27,6%, a falta de reconhecimento foi apontado por 20,7% dos atletas, a dificuldade de conciliação do esporte com os estudos representou 13,8%, falta de apoio familiar representou 10,3% dos atletas, e as regras e normas da IAAF/World Athletics representou ser fator impeditivo para apenas 6,9% dos atletas. Corroborando com os estudos de Beneli (2018) e Marques et al (2014) mostrando que o financeiro é o fator que mais impede atletas de se manter no esporte ou de

melhorar seu rendimento esportivo. Com isso, pode-se perceber também que os fatores mais presentes no cotidiano do atleta foram as limitações mais lembradas por eles, como financeiro, estrutura e viagens. Fatores que não fazem parte do dia a dia, ou que estão fora do alcance dos atletas como as regras e normas impostas pelo órgão internacional, não foram lembradas pelos atletas e esse mesmo órgão é o que define questões mais apontadas como impeditivos pelos atletas como financeiro, viagens, estrutura de treinamento, material de trabalho e profissionalização do atleta. Sobre as questões que contribuem com a continuidade da carreira esportiva dos atletas, os resultados em competições representam 72,4% assim como a satisfação pessoal representa 69% deles. Participar de eventos esportivos importantes contribui para que 48,3% dos atletas continuem praticando a marcha, o incentivo financeiro potencializa 41,4% dos atletas, o patrocínio 31%, o apoio familiar 24,1% e a qualidade de vida e o reconhecimento representam cada um 24,1% e 20,7%. Os dados corroboram com os apresentados por Beneli (2018), Andrade (2018) e Marques et al (2014), quando se referem a resultados, convocações e retorno financeiro. De toda forma, pode-se perceber que os fatores qualitativos são mais determinantes para a continuidade da carreira para os atletas de alto rendimento, portanto gostar do que faz e obter resultado são os fatores mais relevante na vida do atleta. O fato de ser reconhecido e a qualidade de vida mostrou pouca interferência na vivência do atleta. Quando perguntados sobre lesões, 82,8% dos atletas disseram já ter tido ao menos uma lesão ao longo da carreira, 13,8% disseram não ter tido nenhuma lesão. Quando perguntados se os atletas haviam interrompido a carreira esportiva em algum momento por algum motivo, 48,3% disseram ter parado com a carreira por causa de lesões, ou seja, a lesão aparece como um fator comum no esporte de alto rendimento e a que mais afasta os atletas da Marcha Atlética dos treinamentos esportivos. Outros 24,1% interromperam a carreira por não conseguir conciliar os treinos com os estudos, 20,7% interromperam a carreira por questões financeiras, 10,3% dos atletas interromperam a carreira por não conseguir conciliar com o trabalho, 6,9% dos atletas interromperam a carreira por não ter o contrato renovado com o clube e 6,9% precisou interromper por causa de gravidez. Do total, 9,4% dos atletas nunca tiveram sua carreira interrompida por nenhum fator. Quando perguntados por quanto tempo ficaram afastados das atividades, 27,6% dos atletas disseram ter ficado até 12 meses afastados das atividades, 13,8% ficaram de 12 a 24 meses afastados, 6,9% ficaram de 24 a 36 meses e 3,4% não ficaram afastados. Dessa forma,

é possível perceber que a maior parte dos atletas de alto rendimento precisou em algum momento interromper a carreira por algum motivo, e mesmo assim retornam ao alto rendimento. Como vimos, interromper a carreira é comum e acomete a maior parte dos atletas, questões de saúde e estudos são responsáveis por grande parte dos afastamentos, corroborando com os estudos de Beneli (2018) onde a falta de uma política pública afasta os atletas do esporte pela dificuldade de conciliação dos esportes com os estudos, assim como ocorre em países desenvolvidos.

Sobre os acompanhamentos profissionais, foi perguntado aos atletas quais eles possuíam, 86,2% dos atletas possui um treinador, 51,7% possui fisioterapeuta, 37,9% possui nutricionista, 31% possui massoterapeuta, 27,6% possui médico, 24,1% possui acompanhamento de psicólogo, e 10,3% não possui nenhum tipo de acompanhamento. Pode-se perceber que menos da metade dos atletas de alto rendimento possuem acompanhamento de uma equipe multidisciplinar, mostrando que para o alto rendimento esportivo na Marcha Atlética diferente do que ressalta Andrade (2018) aos tenistas brasileiros, a equipe multidisciplinar não é o fator mais determinante para alcançar competições internacionais. De toda forma, percebe-se que o acompanhamento de um profissional de Educação Física como treinador é fundamental para a obtenção de resultados esportivos. Quando perguntados qual fonte financia os atletas que possuem acompanhamento profissional, 37,9% deles disseram pagar por conta própria, 27,6% disseram que a fonte pagadora são os órgãos públicos, 10,3% disseram aderir a convênios com órgão privados, 6,8% disseram ter apoio voluntário de alguns profissionais, caracterizada pelo IBGE (2019) como uma despesa não monetária. Assim, é possível identificar que as despesas dos atletas com acompanhamento profissional para melhora e continuidade no rendimento esportivo são pagas com recursos próprios, o que aumenta os gastos com saúde e reduz a renda disponível dos atletas. Foi perguntado aos atletas, se na percepção deles o fato de não ter acompanhamento de um ou mais profissionais pode impactar negativamente no desempenho esportivo. Do total, 56,3% deles concordaram com a afirmação, 15,6% disseram que não ter acompanhamento talvez afete o rendimento esportivo, 12,5% disse que não afeta o rendimento esportivo e 12,5% disse não saber opinar sobre o assunto. De acordo com Antonelli (2016), no Brasil, estabelecer parcerias com as universidades e outros profissionais multidisciplinares fica a cargo do atleta, da mesma forma é necessário buscar acompanhamento fora do próprio centro

de treinamento o que pode afetar negativamente o desempenho esportivo por possuir “carência de pesquisa científica voltada para o desenvolvimento dos atletas”. Porém, os atletas de Marcha Atlética mesmo sem uma equipe multidisciplinar completa, consegue competir em alto rendimento internacional. Dessa forma, o rendimento seria muito maior se os atletas pudessem contar com uma equipe multidisciplinar de apoio, algo muito comum nos países desenvolvidos.

Sobre a carga horária de treinamento semanal dos atletas, 28,1% dizem demandar de 20 a 25 horas para treinamento, 21,9% mais de 40 horas de treinamento semanal, 21,9% até 20 horas semanais de treinamento, 12,5% gasta de 25 a 30 horas semanais e 12,5% de 30 a 40 horas semanais. Dessa forma, mais da metade dos atletas, 53,1% gastam em média entre 20 e 40 horas semanais de treinamento. É possível notar que a carga horária de treinamento da maior parte dos atletas de Marcha Atlética é compatível com o desenvolvimento de outra atividade, porém incompatível com uma rotina de estudo, trabalho e treino. Dessa forma, para atletas iniciantes na categoria adulto é necessário um aporte financeiro para se manter estudando e treinando até conseguir obter uma formação de nível superior. Perguntados sobre quais atividades eles costumam desenvolver no seu tempo livre, 31,3% disseram gastar o tempo livre com outros esportes, 21,9% música, 18,8% leitura e 18,8% viagens. Pode-se notar que os próprios atletas em sua maior parte são consumidores do mercado esportivo quando decidem ocupar o tempo livre executando atividades esportivas ou consumindo essas atividades assim como movimentando o turismo. De outra perspectiva os atletas possuem hábitos que agregam outras formas de conhecimento que possibilitam o crescimento pessoal e aumentam as chances de contribuir positivamente com a comunidade em que vivem.

Quanto ao contexto cultural que envolvem os atletas, quando perguntados se já haviam sofrido algum tipo de preconceito com relação a prática da Marcha Atlética durante a carreira esportiva, 87,5% dos atletas disseram já ter sofrido preconceito e 56,3% deles disseram que o preconceito afeta negativamente o desempenho da atividade, 28,1% disseram que o preconceito não afeta o desempenho deles. Ainda sobre a questão cultural, perguntados se há desigualdade de gênero no esporte, 50% dos atletas concordam que há, 25% dizem que talvez haja desigualdade de gênero e 18,8% diz não haver desigualdade de gênero. Quando perguntados se a desigualdade de gênero afeta negativamente a prova, 46,9% disseram que sim, 25% disseram que talvez afete e 18,8% disse que não. Com isso, podemos perceber que

a maior parte dos atletas possuem consciência de que a desigualdade existe, e é possível notar que os atletas de alto rendimento em sua maioria sentem que o preconceito dificulta o ambiente esportivo, conseqüentemente prejudica o desempenho deles e demais atletas e também o crescimento da modalidade no país, corroborando com a afirmação de Sen (2010) de que o preconceito atua como uma privação da capacidade, trazendo desvantagem social e diminuindo o potencial dos atletas. A Marcha Atlética é a única prova do atletismo que ainda não possui igualdade de gênero, visto que a prova dos 50km não é disputada no feminino nas Olimpíadas como visto nos capítulos anteriores. A própria federação internacional reconhece que as decisões acerca do Atletismo mundial são desiguais e estão propondo uma modificação estrutural dentro da organização para que as mulheres ocupem espaços igualmente com os homens até 2024, tanto no Atletismo como nas decisões sobre o Atletismo. Ainda em 2021, a própria Confederação Brasileira de Atletismo limita a representação feminina nos critérios de convocação de seleção onde a Marcha Atlética nos 50km feminino possui menor número de vagas que a mesma prova no masculino. Não possuir representatividade feminina nas decisões dos rumos do esporte dificulta a entrada das mulheres no Atletismo, até o ano de 1992 elas não podiam competir na Marcha Atlética e até hoje há barreiras a igualdade de gênero.

Sobre questões políticas, perguntados se os atletas opinam sobre as tomadas de decisões políticas referente ao desenvolvimento da prova em algum âmbito, 59,4% dos atletas disseram não ser consultado sobre melhorias da modalidade, 21,9% disseram ser consultados no âmbito municipal. Desses que opinam, 50% são do gênero feminino e 50% do gênero masculino, o que demonstra que a participação feminina possui relevância na política pública em algumas cidades. Do total, 6,3% dos atletas são consultados no âmbito estadual, desses 100% são do gênero masculino, portanto pode-se notar que conforme o grau de hierarquia aumenta, diminui o acesso das mulheres nas participações políticas, e que a maior parte dos atletas não conseguem expor as dificuldades do segmento para a elaboração de um planejamento para melhoria nas condições de treinamento, e estão distantes de ter participação no âmbito nacional. Para finalizar o questionário, foi perguntado aos atletas se há alguma política pública de planejamento de carreira esportiva no Brasil, 31,3% disseram que não há, 28,1% disseram que talvez haja alguma política de planejamento de carreira esportiva e 15,6% disseram que há política pública de planejamento de carreira esportiva.

Com isso, podemos perceber que a maior parte dos atletas possuem entendimento do que é uma política pública de planejamento de carreira esportiva e confirmam o que pode ser notado através de estudos que as políticas públicas voltada ao esporte no Brasil de acordo com Carvalho (2013) mostram que os programas e incentivos ao esporte de alto rendimento auxiliam na formação e manutenção dos atletas. Porém, no que tange ao desenvolvimento de programas e incentivos ao esporte educacional e participativo são instáveis e de baixa abrangência social. Com isso, pode-se notar que há políticas públicas voltadas ao alto rendimento esportivo mas não há políticas públicas de planejamento de carreira esportiva o que acaba por negligenciar a democratização do esporte de cunho social principalmente nos períodos de maior dificuldade dos atletas que é até os 25 anos, período que compreende a fase de formação superior onde é necessário conciliar estudos e treinos. Dessa forma, ambas atividades sem remuneração acabam selecionando os atletas que de fato podem continuar na carreira esportiva pelo fato de que o programa bolsa atleta contempla apenas os três primeiros colocados do ranking nacional na categoria adulto diminuindo as chances de quem entra na categoria se manter no esporte sem outra atividade remunerada ou sem auxílio externo.

5.1.10 Condições socioeconômica dos atletas de nível mundial e olímpico

Nessa seção é abordada a desigualdade de condições entre os próprios atletas do ranking nacional. Mostra quais são as condições socioeconômicas dos atletas que atingem competições a níveis mundiais e olímpicas. Os aspectos analisados aqui abrangem fatores socioeconômicos como gênero, nível de instrução e renda.

No quesito gênero, o número de participantes em competições mundiais ocorre igualmente para ambos os sexos, sendo 50% mulheres e 50% homens. No nível mundial, 100% dos atletas possuem moradia própria, e o tipo de domicílio é 90% casa e 10% apartamento. Do total, 67% deles moram com alta densidade habitacional sendo o número de moradores maior ou igual a quatro e 50% deles possuem filhos. Dos atletas mundiais, 33% tem posse de esteira eletrônica e 100% dos que possuem esteira eletrônica são mulheres com filhos, o que permite analisar que a posse de esteira é além de um equipamento de trabalho, um fator condicionante para que a mulher possa treinar e cuidar dos filhos aumentando a produtividade, diminuindo o tempo de deslocamento até um local de treino. Por outro lado, pode-se perceber que as tarefas de cuidar dos filhos é pré-determinada e treinar em casa pode

fazer com que as mulheres percam o convívio social e a oportunidade de integrar a comunidade local como um todo acarretando em uma forma de exclusão social como ressalta Sen (2010).

Sobre o grau de instrução, no nível mundial, o nível de escolaridade dos pais varia entre eles, 17% das mães possuem ensino superior completo e 17% não possui nenhum grau de instrução. O restante varia entre ensino fundamental incompleto até ensino médio completo. No caso do pai dos atletas mundiais, nenhum deles possui ensino superior, o grau varia entre sem instrução e ensino médio, sendo que 50% possui ensino médio completo e diferente da grande maioria dos pais, 100% dos atletas de nível mundial possuem ensino superior completo. Outro fator importante é que 100% dos atletas mundiais possuem formação em outro idioma. Dessa forma, pode-se perceber que para que seja possível elevar o grau de competição esportiva para níveis mundiais, é necessário mais do que ter o ensino básico obrigatório garantido pelo governo, o ensino superior e conhecimento de outro idioma é um requisito. Nesse caso, não foi necessário aplicar a estratificação por gênero, visto que o ensino superior correspondeu a totalidade das respostas.

A variável renda mostra que 50% dos atletas de nível mundial possuem renda média mensal de 1 a 3 salários-mínimos por mês, 16,6% recebem de 3 a 6 salários-mínimos, 16,6% recebem de 9 a 12 salários-mínimos e 16,6% recebem acima de 15 salários-mínimos. A maior renda corresponde ao gênero masculino cujo mãe e atleta possuem mestrado, com isso pode-se perceber a conexão proporcional entre o nível de escolaridade e a renda auferida. A menor renda corresponde a 33,3% das atletas do gênero feminino. Desses atletas, 50% foram ou são beneficiados por algum programa do governo, 66,6% deles pagam por conta própria para fazer acompanhamento com algum profissional da área multidisciplinar e a carga horária de treinamento varia, porém, a maior parte que corresponde a 33,3% deles é entre 25 a 30 horas semanais. A menor carga horária de treinamento pertence as atletas do gênero feminino cujo a carga horária representa até 20 horas semanais. A nível mundial, 83,3% dos atletas possuem outra profissão, e 16,6% dos atletas não possuem outra profissão. Dos atletas que não possuem outra profissão além do esporte, 100% são do gênero masculino. Com esses dados pode-se perceber que o grau de instrução aumenta a produtividade do trabalho ou seja, o atleta que possui ensino superior completo consegue otimizar o tempo dedicado ao treino, investe em profissionais para manter e melhorar a performance esportiva. A desigualdade de

gênero pode ser notada na renda, no tempo livre e na determinação de tarefas extra treino. É possível notar a diferença de condições entre os atletas do ranking brasileiro com a dos atletas de nível mundial. O grau de instrução é determinante para que atletas que competem em níveis nacional, sul-americano e panamericano consigam elevar a capacidade competitiva assim como aprender outro idioma, ou seja, através do esporte é possível notar que o progresso técnico é fundamental na competição.

Analisando apenas os atletas Olímpicos, é possível perceber que as condições socioeconômicas convergem para o sucesso esportivo e apenas o fator gênero ainda é algo a ser buscado, visto que 75% dos atletas que competem olímpiadas são do gênero masculino e apenas 25% do gênero feminino. Com isso, podemos notar que a desigualdade de gênero existe e é mais difícil para as mulheres de nível mundial alcançar uma competição olímpica por ainda haver barreiras sociais impostas a elas, o que corrobora com os dados dos atletas olímpicos, visto que 100% das mulheres não possuem filhos. Continuando com a análise, 100% dos atletas olímpicos moram em residência própria, o número de moradores é menor do que os atletas mundiais, sendo nesse caso 50% dos lares com três moradores e 50% com dois moradores, isso demonstra que a qualidade de vida cotidiana dos atletas olímpicos é melhor do que a maior parte dos atletas mundiais. Todos os atletas olímpicos são casais, e 50% deles possuem filho, o que demonstra que os laços afetivos como valores e costumes sociais, normas comuns que de acordo com Sen (2010) influenciam nas características sociais.

Sobre grau de instrução, 50% dos atletas olímpicos possuem mãe com ensino superior completo e 100% deles possuem ensino superior completo. O nível de escolaridade do pai varia de sem instrução até ensino superior completo, esse último representa 25% dos atletas. Apenas 50% deles possuem outro idioma, menor nível de formação complementar comparado com os atletas mundiais, mas de toda forma confirmando que o grau de instrução é um propulsor da melhora na competitividade.

No fator renda, 50% dos atletas olímpicos possuem renda mensal média de 15 salários-mínimos ou mais, e 75% deles são contemplados com algum programa do governo. Nas despesas, 50% deles possuem despesas próprias com equipe multidisciplinar, 50% recebe apoio dos profissionais ou a equipe é provida por órgãos públicos, ou seja, para a maior parte a equipe multidisciplinar é uma despesa não monetária. A carga horária de

treinamento dos atletas olímpicos é superior aos atletas de nível mundial, sendo que 75% dos atletas olímpicos despendem de mais de 40 horas semanais de treinamento. Os dados indicam que para os atletas olímpicos, apesar das condições socioeconômicas condicionar o desenvolvimento da prática, o fator renda é determinante para o alcance de um maior rendimento esportivo, o auxílio do governo também é um componente dessa renda e proveniente de serviços essenciais para os atletas. Além disso, a dedicação em horas de trabalho mostra que os atletas olímpicos dedicam uma parte considerável da vida em busca de melhoria no desempenho.

Dessa forma, pode-se perceber que ocorre uma diferença significativa nas condições socioeconômicas que separam atletas de nível nacional, mundial e olímpico. Os atletas de nível nacional possuem renda acima da média populacional assim como as condições de vida e nível de instrução, já no nível mundial as condições de vida, renda e grau de instrução são melhores que os atletas de nível nacional, por fim, nos níveis olímpicos, o grau de instrução é igual aos atletas de nível mundial, porém as condições de vida são melhores pelo fator de densidade habitacional e renda.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: CARACTERÍSTICAS E PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO DA MARCHA ATLÉTICA

Foram muitas reflexões acerca desse tema e muito aprendizado no decorrer da pesquisa que possibilitou chegar aqui com um amplo conhecimento adquirido sobre a situação socioeconômica dos atletas, abandonando muitas crenças e de fato produzindo uma pesquisa científica. Quais são as condições socioeconômicas dos atletas de Marcha Atlética do Brasil que contribuem para o desempenho deles em competições de alto rendimento? Agora sim, depois de ler a pesquisa é possível discorrer sobre o tema de forma a mostrar as características que fazem os atletas brasileiros conseguirem competir em nível internacional.

Primeiramente, quando falamos em atleta de Marcha Atlética, na média estamos falando de um atleta de nível internacional. Entre as características socioeconômicas pode-se destacar que na média um marchador/marchadora possui casa própria com dois moradores, um casal. Vive em área urbana com acesso a todos os serviços essenciais como água, esgoto e energia elétrica. Tem acesso à internet, possui computador, geladeira e não residem em

áreas de risco ambiental. A mãe possui ensino fundamental incompleto assim como o pai, a renda familiar é de um a três salários-mínimos o que equivale a uma renda entre R\$ 1.045,00 a R\$ 3.135,00. A família não foi ou é beneficiária de nenhum programa do governo, e o atleta possui outra profissão. O grau de escolaridade é maior do que os pais, pois está frequentando o ensino superior, mas nunca reprovou no ensino regular. O atleta possui outro idioma em sua formação complementar e pensa em voltar a estudar para adquirir mais conhecimento e ficar atualizado pois considera que o estudo possibilitou seu crescimento pessoal. O atleta também teve acesso a diversificação esportiva competitiva antes mesmo de se especializar na marcha e essas práticas esportivas se deram em espaços públicos na própria cidade onde residiam. Os primeiros contatos com o esporte foram de zero a 10 anos de idade, duraram três anos ou mais e só pararam de praticar outros esportes para se dedicar exclusivamente a Marcha Atlética. O atleta começou no Atletismo em provas de meio fundo e fundo, onde obtiveram treinamento específico para essas provas. De fato, entre dezoito e dezenove anos, o atleta iniciou sua especialização na marcha atlética e obteve uma experiência inicial satisfatória, competindo pela primeira vez em campeonatos estaduais. O convite de professores e amigos foi fundamental para que o atleta começasse a praticar a marcha na sua cidade natal e isso fez com ele alcançasse competições a nível nacional no início da carreira assim como as mais de seis horas semanais de dedicação aos treinos. Falando em alto rendimento, o melhor nível de desempenho alcançado pelo atleta foi em competições nacionais nas provas de 20km ou 50km e essa conquista foi obtida somente após os vinte e três anos de idade. O atleta acredita que possui limitações que impeçam ele de obter melhor resultado na carreira, a principal é a dificuldade financeira. O atleta continua treinando pela satisfação pessoal e por causa de seus resultados, sua motivação principal para continuar sua carreira. O atleta já interrompeu sua carreira e o principal motivo desse afastamento foi causado por lesões, mas o tempo que ficou afastado não foi superior a um ano. Em geral, o atleta não tem uma equipe multidisciplinar para acompanhá-lo e isso impacta negativamente no seu desempenho, de toda forma, possui um treinador. Quando acompanhado por algum profissional, o atleta paga por conta própria. A atual carga horária de treinamento do atleta é de vinte a vinte e cinco horas por semana, e mesmo quando está em seu tempo livre pratica outros esportes. O atleta de marcha já sofreu preconceito por desempenhar sua prova, e isso afeta negativamente a prática. Assim como o preconceito, também há desigualdade de gênero

que interfere negativamente. Em geral, o atleta não é consultado nas tomadas de decisões políticas sobre o desenvolvimento da modalidade, e diz que não houve nenhuma política pública que possibilitasse o planejamento da sua carreira esportiva.

Além disso, comparando os dados do IBGE (2020; 2019) com as condições socioeconômicas deles, pode-se concluir que os atletas brasileiros possuem rendimento médio aproximado a média da população brasileira porém possuem duas profissões. Quanto ao nível de instrução e acesso a serviços básicos de utilidade pública, pode-se concluir que os atletas estão acima da média, visto que a maior parte possui ensino superior incompleto, mesmo que os pais não possuam elevado grau de instrução o que demonstra a importância do esporte para o desenvolvimento humano, sendo a ascensão social pode ser uma consequência. O nível de desenvolvimento da cidade demonstra ter influência na iniciação da prática esportiva, os órgãos públicos são responsáveis pela estrutura de manutenção do esporte de alto rendimento e os próprios atletas são responsáveis pelas despesas com profissionais multidisciplinares, o que mostra que o esporte gera uma integração entre vários setores da economia e uma gama de investimento para se manter competitivo. Esses fatores socioeconômicos delimitam o espaço para que consigam treinar e competir em alto rendimento esportivo, mas por mais que algumas condições capacitam os atletas ao desenvolvimento da prática esportiva do alto rendimento e sirvam de estímulo para que os consigam competir a níveis internacionais com países desenvolvidos, a satisfação pessoal com a prática e a obtenção de resultados competitivos são primordiais para a continuação da carreira esportiva, visto que o retorno financeiro não é a causa para viver uma vida de atleta na marcha atlética.

Quanto as dificuldades, ocorre por fim, a falta de um processo de integração entre os setores do desenvolvimento econômico que conforme Sen (2010) ainda são limitantes as melhorias nas condições para que esses atletas possam obter ampliação das suas capacidades e garantias sociais, como por exemplo a oportunidade de diálogo para formulações de políticas públicas em prol do esporte. As liberdades individuais e ampliação das capacidades também precisam ser pautadas para uma efetiva integração do esporte na sociedade, é preciso garantir a igualdade de gênero e a valorização individual da prática da modalidade visando a erradicação do preconceito.

Concluindo, para seguir carreira profissional na marcha atlética e competir no alto rendimento internacional é preciso além de aptidões físicas, boas condições socioeconômicas e atenção do Estado, visto que os atletas são dependentes de uma estrutura que possibilite o trabalho desenvolvido por eles, desde saneamento básico, acesso ao esporte e principalmente ingresso nas universidades, garantindo a melhora nas condições socioeconômicas das famílias e conseqüentemente a continuidade de uma trajetória esportiva de sucesso. Diferente disso, para se tornar atleta olímpico, competição de maior prestígio social e alcance global, além de todas essas condições satisfeitas, a renda e o tempo destinado aos treinamentos devem ser superiores à média dos atletas do ranking brasileiro.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. et al. Perfil sociodemográfico, socioeconômico e esportivo de tenistas infantojuvenis brasileiros de elite. **Movimento**, v. 24, n. 1, p. 65–78, 2018.

ANTONELLI, M. **DIAGNÓSTICO DOS CENTROS DE TREINAMENTO DE ALTO RENDIMENTO DO BRASIL CUJAS MODALIDADES ATENDIDAS TÊM EXPECTATIVA DE CONQUISTA DE MEDALHAS NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2016.

ATHLETICS, W. **20 Kilometres Race Walk men**. Disponível em: <<https://www.worldathletics.org/competitions/olympic-games/the-xxxi-olympic-games-7093747/results/men/20-kilometres-race-walk/final/result>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

ATHLETICS, W. **Women's 50km race walking event added to IAAF World Championships London 2017 programme**. Disponível em: <<https://www.worldathletics.org/news/press-release/world-championships-london-2017-women-50km-wa>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

ATHLETICS, W. **History**. Disponível em: <<https://www.worldathletics.org/heritage/history>>. Acesso em: 12 nov. 2020a.

ATHLETICS, W. **world ranking rules**. Disponível em: <<https://worldathletics.org/world-ranking-rules/race-walking>>. Acesso em: 13 nov. 2020b.

ATHLETICS, W. **Committee makes key recommendations for future of the discipline**. Disponível em: <<https://www.worldathletics.org/news/press-release/race-walking-committee-recommendations>>. Acesso em: 5 nov. 2020c.

ATHLETICS, W. **Calendar**. Disponível em: <<https://www.worldathletics.org/world-ranking-calendar>>. Acesso em: 5 nov. 2020a.

ATHLETICS, W. **World Athletics amends rules governing shoe technology and Olympic qualification system.pdf**. Disponível em: <<https://worldathletics.org/news/press-releases/shoe-technology-rules-tokyo-qualification-roa>>. Acesso em: 5 nov. 2020b.

AZEVEDO, M. F. DE et al. Formação Escolar E Formação Esportiva: Caminhos Apresentados Pela Produção Acadêmica. **Movimento**, v. 23, n. 1, p. 185–200, 2017.

BENELI, L. DE M. **TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO NO BASQUETEBOL MASCULINO E FEMININO NO BRASIL: estudo retrospectivo**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2018.

BERTOLINO, C. **História da modalidade marcha atlética**. Disponível em: <<https://www.webrun.com.br/historia-da-modalidade-marcha-atletica/>>. Acesso em: 2 out. 2020.

BERTOLINO, C. L. Potencial de Excelência da Marcha Atlética Brasileira. **Motriz**, p. 105–108, 2002.

BERTOLINO, C. L. Marcha Atlética: análise do suposto conceito antinatural da modalidade. **Revista científica multidisciplinar núcleo do conhecimento**, p. 49–60, jun. 2020.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base**. [s.l: s.n.].

CARVALHO, C. M. et al. Dos jogos escolares brasileiros às olimpíadas : a trajetória escolar de atletas olímpicos brasileiros From the brazilian school games to the olympics : the school trajectory of brazilian olympic athletes. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, v. 01, n. 1, p. 1–8, 2013.

CBAT. **Delegação do Brasil Atenas 2004**. Disponível em: <www.cbato.org.br/selecoes/delegacoes/2004/jogos_olimpicos.asp>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CBAT. **Galdino na marcha**. Disponível em: <<http://www.cbato.org.br/noticias/noticia.asp?news=1511>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CBAT. **Campeonato Mundial de atletismo Juvenil 2006**. Disponível em: <http://www.cbato.org.br/selecoes/delegacoes/2006/mundial_juvenil.asp>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CBAT. **Caio Bonfim obtém o 4º lugar na marcha**. Disponível em: <<http://www.cbato.org.br/noticias/noticia.asp?news=4095>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CBAT. **Campeonato mundial de atletismo juvenil 2012**. Disponível em: <http://www.cbato.org.br/selecoes/delegacoes/2012/Del_CM_Juv_12.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CBAT. **Erica Sena é campeã do Circuito IAAF de Marcha Atlética**. Disponível em: <<http://www.cbato.org.br/novo/noticias/noticia.aspx?id=9454>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CBAT. **Campeonato Mundial de Atletismo Doha 2019**. Disponível em: <<http://www.cbato.org.br/repositorio/selecoes/delegacoes/del.cmadulto2019doha.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CBAT. **Delegações do atletismo brasileiro de 2004 a 2016**. Disponível em: <<http://www.cbato.org.br/site/?pg=125>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CIDADANIA, M. DA. **bolsa atleta**. Disponível em: <<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-atleta>>. Acesso em: 2 jan. 2021.

DE ARAÚJO, C. F.; SANTOS, R. A. DOS. **A Educação Profissional De Nível Médio E Os Fatores Internos/ Externos Às Instituições Que Causam a Evasão Escolar**. (C. F. de; R. A. dos S. Araújo, Ed.) Taubaté SP: University-Industry Cooperation, 2012 Disponível em: <<http://www.unitau.br/app/webroot/unindu/artigos/pdf525.pdf>>

DE OLIVEIRA NETO, E. T.; BERTUSSI, G. L. Do que é feito um país campeão? Análise empírica de determinantes sociais e econômicos para o sucesso olímpico. **Nova Economia**, v. 25, n. 2, p. 325–342, 2015.

DINIZ, F. R. **O mercado de trabalho dos profissionais do esporte : um estudo do atleta profissional brasileiro**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1989.

HORA, A. DA. **Prova Arnaldo Faustino da Luz**. Disponível em: <<https://patrulheirosmirim.blogspot.com/2007/07/prova-arnaldo-faustino-da-luz.html>>.

Acesso em: 12 out. 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Características gerais dos domicílios e dos moradores: 2019. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, p. 1–8, 2019.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais Uma análise das condições de vida da população brasileira 2020**. 43. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

IBGE, I. B. DE G. E E. **Práticas de Esporte e Atividade Física**. [s.l: s.n.].

IBGE, I. B. DE G. E E. **PNAD Contínua 2019: rendimento do 1% que ganha mais equivale a 33,7 vezes o da metade da população que ganha menos**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27594-pnad-continua-2019-rendimento-do-1-que-ganha-mais-equivale-a-33-7-vezes-o-da-metade-da-populacao-que-ganha-menos>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Orçamentos Familiares 2017-2018**. 1. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. v. 46

JULI, R. B. I. Orígenes y evolución histórica de la marcha atlética. **Apunts: Medicina de L'esporte**, v. XV, p. 233–237, abr. 1978.

KONDER, L. **O QUE É DIALÉTICA**. 28. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LUCAS, J. A. Pedestrianism and the struggle for the sir john astley belt, 1878–1879. **Research Quarterly of the American Association for Health, Physical Education and Recreation**, v. 39, n. 3, p. 587–594, 1968.

MARQUES, R. F. R. et al. Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 2, p. 293–304, 2014.

MATTHEW ALGEO. **Pedestrianism when watching people walk was america's favorite spectator sport**. 1. ed. Chicago Illinois: Chicago Review Press, 2014.

MIRANDA, C. F. **Como se vive de atletismo: um estudo sobre profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para as configurações esportivas**. [s.l.] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

PREBISCH, R. O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas. **Revista Brasileira de Economia**, v. 3, n. 3, p. 47–111, 1949.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SAGRES, A. S.; SILVEIRA, B. M. T. Histórico da escola de educação física e esporte da universidade de São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 14, n. n.esp, p. 184–195, 2000.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOGIPA. **História**. Disponível em: <<https://www.sogipa.com.br/web/histria>>. Acesso em: 13 out. 2020.

TURCO, B. Revista do Atletismo Brasileiro. **Revista Podium**, v. 4, n. 14, p. 8–9, out. 2017.

USIPA. **Usipa.pdf**. Disponível em: <<http://usipa.com.br/index.php/historia-do-clube/>>. Acesso em: 5 out. 2020.

ANDRADE, A. et al. Perfil sociodemográfico, socioeconômico e esportivo de tenistas infantojuvenis brasileiros de elite. **Movimento**, v. 24, n. 1, p. 65–78, 2018.

ANTONELLI, M. **DIAGNÓSTICO DOS CENTROS DE TREINAMENTO DE ALTO RENDIMENTO DO BRASIL CUJAS MODALIDADES ATENDIDAS TÊM EXPECTATIVA DE CONQUISTA DE MEDALHAS NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2016.

ATHLETICS, W. **20 Kilometres Race Walk men**. Disponível em: <<https://www.worldathletics.org/competitions/olympic-games/the-xxxi-olympic-games-7093747/results/men/20-kilometres-race-walk/final/result>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

ATHLETICS, W. **Women's 50km race walking event added to IAAF World Championships London 2017 programme**. Disponível em: <<https://www.worldathletics.org/news/press-release/world-championships-london-2017-women-50km-wa>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

ATHLETICS, W. **History**. Disponível em: <<https://www.worldathletics.org/heritage/history>>. Acesso em: 12 nov. 2020a.

ATHLETICS, W. **world ranking rules**. Disponível em: <<https://worldathletics.org/world-ranking-rules/race-walking>>. Acesso em: 13 nov. 2020b.

ATHLETICS, W. **Committee makes key recommendations for future of the discipline**. Disponível em: <<https://www.worldathletics.org/news/press-release/race-walking-committee-recommendations>>. Acesso em: 5 nov. 2020c.

ATHLETICS, W. **Calendar**. Disponível em: <<https://www.worldathletics.org/world-ranking-calendar>>. Acesso em: 5 nov. 2020a.

ATHLETICS, W. **World Athletics amends rules governing shoe technology and Olympic qualification system.pdf**. Disponível em: <<https://worldathletics.org/news/press-releases/shoe-technology-rules-tokyo-qualification-roa>>. Acesso em: 5 nov. 2020b.

AZEVEDO, M. F. DE et al. Formação Escolar E Formação Esportiva: Caminhos Apresentados Pela Produção Acadêmica. **Movimento**, v. 23, n. 1, p. 185–200, 2017.

BENELI, L. DE M. **TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO NO BASQUETEBOL MASCULINO E FEMININO NO BRASIL: estudo retrospectivo**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2018.

BERTOLINO, C. **História da modalidade marcha atlética**. Disponível em: <<https://www.webrun.com.br/historia-da-modalidade-marcha-atletica/>>. Acesso em: 2 out. 2020.

BERTOLINO, C. L. Potencial de Excelência da Marcha Atlética Brasileira. **Motriz**, p. 105–108, 2002.

BERTOLINO, C. L. Marcha Atlética: análise do suposto conceito antinatural da modalidade. **Revista científica multidisciplinar núcleo do conhecimento**, p. 49–60, jun. 2020.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base.** [s.l: s.n.].

CARVALHO, C. M. et al. Dos jogos escolares brasileiros às olimpíadas : a trajetória escolar de atletas olímpicos brasileiros From the brazilian school games to the olympics : the school trajectory of brazilian olympic athletes. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, v. 01, n. 1, p. 1–8, 2013.

CBAT. **Delegação do Brasil Atenas 2004.** Disponível em: <www.cbato.org.br/selecoes/delegacoes/2004/jogos_olimpicos.asp>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CBAT. **Galdino na marcha.** Disponível em: <<http://www.cbato.org.br/noticias/noticia.asp?news=1511>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CBAT. **Campeonato Mundial de atletismo Juvenil 2006.** Disponível em: <http://www.cbato.org.br/selecoes/delegacoes/2006/mundial_juvenil.asp>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CBAT. **Caio Bonfim obtém o 4º lugar na marcha.** Disponível em: <<http://www.cbato.org.br/noticias/noticia.asp?news=4095>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CBAT. **Campeonato mundial de atletismo juvenil 2012.** Disponível em: <http://www.cbato.org.br/selecoes/delegacoes/2012/Del_CM_Juv_12.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CBAT. **Erica Sena é campeã do Circuito IAAF de Marcha Atlética.** Disponível em: <<http://www.cbato.org.br/novo/noticias/noticia.aspx?id=9454>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CBAT. **Campeonato Mundial de Atletismo Doha 2019.** Disponível em: <<http://www.cbato.org.br/repositorio/selecoes/delegacoes/del.cmadulto2019doha.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CBAT. **Delegações do atletismo brasileiro de 2004 a 2016.** Disponível em: <<http://www.cbato.org.br/site/?pg=125>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

CIDADANIA, M. DA. **bolsa atleta.** Disponível em: <<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-atleta>>. Acesso em: 2 jan. 2021.

DE ARAÚJO, C. F.; SANTOS, R. A. DOS. **A Educação Profissional De Nível Médio E Os Fatores Internos/ Externos Às Instituições Que Causam a Evasão Escolar.** (C. F. de; R. A. dos S. Araújo, Ed.) Taubaté SP: University-Industry Cooperation, 2012 Disponível em: <<http://www.unitau.br/app/webroot/unindu/artigos/pdf525.pdf>>

DE OLIVEIRA NETO, E. T.; BERTUSSI, G. L. Do que é feito um país campeão? Análise empírica de determinantes sociais e econômicos para o sucesso olímpico. **Nova Economia**, v. 25, n. 2, p. 325–342, 2015.

DINIZ, F. R. **O mercado de trabalho dos profissionais do esporte : um estudo do atleta profissional brasileiro.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 2. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1989.

HORA, A. DA. **Prova Arnaldo Faustino da Luz.** Disponível em: <<https://patrulheirosmirim.blogspot.com/2007/07/prova-arnaldo-faustino-da-luz.html>>.

Acesso em: 12 out. 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Características gerais dos domicílios e dos moradores: 2019. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, p. 1–8, 2019.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais Uma análise das condições de vida da população brasileira 2020**. 43. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

IBGE, I. B. DE G. E E. **Práticas de Esporte e Atividade Física**. [s.l: s.n.].

IBGE, I. B. DE G. E E. **PNAD Contínua 2019: rendimento do 1% que ganha mais equivale a 33,7 vezes o da metade da população que ganha menos**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27594-pnad-continua-2019-rendimento-do-1-que-ganha-mais-equivale-a-33-7-vezes-o-da-metade-da-populacao-que-ganha-menos>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Orçamentos Familiares 2017-2018**. 1. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. v. 46

JULI, R. B. I. Orígenes y evolución histórica de la marcha atlética. **Apunts: Medicina de L'esporte**, v. XV, p. 233–237, abr. 1978.

KONDER, L. **O QUE É DIALÉTICA**. 28. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LUCAS, J. A. Pedestrianism and the struggle for the sir john astley belt, 1878–1879. **Research Quarterly of the American Association for Health, Physical Education and Recreation**, v. 39, n. 3, p. 587–594, 1968.

MARQUES, R. F. R. et al. Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 2, p. 293–304, 2014.

MATTHEW ALGEO. **Pedestrianism when watching people walk was america's favorite spectator sport**. 1. ed. Chicago Illinois: Chicago Review Press, 2014.

MIRANDA, C. F. **Como se vive de atletismo: um estudo sobre profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para as configurações esportivas**. [s.l.] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

PREBISCH, R. O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas. **Revista Brasileira de Economia**, v. 3, n. 3, p. 47–111, 1949.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SAGRES, A. S.; SILVEIRA, B. M. T. Histórico da escola de educação física e esporte da universidade de São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 14, n. n.esp, p. 184–195, 2000.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOGIPA. **História**. Disponível em: <<https://www.sogipa.com.br/web/histria>>. Acesso em: 13 out. 2020.

TURCO, B. Revista do Atletismo Brasileiro. **Revista Podium**, v. 4, n. 14, p. 8–9, out. 2017.

USIPA. **Usipa.pdf**. Disponível em: <<http://usipa.com.br/index.php/historia-do-clube/>>. Acesso em: 5 out. 2020.

PIRES, Giovani de Lorenzi. **O BRASIL NA COPA A COPA NO BRASIL**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011. 200 p.

ANEXO: Questionário

Questionário para análise das condições socioeconômicas dos atletas da Marcha Atlética brasileira

*Obrigatório

1. Endereço de e-mail *

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada A RELAÇÃO DAS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS ATLETAS DE MARCHA ATLÉTICA COM O ALTO RENDIMENTO, sob a responsabilidade de FÁBIO PÁDUA DOS SANTOS, professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFSC.

JUSTIFICATIVA: Muitos atletas do atletismo brasileiro não conseguem concluir a transição para a categoria adulto de alto rendimento porque a ausência de condições socioeconômicas favoráveis se torna um obstáculo para que o atleta consiga avançar ou se manter no alto rendimento, evoluindo seu desempenho esportivo, frequentemente em conflito com a conclusão do ensino formal. Por estas razões, a pesquisa da estudante Emily Pistor para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a ser apresentada no Departamento de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina, se justifica pelo esforço de mapeamento das condições socioeconômicas do atleta da Marcha Atlética a fim de identificar seus principais obstáculos e propor políticas públicas de suporte a transição ao alto rendimento.

OBJETIVO(S) DA PESQUISA: Investigar a relação das condições socioeconômicas dos atletas de Marcha Atlética brasileira e contrastar com os resultados obtidos na modalidade.

PROCEDIMENTOS: Para identificar as condições socioeconômicas dos atletas da Marcha Atlética brasileira, a metodologia utilizada propõe convidar os 35 atletas do ranking brasileiro nas provas olímpicas de 20km masculino e feminino e de 50km masculino no ano de 2019. O contato será feito através de e-mail onde o convidado receberá um questionário eletrônico composto por perguntas objetivas estruturadas e semiestruturadas através do aplicativo google forms, limitando-se a uma resposta.

DURAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA: O instrumento de pesquisa ficará disponível para coleta de respostas durante os meses de outubro e novembro de 2020. Estima-se que o tempo de resposta do questionário não excederá 20 minutos.

RISCOS E DESCONFORTOS: Ao responder o questionário você poderá se deparar com os seguintes riscos e desconfortos: desconforto ao responder questões relacionadas à sua vida econômica; constrangimento ao responder questões relacionadas a gênero; cansaço ao responder o questionário; desconforto ao expor alguns detalhes de sua vida social; alteração da autoestima provocada pela lembrança de memórias; alteração da autoestima provocada por reforços na conscientização sobre condições físicas, sociais e econômicas; alteração da autoestima ao se considerar incapaz de responder alguma questão; alteração da visão de mundo em função de reflexões sobre questões relacionadas ao trabalho e à satisfação pessoal e profissional; constrangimento ao responder questões relacionadas a preconceito e desigualdade; quebra de sigilo. Caso você se sinta desconfortável com alguma pergunta, o mesmo poderá optar pela opção "prefiro não responder".

BENEFÍCIOS: No curto prazo não há benefícios diretos associados a pesquisa. Todavia, ao aceitar o convite para responder o questionário, você contribuirá para o mapeamento do perfil socioeconômico e da performance esportiva dos atletas da Marcha Atlética brasileira. As informações geradas pela pesquisa poderão vir a ser utilizadas para fins de políticas públicas com foco no desenvolvimento desta modalidade esportiva, em especial para o desenho de estratégias voltadas para o período de transição no alto rendimento da categoria juvenil para a adulta.

ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Caso necessidade de acompanhamento e assistência para responder ao questionário ou obter qualquer esclarecimento com relação a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Emily Pistor por e-mail emily.pistor@hotmail.com ou por telefone (48) 99118-1394. Caso queira receber o resultado da pesquisa o participante deverá enviar um e-mail para emily.pistor@hotmail.com com o assunto: QUERO RECEBER O RESULTADO DA PESQUISA. Dessa forma, aos que interessar, após a finalização do questionário, será encaminhado uma cópia dos resultados, sem revelar nomes ou informações relacionadas a privacidade.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E/OU RETIRADA DE CONSENTIMENTO Você não é obrigado(a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar de qualquer momento, sem que seja penalizado ou que tenha prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, você não será mais contactado(a) pelos pesquisadores.

GARANTIA DE MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE: Os pesquisadores serão os únicos a terem acesso aos dados, tomando as providências necessárias para manter o sigilo. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, mostrando apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada à sua privacidade.

GARANTIA DE RESSARCIMENTO FINANCEIRO: Você não terá nenhuma despesa advinda da sua participação na pesquisa. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido nos termos da lei.

GARANTIA DE INDENIZAÇÃO: Caso você tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, você poderá contatar o pesquisador prof. Dr. FÁBIO PADUA DOS SANTOS no telefone (48) 99922-3359 ou no e-mail fabio.padua@ufsc.br ou no endereço Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Economia e Relações Internacionais, Rua Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n, sala D203.

2. Nome Completo *

3. RG *

4. E-mail *

5. Local *

Ex. Florianópolis/SC

6. Data *

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

7. Assinatura do participante da pesquisa ou responsável legal *

Declaro que li este documento (ou tive este documento lido por uma pessoa de confiança) e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa. Declaro ainda ter recebido por e-mail uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada digitalmente pelo pesquisador responsável, rubricada em todas as páginas.

Marcar apenas uma oval.

Concordo

Discordo

8. Tipo do domicílio *

Marcar apenas uma oval.

- Casa
- Apartamento
- Habitação (casa de cômodos, cortiço ou outro)
- Prefiro não responder
- Outro: _____

9. Condição de ocupação *

Marcar apenas uma oval.

- Próprio de algum morador, já pago
- Próprio de algum morador, ainda pagando
- Alugado
- Cedido
- Prefiro não responder
- Outro: _____

10. Número do moradores *

Marcar apenas uma oval.

- Apenas 1 morador
- Apenas 2 moradores
- Apenas 3 moradores
- Apenas 4 moradores
- Apenas 5 moradores
- De 6 ou mais moradores
- Prefiro não responder
- Outro: _____

11. Arranjo Familiar *

Marcar apenas uma oval.

- Casal com filhos
- Casal sem filhos
- Unipessoal com filhos
- Unipessoal sem filhos
- Unipessoal
- Prefiro não responder
- Outro: _____

12. Situação do Domicílio *

Marcar apenas uma oval.

- Urbano
- Rural
- Prefiro não responder
- Outro: _____

13. Abastecimento de água (Fonte) *

Marcar apenas uma oval.

- Via rede geral de distribuição
- Via poço profundo ou artesiano
- Via poço raso, freático ou cacimba
- Via fonte ou nascente
- Via outra forma de abastecimento
- Prefiro não responder
- Outro: _____

14. Total de banheiros exclusivos *

Marcar apenas uma oval.

- Um banheiro
- Dois banheiros
- Três banheiros
- Quatro ou mais banheiros
- Prefiro não responder
- Outro: _____

15. Escoamento do esgoto *

Marcar apenas uma oval.

- Escoamento do esgoto via rede geral
- Escoamento do esgoto via fossa séptica ligado à rede geral
- Não possui escoamento do esgoto
- Prefiro não responder
- Outro: _____

16. Destino do lixo *

Marcar apenas uma oval.

- Lixo coletado diretamente
- Lixo coletado em caçamba
- Lixo queimado (na propriedade)
- Lixo outro destino
- Prefiro não responder
- Outro: _____

17. Energia elétrica *

Marcar apenas uma oval.

- Fonte da energia elétrica rede geral
- Fonte da energia elétrica alternativa
- Prefiro não responder
- Outro: _____

18. Posse de bens e serviços *

Marque todas que se aplicam.

- Geladeira
- Máquina de lavar
- Motocicleta
- Automóvel
- Computador
- Telefone
- Acesso à Internet
- Esteira Eletrônica
- TV por assinatura

19. Áreas de risco de desastre ambiental *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

1.2. Grau de instrução dos pais

20. Qual é o nível de escolaridade da sua mãe? *

Marcar apenas uma oval.

- Sem instrução
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Especialização de Nível Superior
- Mestrado
- Doutorado
- Prefiro não responder
- Outro: _____

21. Qual é o nível de escolaridade de seu pai? *

Marcar apenas uma oval.

- Sem instrução
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Especialização de Nível Superior
- Mestrado
- Doutorado
- Prefiro não responder
- Outro: _____

Renda familiar

Considere o valor do salário mínimo para o ano de 2020 de R\$ 1.045,00.

22. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? *

Marcar apenas uma oval.

- Nenhuma renda
- Até 1 salário mínimo
- De 1 a 3 salários mínimos
- De 3 a 6 salários mínimos
- De 6 a 9 salários mínimos
- De 9 a 12 salários mínimos
- De 12 a 15 salários mínimos
- Mais de 15 salários mínimos
- Prefiro não responder

23. Sua família foi OU é beneficiária de algum programa do governo? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

Vivência do Atleta

Informações básicas do atletas

24. Gênero *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não dizer
- Outro: _____

25. Ano de nascimento *

26. Naturalidade *

Ex. Florianópolis/SC

27. Você possui outra profissão além de atleta? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

Educação formal e acesso à cultura

28. Qual seu nível de escolaridade? *

Marcar apenas uma oval.

- Sem Instrução
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Especialização de Nível Superior
- Mestrado
- Doutorado
- Prefiro não responder
- Outro: _____

29. Você já reprovou alguma vez? *

Marcar apenas uma oval.

- Não, nunca
- Sim, uma vez
- Sim, duas vezes
- Sim, três vezes ou mais
- Prefiro não responder

30. Se você deixou de frequentar a escola regular, em que nível você deixou de estudar? *

Marcar apenas uma oval.

- Não frequentei
- Estou frequentando
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Superior
- Especialização de nível superior
- Mestrado
- Doutorado
- Prefiro não responder

31. Se você deixou de frequentar a escola regular, quantos anos você tinha? *

Marcar apenas uma oval.

- Nunca frequentei a escola
- Estou frequentando a escola
- Menos de 10 anos
- Entre 10 e 14 anos
- Entre 15 e 18 anos
- Entre 19 e 24 anos
- Entre 25 e 30 anos
- Mais de 30 anos
- Prefiro não responder

32. Você teve acesso a formações complementares? *

Marque quantas opções forem necessárias.

Marque todas que se aplicam.

- Não tive acesso
- Idioma
- Música
- Artes
- Dança
- Curso técnico
- Prefiro não responder

Outro: _____

33. Qual principal motivo faria você voltar a estudar ou continuar estudando? *

Marcar apenas uma oval.

- Conseguir um emprego
- Progredir no emprego atual
- Conseguir um emprego melhor
- Adquirir mais conhecimento, ficar atualizado
- Atender à expectativa de meus familiares sobre meus estudos
- Não pretendo voltar a estudar
- Prefiro não responder

Outro: _____

34. Como você avalia ter estudado e praticado esportes durante a sua carreira? Assinale a opção que mais se identifica. *

Marcar apenas uma oval.

- Atrapalhou meus treinos
- Possibilitou meus treinos
- Possibilitou meu crescimento pessoal
- Não atrapalhou meus treinos
- Prefiro não responder

Outro: _____

Formação esportiva

Esta seção se refere aos primeiros contatos do atleta com o esporte em geral, período de iniciação esportiva.

35. Praticou algum esporte ANTES da Marcha Atlética? *

Marque quantas opções forem necessárias.

Marque todas que se aplicam.

- Ginástica Rítmica ou desportiva
- Lutas
- Voleibol
- Futebol
- Tênis
- Handebol
- Futsal
- Basquetebol
- Não pratiquei esportes
- Atletismo, outras provas.
- Prefiro não responder

Outro: _____

36. O início destas práticas esportivas, se deram: *

Marcar apenas uma oval.

- Em minha cidade natal ou cidade em que residia com minha família
- Em outra cidade
- Prefiro não responder

Outro: _____

37. Em qual local ocorria estas outras práticas? (Marque a opção mais representativa) *

Marcar apenas uma oval.

- Espaços públicos
 Escola
 Clube
 Não pratiquei
 Outro: _____

38. A prática de outra modalidade se deu para fins: *

Marcar apenas uma oval.

- Recreativos
 Educativos
 Competitivos
 Saúde
 Não pratiquei
 Prefiro não responder
 Outro: _____

39. Com qual idade teve seu primeiro contato com o esporte em geral? *

Marcar apenas uma oval.

- De 0 a 10 anos
 De 11 a 13 anos
 De 13 a 15 anos
 15 anos ou mais
 Prefiro não responder
 Outro: _____

40. Por quanto tempo praticou outra modalidade? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 1 ano
 De 1 a 2 anos
 De 2 a 3 anos
 3 anos ou mais
 Prefiro não responder
 Outro: _____

41. Por que parou de praticar outra(as) modalidade(s)? *

Marcar apenas uma oval.

- Marcha Atlética
 Outras modalidades
 Trabalhar
 Idade
 Motivos de saúde
 Não deixou de praticar
 Nunca praticou outro esporte
 Prefiro não responder
 Outro: _____

42. Em quais provas você iniciou no Atletismo antes de se especializar na Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Provas de campo
- Provas de velocidade
- Provas de meio fundo e fundo
- Marcha Atlética
- Prefiro não responder

43. Teve acesso a treinamento específico no atletismo para alguma prova antes de iniciar na Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Provas de campo
- Provas de velocidade
- Provas de meio fundo e fundo
- Marcha Atlética
- Prefiro não responder

44. Com quantos anos você iniciou na Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- De 0 a 10 anos
- De 11 a 13 anos
- De 13 a 15 anos
- De 16 a 17 anos
- De 18 a 19 anos
- 20 anos ou mais
- Prefiro não responder
- Outro: _____

45. Como foi sua experiência inicial na Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Muito Sofrido	<input type="radio"/>	Muito Prazeroso									

46. Em qual tipo de campeonato você competiu pela primeira vez? *

Marcar apenas uma oval.

- Jogos escolares
- Jogos municipais
- Jogos regionais
- Campeonatos Estaduais
- Prefiro não responder
- Outro: _____

47. Quais fatores influenciaram o seu início na Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Sempre gostei
- Família
- Convite de professores e amigos
- Olimpíadas e atletas famosos
- Remuneração
- Participar de um grupo
- Saúde
- Outros
- Prefiro não responder

48. Onde ocorreu a sua prática? *

Marcar apenas uma oval.

- Na própria cidade
- Em outra cidade
- Prefiro não responder

49. Qual o melhor resultado alcançado no começo da especialização da Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Competições a nível nacional
- Competições a nível estadual
- Competições a nível Sul americano
- Competições a Nível Pan americano
- Competições a Nível Mundial
- Resultados individuais/marcas
- Não se recorda
- Prefiro não responder

50. Durante o processo de especialização, qual a carga horária de treinamento semanal? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 4 horas semanais
- De 4 horas a 6 horas semanais
- Mais de 6 horas semanais
- Prefiro não responder
- Outro: _____

Alto rendimento: resultados e conquistas na Marcha Atlética

Esta seção se refere ao período que em o atleta atua profissionalmente.

51. Qual o seu melhor nível de desempenho alcançado até o momento na prova de 20km ou 50km de Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Competições Olímpicas
- Competições Mundiais
- Competições Panamericanas
- Competições Sulamericanas
- Competições Nacionais
- Prefiro não responder
- Outro: _____

52. Com qual idade ocorreu a conquista do seu melhor nível de desempenho? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 16 anos
- Dos 16 aos 19 anos
- Dos 19 aos 23 anos
- Após os 23 anos
- Prefiro não responder

53. Há algum tipo de limitação que te impeça de obter um melhor resultado? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez
- Prefiro não responder

54. Essas limitações estão relacionadas com quais itens abaixo. *

Marque quantas opções forem necessárias.

Marque todas que se aplicam.

- Apoio Familiar
- Material de trabalho
- Estrutura de treinamento
- Financeira
- Viagens
- Estudos
- Confederações/Federações/Clube
- Regras da IAAF/World Athletics
- Reconhecimento
- Profissionalização do atleta
- Não tenho limitações
- Prefiro não responder

Outro: _____

55. Quais fatores contribuem para a continuação da sua carreira esportiva? *

Marque quantas opções forem necessárias.

Marque todas que se aplicam.

- Resultados
- Incentivo financeiro
- Apoio familiar
- Patrocínio
- Participação em eventos importantes
- Reconhecimento
- Satisfação pessoal
- Qualidade de vida
- Prefiro não responder

Outro: _____

56. Teve alguma lesão durante a carreira? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez
- Prefiro não responder

57. Interrompeu a carreira esportiva por algum motivo? *

Marque quantas opções forem necessárias.

Marque todas que se aplicam.

- Financeira
- Trabalho
- Estudo
- Lesão
- Gravidez
- Contrato não renovado
- Não obtive resultados
- Prefiro não responder

Outro: _____

58. Quanto tempo ficou afastado? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 12 meses
- De 12 a 24 meses
- De 24 a 36 meses
- Mais de 36 meses
- Prefiro não responder
- Outro: _____

59. Quais acompanhamentos profissionais listados abaixo você possui? *

Marque quantas opções forem necessárias.

Marque todas que se aplicam.

- Médico
- Educador físico/Treinador
- Fisioterapeuta
- Nutricionista
- Massoterapeuta
- Psicólogo
- Não possuo acompanhamento
- Prefiro não responder

Outro: _____

60. A maior parte dos acompanhamentos profissionais que você possui são financiados por quais órgãos? *

Marcar apenas uma oval.

- Públicos (municipal/estadual/federal)
- Privados (convênios)
- Particular (por conta própria)
- Prefiro não responder
- Outro: _____

61. No caso de não possuir acompanhamento de um ou mais profissionais, isso impacta negativamente seu desempenho esportivo? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez
- Não sei responder
- Prefiro não responder

62. Qual a carga horária semanal você dedica ao treinamento esportivo de forma geral? (treinamento de marcha atlética, acompanhamentos, musculação, fisioterapia, alongamentos...)*

Marcar apenas uma oval.

- Até 20 horas
 De 20 a 25 horas
 De 25 a 30 horas
 De 30 a 40 horas
 Mais de 40 horas
 Prefiro não responder
 Outro: _____

63. Quanto ao lazer, quais as atividades você costuma desenvolver? Assinale a que mais te representa. *

Marcar apenas uma oval.

- Esportes
 Artes
 Música
 Viagens
 Leitura
 Prefiro não responder
 Outro: _____

64. Em relação a questão cultural, você já sofreu algum tipo de preconceito no decorrer da carreira com relação a Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez
 Prefiro não responder

65. O preconceito afeta negativamente o atleta de Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez
 Prefiro não responder

66. Há desigualdade de gênero no esporte? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez
 Prefiro não responder

67. A desigualdade de gênero afeta negativamente a Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez
 Prefiro não responder
 Outro: _____

68. Você opina nas tomadas de decisões políticas referentes ao desenvolvimento da Marcha Atlética nos âmbitos municipal, estadual ou nacional? *

Marque quantas opções forem necessárias.

Marque todas que se aplicam.

- Sim, Municipal
 Sim, Estadual
 Sim, Nacional
 Não sou consultado
 Prefiro não responder

Outro: _____

69. Há alguma política pública de planejamento da carreira esportiva no Brasil? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez
 Prefiro não responder
 Outro: _____

Núcleo Familiar

Característica do domicílio

70. Tipo do domicílio *

Marcar apenas uma oval.

- Casa
 Apartamento
 Habitação (casa de cômodos, cortiço ou outro)
 Prefiro não responder
 Outro: _____

71. Condição de ocupação *

Marcar apenas uma oval.

- Próprio de algum morador, já pago
 Próprio de algum morador, ainda pagando
 Alugado
 Cedido
 Prefiro não responder
 Outro: _____

72. Número do moradores *

Marcar apenas uma oval.

- Apenas 1 morador
 Apenas 2 moradores
 Apenas 3 moradores
 Apenas 4 moradores
 Apenas 5 moradores
 De 6 ou mais moradores
 Prefiro não responder
 Outro: _____

73. Arranjo Familiar *

Marcar apenas uma oval.

- Casal com filhos
- Casal sem filhos
- Unipessoal com filhos
- Unipessoal sem filhos
- Unipessoal
- Prefiro não responder
- Outro: _____

74. Situação do Domicílio *

Marcar apenas uma oval.

- Urbano
- Rural
- Prefiro não responder
- Outro: _____

75. Abastecimento de água (Fonte) *

Marcar apenas uma oval.

- Via rede geral de distribuição
- Via poço profundo ou artesiano
- Via poço raso, freático ou cacimba
- Via fonte ou nascente
- Via outra forma de abastecimento
- Prefiro não responder
- Outro: _____

76. Total de banheiros exclusivos *

Marcar apenas uma oval.

- Um banheiro
- Dois banheiros
- Três banheiros
- Quatro ou mais banheiros
- Prefiro não responder
- Outro: _____

77. Escoamento do esgoto *

Marcar apenas uma oval.

- Escoamento do esgoto via rede geral
- Escoamento do esgoto via fossa séptica ligado à rede geral
- Não possui escoamento do esgoto
- Prefiro não responder
- Outro: _____

78. Destino do lixo *

Marcar apenas uma oval.

- Lixo coletado diretamente
- Lixo coletado em caçamba
- Lixo queimado (na propriedade)
- Lixo outro destino
- Prefiro não responder
- Outro: _____

79. Energia elétrica *

Marcar apenas uma oval.

- Fonte da energia elétrica rede geral
- Fonte da energia elétrica alternativa
- Prefiro não responder
- Outro: _____

80. Posse de bens e serviços *

Marque todas que se aplicam.

- Geladeira
- Máquina de lavar
- Motocicleta
- Automóvel
- Computador
- Telefone
- Acesso à Internet
- Esteira Eletrônica
- TV por assinatura

81. Áreas de risco de desastre ambiental *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

1.2. Grau de instrução dos pais

82. Qual é o nível de escolaridade da sua mãe? *

Marcar apenas uma oval.

- Sem instrução
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Especialização de Nível Superior
- Mestrado
- Doutorado
- Prefiro não responder
- Outro: _____

83. Qual é o nível de escolaridade de seu pai? *

Marcar apenas uma oval.

- Sem instrução
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Especialização de Nível Superior
- Mestrado
- Doutorado
- Prefiro não responder
- Outro: _____

Renda familiar

Considere o valor do salário mínimo para o ano de 2020 de R\$ 1.045,00.

84. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? *

Marcar apenas uma oval.

- Nenhuma renda
- Até 1 salário mínimo
- De 1 a 3 salários mínimos
- De 3 a 6 salários mínimos
- De 6 a 9 salários mínimos
- De 9 a 12 salários mínimos
- De 12 a 15 salários mínimos
- Mais de 15 salários mínimos
- Prefiro não responder

85. Sua família foi OU é beneficiária de algum programa do governo? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

Vivência do Atleta

Informações básicas do atleta

86. Gênero *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não dizer
- Outro: _____

87. Ano de nascimento *

88. Naturalidade *

Ex. Florianópolis/SC

89. Você possui outra profissão além de atleta? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Prefiro não responder

Educação formal e acesso à cultura

90. Qual seu nível de escolaridade? *

Marcar apenas uma oval.

- Sem Instrução
 Ensino Fundamental Incompleto
 Ensino Fundamental Completo
 Ensino Médio Incompleto
 Ensino Médio Completo
 Ensino Superior Incompleto
 Ensino Superior Completo
 Especialização de Nível Superior
 Mestrado
 Doutorado
 Prefiro não responder
 Outro: _____

91. Você já reprovou alguma vez? *

Marcar apenas uma oval.

- Não, nunca
 Sim, uma vez
 Sim, duas vezes
 Sim, três vezes ou mais
 Prefiro não responder

92. Se você deixou de frequentar a escola regular, em que nível você deixou de estudar? *

Marcar apenas uma oval.

- Não frequentei
 Estou frequentando
 Ensino Fundamental
 Ensino Médio
 Ensino Superior
 Especialização de nível superior
 Mestrado
 Doutorado
 Prefiro não responder

93. Se você deixou de frequentar a escola regular, quantos anos você tinha? *

Marcar apenas uma oval.

- Nunca frequentei a escola
 Estou frequentando a escola
 Menos de 10 anos
 Entre 10 e 14 anos
 Entre 15 e 18 anos
 Entre 19 e 24 anos
 Entre 25 e 30 anos
 Mais de 30 anos
 Prefiro não responder

94. Você teve acesso a formações complementares? *

Marque quantas opções forem necessárias.

Marque todas que se aplicam.

- Não tive acesso
- Idioma
- Música
- Artes
- Dança
- Curso técnico
- Prefiro não responder

Outro: _____

95. Qual principal motivo faria você voltar a estudar ou continuar estudando? *

Marcar apenas uma oval.

- Conseguir um emprego
- Progredir no emprego atual
- Conseguir um emprego melhor
- Adquirir mais conhecimento, ficar atualizado
- Atender à expectativa de meus familiares sobre meus estudos
- Não pretendo voltar a estudar
- Prefiro não responder

Outro: _____

96. Como você avalia ter estudado e praticado esportes durante a sua carreira? Assinale a opção que mais se identifica. *

Marcar apenas uma oval.

- Atrapalhou meus treinos
- Possibilitou meus treinos
- Possibilitou meu crescimento pessoal
- Não atrapalhou meus treinos
- Prefiro não responder

Outro: _____

Formação esportiva

Esta seção se refere aos primeiros contatos do atleta com o esporte em geral, período de iniciação esportiva.

97. Praticou algum esporte ANTES da Marcha Atlética? *

Marque quantas opções forem necessárias.

Marque todas que se aplicam.

- Ginástica Rítmica ou desportiva
- Lutas
- Voleibol
- Futebol
- Tênis
- Handebol
- Futsal
- Basquetebol
- Não pratiquei esportes
- Atletismo, outras provas.
- Prefiro não responder

Outro: _____

98. O início destas práticas esportivas, se deram: *

Marcar apenas uma oval.

- Em minha cidade natal ou cidade em que residia com minha família
- Em outra cidade
- Prefiro não responder

Outro: _____

99. Em qual local ocorria estas outras práticas? (Marque a opção mais representativa) *

Marcar apenas uma oval.

- Espaços públicos
 Escola
 Clube
 Não pratiquei
 Outro: _____

100. A prática de outra modalidade se deu para fins: *

Marcar apenas uma oval.

- Recreativos
 Educativos
 Competitivos
 Saúde
 Não pratiquei
 Prefiro não responder
 Outro: _____

101. Com qual idade teve seu primeiro contato com o esporte em geral? *

Marcar apenas uma oval.

- De 0 a 10 anos
 De 11 a 13 anos
 De 13 a 15 anos
 15 anos ou mais
 Prefiro não responder
 Outro: _____

102. Por quanto tempo praticou outra modalidade? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 1 ano
 De 1 a 2 anos
 De 2 a 3 anos
 3 anos ou mais
 Prefiro não responder
 Outro: _____

103. Por que parou de praticar outra(as) modalidade(s)? *

Marcar apenas uma oval.

- Marcha Atlética
 Outras modalidades
 Trabalhar
 Idade
 Motivos de saúde
 Não deixou de praticar
 Nunca praticou outro esporte
 Prefiro não responder
 Outro: _____

104. Em quais provas você iniciou no Atletismo antes de se especializar na Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Provas de campo
- Provas de velocidade
- Provas de meio fundo e fundo
- Marcha Atlética
- Prefiro não responder

105. Teve acesso a treinamento específico no atletismo para alguma prova antes de iniciar na Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Provas de campo
- Provas de velocidade
- Provas de meio fundo e fundo
- Marcha Atlética
- Prefiro não responder

106. Com quantos anos você iniciou na Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- De 0 a 10 anos
- De 11 a 13 anos
- De 13 a 15 anos
- De 16 a 17 anos
- De 18 a 19 anos
- 20 anos ou mais
- Prefiro não responder
- Outro: _____

107. Como foi sua experiência inicial na Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Muito Sofrido	<input type="radio"/>	Muito Prazeroso									

108. Em qual tipo de campeonato você competiu pela primeira vez? *

Marcar apenas uma oval.

- Jogos escolares
- Jogos municipais
- Jogos regionais
- Campeonatos Estaduais
- Prefiro não responder
- Outro: _____

109. Quais fatores influenciaram o seu início na Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Sempre gostei
- Família
- Convite de professores e amigos
- Olimpíadas e atletas famosos
- Remuneração
- Participar de um grupo
- Saúde
- Outros
- Prefiro não responder

110. Onde ocorreu a sua prática? *

Marcar apenas uma oval.

- Na própria cidade
- Em outra cidade
- Prefiro não responder

111. Qual o melhor resultado alcançado no começo da especialização da Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Competições a nível nacional
- Competições a nível estadual
- Competições a nível Sul americano
- Competições a Nível Pan americano
- Competições a Nível Mundial
- Resultados individuais/marcas
- Não se recorda
- Prefiro não responder

112. Durante o processo de especialização, qual a carga horária de treinamento semanal? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 4 horas semanais
- De 4 horas a 6 horas semanais
- Mais de 6 horas semanais
- Prefiro não responder
- Outro: _____

Alto rendimento: resultados e conquistas na Marcha Atlética

Esta seção se refere ao período que em o atleta atua profissionalmente.

113. Qual o seu melhor nível de desempenho alcançado até o momento na prova de 20km ou 50km de Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Competições Olímpicas
- Competições Mundiais
- Competições Panamericanas
- Competições Sulamericanas
- Competições Nacionais
- Prefiro não responder
- Outro: _____

114. Com qual idade ocorreu a conquista do seu melhor nível de desempenho? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 16 anos
- Dos 16 aos 19 anos
- Dos 19 aos 23 anos
- Após os 23 anos
- Prefiro não responder

115. Há algum tipo de limitação que te impeça de obter um melhor resultado? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez
- Prefiro não responder

116. Essas limitações estão relacionadas com quais itens abaixo. *

Marque quantas opções forem necessárias.

Marque todas que se aplicam.

- Apoio Familiar
- Material de trabalho
- Estrutura de treinamento
- Financeira
- Viagens
- Estudos
- Confederações/Federações/Clube
- Regras da IAAF/World Athletics
- Reconhecimento
- Profissionalização do atleta
- Não tenho limitações
- Prefiro não responder

Outro: _____

117. Quais fatores contribuem para a continuação da sua carreira esportiva? *

Marque quantas opções forem necessárias.

Marque todas que se aplicam.

- Resultados
- Incentivo financeiro
- Apoio familiar
- Patrocínio
- Participação em eventos importantes
- Reconhecimento
- Satisfação pessoal
- Qualidade de vida
- Prefiro não responder

Outro: _____

118. Teve alguma lesão durante a carreira? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez
- Prefiro não responder

119. Interrompeu a carreira esportiva por algum motivo? *

Marque quantas opções forem necessárias.

Marque todas que se aplicam.

- Financeira
- Trabalho
- Estudo
- Lesão
- Gravidez
- Contrato não renovado
- Não obtive resultados
- Prefiro não responder

Outro: _____

120. Quanto tempo ficou afastado? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 12 meses
- De 12 a 24 meses
- De 24 a 36 meses
- Mais de 36 meses
- Prefiro não responder
- Outro: _____

121. Quais acompanhamentos profissionais listados abaixo você possui? *

Marque quantas opções forem necessárias.

Marque todas que se aplicam.

- Médico
- Educador físico/Treinador
- Fisioterapeuta
- Nutricionista
- Massoterapeuta
- Psicólogo
- Não possuo acompanhamento
- Prefiro não responder

Outro: _____

122. A maior parte dos acompanhamentos profissionais que você possui são financiados por quais órgãos? *

Marcar apenas uma oval.

- Públicos (municipal/estadual/federal)
- Privados (convênios)
- Particular (por conta própria)
- Prefiro não responder
- Outro: _____

123. No caso de não possuir acompanhamento de um ou mais profissionais, isso impacta negativamente seu desempenho esportivo? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez
- Não sei responder
- Prefiro não responder

124. Qual a carga horária semanal você dedica ao treinamento esportivo de forma geral? (treinamento de marcha atlética, acompanhamentos, musculação, fisioterapia, alongamentos...)*

Marcar apenas uma oval.

- Até 20 horas
 De 20 a 25 horas
 De 25 a 30 horas
 De 30 a 40 horas
 Mais de 40 horas
 Prefiro não responder
 Outro: _____

125. Quanto ao lazer, quais as atividades você costuma desenvolver? Assinale a que mais te representa. *

Marcar apenas uma oval.

- Esportes
 Artes
 Música
 Viagens
 Leitura
 Prefiro não responder
 Outro: _____

126. Em relação a questão cultural, você já sofreu algum tipo de preconceito no decorrer da carreira com relação a Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez
 Prefiro não responder

127. O preconceito afeta negativamente o atleta de Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez
 Prefiro não responder

128. Há desigualdade de gênero no esporte? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez
 Prefiro não responder

129. A desigualdade de gênero afeta negativamente a Marcha Atlética? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez
 Prefiro não responder
 Outro: _____

130. Você opina nas tomadas de decisões políticas referentes ao desenvolvimento da Marcha Atlética nos âmbitos municipal, estadual ou nacional? *

Marque quantas opções forem necessárias.

Marque todas que se aplicam.

- Sim, Municipal
- Sim, Estadual
- Sim, Nacional
- Não sou consultado
- Prefiro não responder

Outro: _____

131. Há alguma política pública de planejamento da carreira esportiva no Brasil? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez
- Prefiro não responder
- Outro: _____

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários